



FAUESP

Faculdade Unificada do Estado de São Paulo

UNIFICADA

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DA FAUESP

v.5 n.2 - 2º Bimestre 2023

e-ISSN: 2675-1186

Publicada em 30/04/2023

Abril de 2023

UNIFICADA

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DA
FACULDADE UNIFICADA DO
ESTADO DE SÃO PAULO

v.5 n.2 - 2º Bimestre 2023 - Abril de 2023

Publicada em 30/04/2023 e-ISSN: 2675-1186





UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP
v.5 n.2 - 2º Bimestre 2023
Bibliotecário: Mário Fernandes da Silva
Marques (CRB-8/10442)
e-ISSN: 2675-1186
Editoração: FCT Editora
Supervisão: Fernando Curti
Atualizada em: 01/08/2021

DIREÇÃO

DIREÇÃO ACADÊMICA

Prof.^a MSc Claudineia Lopes

DIREÇÃO FINANCEIRA

Prof.^a Esp.^a Sylvia Storniollo

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Prof.^a Msc. Sônia Q. dos Santos e Santos

CONSELHO EDITORIAL

EDITORA-CHEFE

Prof.^a Msc. Sônia Q. dos Santos e Santos

Prof.^a MSc Claudineia Lopes (FAUESP)

Prof.^a Esp.^a Sylvia Storniollo (FAUESP)

Prof. Dr. Marcos Rogério Costa (FAUESP)

Prof. Dr. Gladson Cunha (Fabra/PUC-Rio)

Prof. MSc. José Ivanildo (FAUESP)

Prof. MSc. Marcos Roberto dos Santos
(FAUESP)

SUMÁRIO

Clair da Silva Gianotti

HISTÓRIA DA CULTURA AFRICANA NO BRASIL5

Flavia Marin Wira

O DESAFIO DA INCLUSÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS 12

Juliete Macedo Correa

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS 17

RECICLAGEM E A EDUCAÇÃO21

HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: JOGOS EDUCATIVOS.....25

Lenice Santos

A QUANTIDADE DE ALUNOS AFETA O DESEMPENHO
EM SALA DE AULA 30

A FALTA DE ÉTICA NO AMBIENTE ESCOLARRESUMO 37

O PAPEL DA FAMÍLIA E ESCOLA NA FORMAÇÃO DE
UMA EDUCAÇÃO VOLTADA PARA AS QUESTÕES
AMBIENTAIS43

Lucimeire de Oliveira Soares

O CORPO E O MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL49

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL..... 59

Sandra Jesus Nascimento da Silva

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO AMBIENTE
ESCOLAR 69

Valmira Batista Beserra

A INCLUSÃO DE AUTISTAS NAS SÉRIES INICIAIS 82

Lilian Oliveira

A IMPORTÂNCIA DO PSICOPEDAGOGO NA EDUCAÇÃO... 85

Lilian Oliveira

A IMPORTÂNCIA DAS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
..... 94



EDITORIAL

A divulgação científica é o meio de popularizar o conhecimento produzido nas faculdades e universidades mundo a fora. É também uma forma de interação entre os espaços acadêmicos, muitas vezes, percebidos como espaços elitizados e distantes da realidade pública.

Pensando nessas duas situações é que nós, da FAUESP, estamos apresentando a sociedade brasileira a Revista UNIFICADA, um periódico acadêmico de circulação semestral voltado para a divulgação ensaios, relatórios de pesquisas e artigos científicos num viés multidisciplinar.

Sendo o nosso objetivo divulgar, tornando público o conhecimento produzido por diversos meios e em diferentes perspectivas científicas, nesta edição, apresentamos sete artigos que englobam as áreas da Educação, Literatura e Direito.

Nós da FAUESP entendemos que a educação não é apenas um meio de desenvolvimento pessoal, porém, que educar vai além da formação do aluno. Educar significa agir na transformação da realidade em que nos encontramos, de modo que possamos cumprir a nossa Missão:

“Educar, produzir e disseminar o saber universal, contribuir para o desenvolvimento humano, comprometendo-se com a justiça social, a democracia e a cidadania, além de promover a educação, visando o desenvolvimento sustentável do país”.

Boa leitura! Dr. Gladson Cunha
Membro do Conselho Editorial



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

HISTÓRIA DA CULTURA AFRICANA NO BRASIL

GIANOTTI, Clair Da Silva¹ - FAUESP SP

Eixo: história e cultura africana

RESUMO

O presente artigo apresenta a importância da história da cultura africana no Brasil, também mostraremos um breve resumo desde a vinda dos africanos para o nosso país até o dia da Abolição. O trabalho foi feito através de pesquisa de livros e artigos publicados sobre o tema e com base na lei n.º 10.639 / 03 que torna aplicável a história e cultura Afro-brasileira nas escolas. O artigo também mostra a importância da cultura africana para a construção da cultura do nosso País. Afirma-se com esse trabalho que não é só responsabilidade apenas da escola, mas sim um trabalho em conjunto com a família e a comunidade que nos fará um povo que reconhece a contribuição inestimável que os africanos têm com o nosso País, se desde a tenra idade aprendermos a valorizar e respeitar a nossa diversidade cultural, mas nos tornamos uma sociedade igualitária. Constatou-se que o professor é responsável por passar esse conhecimento sobre a história Afro-brasileira e por auxiliar na conscientização dessas crianças para construirmos uma sociedade justa e igualitária para todos.

Palavras-chave: História, Cultura, Afro-brasileira, conscientização.

ABSTRACT

This article presents the importance of the history of African culture in Brazil, we will also show a brief summary from the arrival of Africans to our country until the day of Abolition. The work was done through a search of books and articles published on the subject and based on law n.º 10.639 / 03 that makes Afro-Brazilian history and culture applicable in schools. The article also shows the importance of African culture for the construction of our country's culture. It is affirmed with this work that it is not only the responsibility of the school, but a

¹ Formada em Letras pela Universidade Metodista de São Paulo, 1982. Pedagogia Universidade Nove de Julho (UNINOVE), 2010. Artes visuais Faculdade Morzateum (FAMOSP), 2015. Professora: Educação Infantil Prefeitura de São Paulo desde

2009. E-mail: cgianotti2@yahoo.com.br

work together with the family and the community that will make us a people that recognizes the inestimable contribution that Africans have to our country, if from the beginning age we learn to value and respect our cultural diversity, but we become an egalitarian society. It was found that the teacher is responsible for passing on this knowledge about Afro-Brazilian history and for helping to raise the awareness of these children to build a fair and egalitarian society for all.

Keywords: History, Culture, Afro-Brazilian, awareness.

INTRODUÇÃO

Os africanos trouxeram suas crenças, comidas, músicas e danças, costumes culturais para este país, mas mesmo com a matriz africana tendo uma influência muito rica e forte em nossa cultura, sabemos muito pouco sobre o continente africano, sua cultura e sua contribuição para o nosso País. Grande parte da população brasileira é negra e parda.

O poder e a influência da cultura recriada pelos africanos em solo brasileiro são inegáveis. No entanto, até recentemente, essas contribuições culturais não eram reconhecidas, apreciadas e respeitadas.

Em seguida, referem-se ao caso de distinção entre negros e brancos por serem considerados de raças diferentes.

A maioria dos livros, jornais e outros meios de comunicação fornecem conhecimentos amplos sobre a África, que muitas vezes não conseguem estabelecer uma relação com a verdadeira importância do continente africano no mundo e a construção do nosso País.

Com a promulgação da Lei n.º 10.639 / 03, a valorização cultural da matriz africana que constitui a diversidade cultural do Brasil é obrigatória nas escolas brasileiras.

Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A 79-A e 79-B: Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. (Lei n.º 10.639, de 9 de Janeiro de 2003).

Este artigo tem como objetivo ajudar a contar a história de um dos nossos antepassados, a importância da contribuição da cultura africana para a construção da nossa cultura, também falaremos a obrigatoriedade do ensino da história da cultura Afro-brasileira nas escolas.

HISTÓRIA DA CULTURA AFRICANA NO BRASIL

No Brasil, a escravidão começou com a chegada dos negros que eram traficados da África, a chegada dos negros ao Brasil foi por causa da escassez de mão de obra, pois aqui tinha os índios, mas para o interesse ganancioso dos colonizadores era pouco a mão de obra.

A história dos negros escravizados no Brasil se relaciona com a lenta transição do regime feudal ao regime capitalista, ocorrida na Europa Ocidental da segunda metade do século XV ao final do século XVIII. Era preciso a manutenção da Burguesia Mercantil por meio da ex-

ploração das colônias, por isso o comércio de escravos tornava-se algo altamente lucrativo. As demandas comerciais europeias tiveram grande influência sobre a formação da sociedade brasileira. (SOUZA. GUAISTI, 2018, p.3).

Então para a produção de açúcar na primeira metade do século XVI, traficantes de escravos vendiam africanos como mercadorias no Brasil.

O transporte da África para o Brasil acontecia abaixo dos conveses dos navios negreiros. Os escravos sofriam os piores abusos e “trabalhavam” nas plantações de cana-de-açúcar ou nas minas de ouro.

No século XIX, a escravidão no Brasil foi questionada pela Grã-Bretanha.

Depois que a lei de Bill Aberdeen que proíbe o tráfico de escravos foi aprovada, capacitaram os britânicos a embarcar e apreender navios de países que praticam a prática.

No Brasil só em 1850 que acaba com o tráfico de escravos.

Em 28 de setembro de 1871, foi aprovada a Lei do Ventre Livre, concedendo liberdade às crianças escravas nascidas após essa data.

Em 1885 se deu a lei para garantir a liberdade dos escravos com mais de 60 anos.

No Brasil, a escravidão foi abolida em 13 de maio de 1888, de acordo com a Regra de Ouro promulgada pela princesa Isabel.

O Brasil foi o país que mais recebeu escravos, foram 3,5 milhões a 5 milhões de africanos escravizados.

Para que a cultura africana ganhe visibilidade e espaço na sociedade brasileira, é preciso apoiar determinados movimentos e ações para esse reconhecimento.

Essas relações envolvem a reeducação de diferentes raças e contam com ações que promovam “interfaces” entre o trabalho conjunto, o processo de escolarização, as políticas públicas e os movimentos sociais.

A partir daí, desconstruir as ideologias, mentalidades e preconceitos discriminatórios que permeiam a sociedade contemporânea.

O objetivo dessas ações é promover uma mudança positiva na real situação vivida pela população negra e caminhar em direção a uma sociedade democrática, justa e igualitária que relembre séculos de preconceito desumano e discriminação contra os negros.

Na história do pensamento antirracista, as chamadas ações afirmativas ou políticas de compensação são relativamente recentes.

Alguns grupos de estudiosos, como:

- Antropólogo;
- Museólogo;
- Pesquisadores;
- Escritores;
- Jornalista.

Essas pessoas estão empenhadas em coletar dados sobre a cultura afro-brasileira.

A LDB exige que os sistemas educacionais incorporem o ensino de histórias e culturas afro-brasileiras, africanas e indígenas em suas recomendações curriculares.

Nas propostas de ensino, o negro deve ser considerado como sujeito de sua própria história

e como participante da constituição social brasileira.

Muitas influências culturais dos afro-brasileiros ainda existem hoje. Portanto, deve-se atentar para a história da cultura afro-brasileira. Seja pelo reconhecimento social ou pelo trabalho dos alunos, as raízes da solidariedade e da compreensão da diferença estão na sala de aula.

Concluiu-se que os povos africanos tiveram um papel importante na formação da cultura brasileira, pois contribuíram para a formação da identidade cultural afro-brasileira ao integrar seus costumes e práticas à sociedade brasileira.

Essa curiosidade sobre a cultura afro-brasileira se reflete em uma série de estudos que nos informam e ensinam sobre a expressão e o desenvolvimento histórico da cultura afro-brasileira.

A diversidade cultural faz parte da história do Brasil, o qual é composto por um território amplo, extenso e diversificado. Verifica-se, através dos registros históricos, que muito antes do descobrimento do Brasil pelo português Pedro Álvares Cabral, em 22 de abril do ano de 1.500, os indígenas já habitavam em território brasileiro, sendo que os principais disseminadores da cultura brasileira são primeiramente os povos indígenas, em seguida, os colonizadores europeus e os escravos africanos, e, posteriormente, os imigrantes italianos, japoneses, alemães, poloneses, árabes, entre outros. (OLIVEIRA, 2017, p. 6).

A música composta por afro-brasileiros combina a influência da África Subsaariana com elementos portugueses e, em menor medida, com a música nativa americana, apresentando uma variedade de estilos.

A música pop brasileira é profundamente influenciada pelos ritmos africanos.

No que diz respeito à culinária africana, o prato nacional do Brasil, a feijoada, era feito em cozinhas de escravos e servido como comida para escravos desde os tempos coloniais. Atualmente, porém, a feijoada brasileira é considerada uma adaptação tropical da feijoada portuguesa. No entanto, a culinária regional brasileira é inspirada na culinária africana e combina elementos da culinária europeia e local.

O movimento de influência afro-brasileira que melhor incorpora a cultura africana é a capoeira.

A capoeira tornou-se um esporte defensivo ensinado aos escravos capturados no Brasil.

Uma dança, uma luta, uma arte marcial, a capoeira apresenta-se hoje como uma mistura de arte marcial, esporte, cultura popular e música. No passado, os africanos eram proibidos de jogar a capoeira, como expressão da revolta contra o tratamento violento a que eram submetidos, passaram a praticar a luta tradicional do sul de Angola nos terrenos de mata mais rala conhecidos como capoeiras. (SOUZA. GUASTI, 2018, p. 4 e 5).

Com o passar dos anos, porém, esses movimentos, que antes eram lutas, passaram a fazer parte do ritmo da música africana, dando origem à dança.

No nordeste a influência cultural africana é ainda mais forte.

O território brasileiro abriga a maior população africana fora da África, por isso a cultura desses povos tem grande influência em nosso país.

Hoje temos certeza que a cultura negra também é essencial para a formação da identidade

de nossa nação, e é por isso que a cultura afro-brasileira deve ser introduzida nas escolas desde o ensino infantil.

O povo africano tem dado importantes contribuições para a formação do Brasil, tanto no que se refere à composição física da população quanto na formação da cultura, incluindo alimentação, língua, música, religião, estética, valores sociais e emocionais.

De fato, a cultura é uma arte, é um sistema de símbolos e significados, isto é, a cultura envolve diferenças e semelhanças, entre (linguagens, relações de parentesco, gênero, religiões, crenças, vestimentas, cardápio, tradições, arte, economia, valores, etc.), sendo estes, estabelecidos pelo grupo o qual as pessoas estão inseridas. Contudo, entende-se por diversidade uma variedade. (OLIVEIRA, 2017, p. 5).

Portanto, podemos dizer que este grande intercâmbio cultural transcende a região e se torna uma cultura única.

Sobre a música, os instrumentos africanos são muito usados aqui no Brasil, temos grande influência dos ritmos africanos.

Alguns instrumentos Africanos:

- Afoxé;
- Agogô;
- Atabaque;
- Berimbau;
- Tambor.

O povo brasileiro é uma sociedade mista, por isso a cultura brasileira é considerada uma das mais ricas.

Então devemos sempre fazer das escolas espaços para conscientização e eliminar preconceitos e práticas discriminatórias.

As escolas devem adotar um plano de inclusão positiva e apoiar reformas curriculares para fortalecer e reforçar esses avanços culturais, integrando-os ao cotidiano dos alunos, enfatizando o combate ao racismo e todas as formas de discriminação.

O educador tem um papel importante nesse processo, entendendo sua importância e auxiliando na implementação de diretrizes educacionais que visem a integração na prática da história e da cultura afro-brasileira dentro e fora das salas de aula.

Não devemos esquecer da responsabilidade da família e da comunidade em geral em ajudar a escola na realização desse importante processo de educação cultural das crianças.

Encontramos grande necessidade de políticas públicas que apoiem e estimulem o desenvolvimento social, econômico e político das comunidades brasileiras, o negro foi, é e sempre será um dos pilares deste país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa detalhada neste artigo, toda a discussão e análise da pesquisa, o desenvolvimento da Lei nº 10.639/03 e a diretriz educacional, ainda precisamos de um portfólio

mais completo para informar e reafirmar a importância da cultura afro-brasileira a todos os habitantes deste país.

Precisamos falar sobre como os negros estão sendo explorados no Brasil, e precisamos discutir os desafios que os educadores das escolas brasileiras têm que superar para estudar esse tema em sala de aula.

A Dança e a Música compreendem as Diretrizes Curriculares Nacionais de Ensino e Ensino das Relações Étnico-Raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e os princípios que as regem, para a incorporação de temas ao currículo.

É preciso lembrar que falar sobre a cultura afro-brasileira não é apenas papel das escolas, mas de todos que fazem parte do convívio de uma criança.

É responsabilidade de todos como sociedade ajudar e apoiar esses profissionais na aplicação de temas como relações raciais, multiculturalismo, diversidade, escravidão e racismo na educação escolar que são relevantes para o tema do artigo, pois a sala de aula é fundamental das ferramentas educacionais.

São necessários esforços para desconstruir a imagem negativa dos países africanos e, assim, as ideologias, mentalidades e preconceitos discriminatórios que permeiam a sociedade contemporânea.

Mais importante ainda, para valorizar essa cultura, devemos respeitar a diversidade, quebrar certos estereótipos, promover a justiça social, respeitar e reconhecer os direitos que os negros foram negados por muitos anos e contribuir para a formação, desenvolvimento e crescimento de nossa nação.

Não podemos esquecer nossas origens culturais, pois assim construiremos um País justo e igualitário. Aprender a conviver e respeitar as nossas diferenças é essencial para o crescimento da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União (DOU). Brasília – DF. 1996.

LIMA, Tânia, NASCIMENTO, Izabel, OLIVEIRA, Andrey. **Griots - culturas africanas: linguagem, memória, imaginário**: Natal. Lucgraf, 1. ed. 2009.

OLIVEIRA, Rosane Machado. **Diversidade Cultural: A Importância das Diversas Culturas no Ensino-Aprendizagem, no Desenvolvimento da Cidadania e na Preservação de Valores Éticos e Morais**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Vol. 01. pp 376-403, Abril de 2017. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br>>. Acesso em 21 de Junho de 2022.

SOUSA, Cynthia Pereira. CATANI, Denice Barbara. LUGLI, Rosário Genta. SILVA, Vivian

Batista. **Multiplicidades Culturais e Representações. A Diversidade e o Trabalho escolar.** São Paulo: FAFE- Fundação de Apoio à Faculdade de Educação, 2006.

SOUZA, Izabel Cristina de. GUSTI, Maria Cristina Figueiredo Aguiar. **Cultura Africana e sua Influência na Cultura Brasileira.** Anais do XLI ENEBD Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - RJ. 2018. Disponível em: <<https://www.google.com/>>. Acesso em 21 de Junho de 2022.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

O DESAFIO DA INCLUSÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Flavia Marin Wira

Eixo: Educação Inclusiva

RESUMO

Esse trabalho tem o objetivo de ressaltar a importância da inclusão da criança surda nas escolas da rede regular de ensino. Qual o desafio dos professores, funcionários, equipe gestora e família na inclusão de crianças surdas na rede regular de ensino, priorizando a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como sua primeira língua para comunicação e formação, fato esse que muitos professores desconhecem e ao receber um aluno surdo não conseguem incluir de forma que ele participe das atividades desenvolvidas tendo as adaptações conforme suas necessidades e respeitar sua cultura e incluir os demais alunos para essa nova realidade, criando um ambiente agradável de ensino e aprendizagem para todos com atividades de socialização e interação , sendo necessário para esse acontecimento uma reformulação no projeto político pedagógico onde essa criança seja incluída e seus direitos respeitados quantos ao seu processo ensino aprendizagem, sendo necessário a realização de formações dos educadores e demais funcionários para não só saber incluir o aluno surdo, mas as demais deficiências que estão presentes nas escolas.

ABSTRACT

This paper aims to highlight the importance of the inclusion of deaf children in schools in the regular school system. What is the challenge of faculty, staff, management team and family in the inclusion of deaf children in the regular school system, prioritizing POUNDS (Brazilian Sign Language) as their first language for communication and training, a fact that many teachers are unaware and receiving a deaf student can not include so that they participated in the activities with the adjustments according to your needs and respect their culture and include other students to this new reality, creating a pleasant environment for teaching and learning for all with socialization and interaction activities and it is necessary for this event an overhaul in the pedagogical political project where the child to be included and their rights respected how their learning process, being necessary to conduct training of teachers and other employees not only know include the deaf student, but other deficiencies that are present in schools.

Keywords: inclusion deaf child , adaptation of activities.

INTRODUÇÃO

Ao observar desabafos de professores em artigos e revistas em que o assunto em pauta é a inclusão em especial da criança surda, observa-se como alguns professores se sentem despreparados para lidar com essa nova realidade em receber um aluno surdo, que muitas vezes chega à escola sem se reconhecer sua própria identidade, pois muitas vezes os alunos crescem sem ter contato com outros surdos e não reconhecem entre seus pares, são educados pelos pais, que na maioria das vezes são ouvintes e que não buscaram ajuda e em alguns casos foram mal orientados por profissionais sobre a surdez e não sabem quais os caminhos poderiam percorrer para auxiliar o filho para uma comunicação, sendo com o uso de um aparelho auditivo, implante coclear e a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Quando os pais são orientados desde o primeiro instante sobre a surdez e direcionado a criança podem evoluir com muito mais facilidade, pois irá ter uma comunicação com o meio em que está inserida, por esse motivo quanto mais rápido a criança reconhecer seus pares, conhecer a Língua Brasileira de Sinais, melhor será seu desenvolvimento e sua aprendizagem.

Temos dois exemplos típicos de casos de crianças surdas que ingressam na escola, o primeiro caso é a criança que os pais não aceitam a deficiência auditiva e com isso não buscam recursos de comunicação seja por LIBRAS, um implante coclear ou um aparelho auditivo dependendo da lesão que a criança apresenta e a criança entra na escola com gestos que aprendeu em casa para se relacionar e na escola não é compreendido pelo professor da sala, intérprete e o professor especialista na sala de apoio.

O professor especialista que precisa começar um processo de ensinar a LIBRAS com sinais básicos como: pedir um copo com água ou ir ao banheiro e começar a ter uma comunicação e comecar um processo de inclusão através da compreensão de sua identidade.

O Segundo caso é a criança que ingressa na sala das redes regulares de ensino e quando a família ao primeiro laudo médico compreende e aceita a deficiência procura recursos e formas para incluir a criança em sua cultura e na sociedade que está inserida, em alguns casos temos os pais que também buscam aprender a língua de sinais e a criança ao ingressar à escola se depara com uma realidade de escola que não é inclusiva, porém a inclusão não acontece, falta à comunicação que deveria acontecer com um professor bilíngue, sala de apoio e funcionários bilíngues um ambiente acolhedor e de aprendizagem.

Ao ingressar em uma escola regular, muitas vezes são únicos com essa deficiência e com professores, que por muitas vezes não sabem como lidar e tratam o aluno como se tivessem uma doença cognitiva em que o aluno não consegue acompanhar os demais alunos e não permite evoluir em sua aprendizagem nos dias de hoje encontramos professores que ainda resistem em compreender os direitos dos deficientes auditivos, sendo que o aluno tem direito de se comunicar e expressar através da sua Língua visual motora. Conforme Art. 1º da Lei 10.436:

Nas escolas bilíngues a necessidade de se contratar professores bilíngues que sejam fluentes na Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa e que principalmente estejam inseridos na cultura surda e realmente sabiam da importância e da responsabilidade da alfabetização e do letramento dessa criança, pois um aluno surdo muitas vezes se sente inferior por não com-

preender o universo letrado que está inserido e com isso alguns se fecham ao mundo e depois de período nas escolas deixam de ir à escola, por não serem entendido e deixado de lado como incapazes.

Em escolas em que o ambiente escolar é bilíngue a comunicação ocorre por meio dos pares e apreendem sinais, criam novos sinais e se sentem inseridos na comunidade escolar e se tem uma exigência que os se possível os funcionários conheçam a LIBRAS e que se tenham profissionais surdos em seu quadro de funcionários, as informações são passadas de formas concretas e são utilizados recursos tecnológicos, materiais visuais entre outros recursos que ajudem na aprendizagem, pois compreendem que o surdo aprende a partir concreto.

Em algumas escolas da rede regular de ensino também encontramos professores especialista, que buscam com o professor de sala ensinar LIBRAS e realizar atividades integradas com a sala de aula regular, porem com outros alunos surdos. Momento que para alguns alunos é único com outro surdo e que trocam informações, tiraram duvidas e até mesmo constituem novas amizade.

Muitos pais resistem em deixar os filhos sozinhos, por ter medo de como a sociedade irá tratar e com isso acabam prejudicando esse aluno no desenvolvimento da sua identidade limitando sua autonomia e restringindo o contato com sua cultura não permitindo participar de encontros em que os surdos se reúnem para trocar experiências, fazer novas amizades e aumentar seu conhecimento quanto aos novos sinais e se atualizar em meio a sua cultura esse conhecimento sobre a cultura surda e a forma que é constituído seu vocabulário, os novos sinais que estão sempre sendo criados conforme a compreensão do objeto ou situação que a informação seja passada de forma clara e significativa é o que falta quando nós deparamos com um único aluno em uma sala de aula regular.

Nas escolas encontramos Interpretes que tem conhecimento em LIBRAS, que por sua vez tentam fazer a mediação entre o professor e o aluno, mas alguns professores por não acreditarem que o aluno surdo seja capaz de aprender e desenvolver cognitivamente e socialmente, como uma criança sem deficiência e não compartilham das atividades com o interprete, que chega a aula sem conhecer devidamente o conteúdo a ser ministrado durante a aula e não consegue interpretar de forma clara e significativa para o aluno surdo.

Quando o professor compreende que o papel do interprete que é de mediar à comunicação, para que através dela ele compreenda os conteúdos e realize suas atividades esse aluno tem um desenvolvimento significativo e muitas vezes acompanha o ritmo da sala, na Constituição está mencionado o pleno desenvolvimento e a educação um direito de todos, compreendendo uma educação de qualidade independente da deficiência que o educando apresente os professores e demais pessoas envolvidas no processo de ensino aprendizagem tem o dever de auxiliar para que ocorra o pleno desenvolvimento para vida social e profissional.

A participação da família nesse processo de aprendizagem desde que tenha se confirmado a deficiência auditiva é de grande importância compreendendo e buscando se comunicar em LIBRAS.

Para Marcia Goldfeld (2002),

...”se pensarmos no caso dos surdos que não tem acesso a língua alguma, percebemos que a situação é de grande gravidade, que estes indivíduos são privados de compartilhar as informações mais óbvias de uma comunidade e, sem um instrumento linguístico acessível, sofrem enormes dificuldades na constituição de sua própria consciência, ou seja, não se constituem com base nas características culturais de sua comunidade e com isso desenvolvem uma maneira de ser e pensar muito diferente dos indivíduos falantes”. (pag. 54 A Criança surda).

Dessa forma compreendemos que quanto mais cedo essa criança estiver inserida na comunidade surda, reconhecer seus pares será melhor seu desenvolvimento nas escolas e na sociedade frequência e as crianças chegam a escola muitas vezes sem compreenderem que são diferentes, mas que são capazes de aprender e a partir desse momento entra o conhecimento do professor que irá tentar trabalhar todas as lacunas que ficaram nesse aluno por não ter sido exposto aos seus pares.

O professor precisa compreender que a sala tem que ter um ambiente alfabetizador como a sala de um ouvinte com figuras junto com os sinais, alfabeto em LIBRAS, propiciar a inclusão não só na adaptação das atividades a ser desenvolvida, mas fazer com que o ambiente esteja o incluindo, nas dependências da escola colocar placas com imagem sinal e escrita em português, pois ao mesmo tempo em que o aluno surdo aprende o ouvinte também e com a equipe gestora promover encontros de formação para que todos os funcionários da escola e compreendem o aluno surdo como um indivíduo de muito potencial desde que receba as informações adequadas para ter uma vida normal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola tem um papel importante que é propiciar momentos para essas trocas de experiências tanto com os alunos surdos como com os demais alunos e em meio dessa interação que pode ser feita através de feiras, peças teatrais e muitos outros movimentos que se inclua a comunidade escolar.

A necessidade que através do Projeto Político Pedagógico (PPP) esteja incluso formações para a equipe gestora, professores, funcionários, pais e alunos atividades que mobilizem a comunidade escolar a buscar informações, cursos e aprender não apenas a LIBRAS, mas obter informações sobre as várias deficiências, de forma que não se tenha nenhum tipo de preconceito e que se compreenda a melhor maneira de torna a sala de aula um ambiente inclusivo.

A escola precisa estar em constante busca para adequar seu currículo e espaço físico as várias deficiências sempre que possível realizar formações constantes com os professores e equipe de funcionários sobre as diversas deficiências, em como recepcionar esse aluno de forma que ele se sinta incluso nas atividades e no espaço.

Quando falamos em espaço para alunos surdos podemos mencionar sobre placas de Banheiro que tenham o símbolo feminino ou masculino, mas também o sinal em Língua Brasileira de Sinais, o sinal para o lanche sendo o sonoro com uma luz em cada sala e ambiente da escola

e nas salas de aulas imagens com sinais em LIBRAS e escrita em Língua Portuguesa e com simples adaptações, tornar a escola um ambiente que se adapta a necessidade de um aluno e não ele que se adapta em prestar atenção no que os alunos fazem para saber o termino de uma aula ou inicio de um intervalo ou até mesmo ir embora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 23/04/2023

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

Agostinho, K. A. (2010). **Formas de participação das crianças na educação infantil**. Tese de Doutorado em Estudos da Criança. Universidade do Minho. Braga-POR.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS

Juliete Macedo Correa

A Educação Ambiental é parte da educação que trata das relações do homem com o seu meio natural, suas interferências no mesmo e as causas que levam o homem a realizar tal tarefa e suas consequências. Segundo Elisio Márcio de Oliveira (2000, p.87), Educação Ambiental é “um processo voltado para a apreciação da questão ambiental sob sua perspectiva histórica, antropológica, econômica, social, cultural e ecológica, enfim, como educação política, na medida em que são decisões políticas, em qualquer nível, dão lugar às ações que afetam o meio ambiente.” Para Genebaldo Freire Dias, em seu livro Educação Ambiental - Princípios e Práticas (2000, p.96), após análise da evolução do conceito de educação ambiental, sintetizam que “seja um processo por meio do qual as pessoas apreendam como funciona o ambiente, como dependemos dele, como o afetamos e como promovemos a sua sustentabilidade”. Para Leff (1998, p.116), no seu livro Saber Ambiental, a preocupação maior não é conceituar Educação Ambiental e sim definir consciência ambiental, o que nos leva a refletir sobre o que precisamos realmente saber sobre a verdadeira Educação Ambiental: “A consciência ambiental manifesta-se como uma angústia de separação de sua origem natural, como pânico de ter entrado num mundo incerto, impenetrável, evasivo e pervertido da ordem simbólica.” Ela remete a análise que o homem separado da natureza, visto que ele é por si só natureza, entra num estado de crise existencial.

O uso excessivo de recursos naturais tem sido a principal causa da destruição de todos os sistemas de sustentação de vida. O surgimento de problemas sócio-ambientais e ameaçadores à sobrevivência da vida na Terra representam um fenômeno relativamente novo para a humanidade, é neste ponto que a questão da educação ambiental entra, visando orientar a necessidade do controle da poluição em escala mundial, que tem ocorrido em decorrência da desenfreada explosão demográfica e do processo de industrialização. Surge, então, a necessidade de processos educativos que proporcionem condições para que as pessoas participem buscando alternativas e soluções aos graves problemas ambientais.

De acordo com a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, a educação ambiental é o processo no qual se constroem valores sociais, habilidades e atitudes, sendo esta desenvolvida como prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis de ensino e sociais.

A Educação Ambiental tem como finalidade, a formação de atitudes favoráveis na relação

com o meio ambiente, motivando sua proteção e melhoria (GADELHA et al. 2002, p. 187), onde sensibiliza os indivíduos quanto à importância de se ter um meio equilibrado e saudável para as gerações atuais e futuras, bem como possibilitar a capacidade de agir como verdadeiros cidadãos em favor do meio ambiente (PEDAGO et al. 2002, p.192).

Considerando que a degradação ambiental é evidente, a reciclagem é a melhor saída e é ecologicamente eficaz, sendo necessário que ocorra a reorientação da educação no sentido de desenvolvimento e sustentabilidade, a ampliação da conscientização pública e o incentivo ao treinamento de reciclagem.

O processo de converter o lixo descartado (matéria-prima secundária) em produto semelhante ao inicial ou a outro, estimulará a cultura e informações ambientais dessas crianças e adolescentes, além de ensiná-los a economizar energia, poupar recursos naturais e trazer de volta ao ciclo produtivo o que é jogado fora.

Assim, com o propósito de construir uma relação cada vez mais estreita entre a educação e a questão ambiental, visa-se levar esse conhecimento às crianças e adolescentes, através da reciclagem do papel.

De acordo com Coimbra (2002, p.406)

A árvore da educação ambiental deve dar frutos de cidadania ativa. Sob o ângulo da consciência ecológica, a educação ambiental precisa traduzir-se em ações. A mobilização da comunidade não é apenas uma forma de educação ambiental, mas aparece com a manifestação dessa cidadania.

A reciclagem do papel é tão importante quanto sua fabricação, pois também pode gerar emprego e além de tudo reduz o uso de matéria prima para a fabricação do papel, ajudando a manter o equilíbrio do meio ambiente, pois para a produção de uma tonelada de papel, a partir de papel usado, o consumo de água é muito menor e o consumo de energia é cerca da metade do usado atualmente. Em uma tonelada de papel reciclado economizam-se cerca de 20 árvores, 75% de energia elétrica, reduz a poluição do ar em 74% menos do que se fosse produzido um novo papel, 2,5 barris de petróleo, 98 mil litros de água.

FORMAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental pode ser entendida de três formas, no sentido estrutural da aprendizagem:

- **Formal:** conteúdos programáticos inseridos nos currículos dos ensinamentos fundamental e médio, especial e de jovens e adultos com o intuito de levar desde cedo às crianças, adolescentes e adultos o ideário básico da preocupação com o meio ambiente, suas primeiras noções sobre os acontecimentos que podem favorecer ou prejudicar o equilíbrio do mesmo. Trabalhos de pesquisa e divulgação destes, no ensino superior (graduação e pós-graduação).
- **Informal:** trabalhos realizados com a sociedade civil para criar ou aumentar a consci-

ência ambiental de uma dada população (de um país, estado, município, bairro, escolas etc). São trabalhos de educação do dia a dia sem preocupação com a formalidade do ensino, e sim para a efetividade da aprendizagem, visto que são questões que serão (ou pretende-se ser) aplicados imediatamente no dia-a-dia das pessoas que estão inseridas nestas populações, como campanhas e programas de televisão ou revistas, out-doors, cartazes, ou trabalhos de ecoturismo.

- Capacitação: aprendizagem técnica de atividades e conteúdos que irão dar suporte para as pessoas responsáveis pela educação ambiental formal ou informal. Trabalho de formação de multiplicadores de informação que irão ser os futuros professores da educação formal ou instrutores da educação informal.

PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Para começar um trabalho com o tema meio ambiente a opção deve partir da escola, para que possa desenvolver um trabalho adequado junto com os alunos. O professor não é “obrigado”, a saber, de tudo, mas sim trabalhar e pesquisar juntamente com os alunos.

O trabalho que o professor terá com os alunos sobre o meio ambiente será a fim de ajudar os alunos a construir uma consciência global das questões relativas ao meio para que possam assumir posições afinadas com os valores referentes à sua proteção e melhoria. E esse signi - ficado será resultado da ligação que o aluno estabelece entre o que aprende e a sua realidade cotidiana.

O trabalho com a realidade local faz parte dos assuntos mais significativos para os alunos, pois estão circunscritos na realidade mais próxima, ou seja, sua comunidade, sua região e isso fazem com que a educação ambiental seja muito importante. Portanto, para que os alunos possam compreender e ampliar as questões ambientais é fundamental oferecer-lhes uma visão abrangente que englobe diversidade de realidades e, ao mesmo tempo, uma visão contextualizada da realidade ambiental, que inclui, além do ambiente físico, as suas condições sociais e culturais.

Além de tudo que já vimos, o professor tem o direito de procurar ajuda na comunidade com a direção da escola, nos livros, com colegas, etc. E questionar com os alunos as informações alcançadas mostrando que o processo do conhecimento é constante, que uma das qualidades mais importantes da espécie humana é a imensa curiosidade e a eterna condição de aprendiz.

O trabalho com o tema meio ambiente deverá proporcionar para os alunos grandes experiências, ampliando assim a consciência sobre as questões relativas ao meio ambiente.

Podemos considerar o meio ambiente em sua totalidade e em seus aspectos natural e construído tanto, tecnológicos quanto sociais. Também construir um processo permanente, desde início da educação infantil e continua durante todas as fases do ensino formal, sendo assim, promover a participação dos alunos na organização de suas experiências de aprendizagem, oferecendo-lhes a oportunidade de tomar decisões e assumir suas consequências.

Por fim o professor deverá estabelecer para os alunos de todas as idades, uma relação entre a sensibilização ao meio ambiente, a aquisição de conhecimentos, a atitude para resolver os pro-

blemas e a clarificação de valores, procurando, principalmente sensibilizar os mais jovens para os problemas ambientais viventes na sua própria comunidade.

Cabe então à escola desempenhar seu papel da melhor forma possível. Apesar de toda a dificuldade que ela possa encontrar, envolvendo aspectos físicos, biológicos, sociais, políticos, econômicos, culturais, científicos, éticos e curriculares, é necessário que sejam tomadas medidas eficazes no controle e conscientização ecológica. Essa demanda formada por crianças e jovens é madura o suficiente não para ser convencida a tomar certas atitudes, mas sim para ser conscientizada a respeito do seu papel como sujeito ativo no desenvolvimento e proteção de seu habitat natural.

“A educação para a cidadania requer que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais. Com isso o currículo ganha em flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais e que novos temas sempre podem ser incluídos” (1998, p.110).

O papel dos professores como orientadores desse processo são de fundamental importância. Como esse campo temático é extremamente relevante para sociedade, os professores precisam se formar e informar para conseguirem desenvolver práticas pedagógicas que supram as necessidades de aprendizagem dos estudantes e da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Roberto Armando Ramos de. **Direito do Meio Ambiente e participação popular**. Brasília: Edições IBAMA, 1998.

ANTUNES, Paulo de Bessa. **Dano Ambiental: Uma abordagem conceitual**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2000.

BONAR, Verônica. **Reciclar**. São Paulo: Scipione, 1996.

BOTELHO, José Maria Leite. **Educação ambiental e formação de professores**. Paraná: GráficaLíder, 2000.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1996.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

RECICLAGEM E A EDUCAÇÃO

Juliete Macedo Correa

A reciclagem é uma das alternativas para o tratamento do lixo urbano e contribui diretamente para a conservação do meio ambiente. Ela trata o lixo como matéria-prima que é reaproveitada para fazer novos produtos e traz benefícios para todos, como a diminuição da quantidade de lixo enviada para aterros sanitários, a diminuição da extração de recursos naturais, a melhoria da limpeza da cidade e o aumento da conscientização dos cidadãos e respeito pelo destino do lixo.

Reciclar significa reaproveitar o que achamos ser lixo. Isso pode ser feito reutilizando-se, totalmente ou parcialmente, o que chamamos de lixo, para ser usado na fabricação de novos produtos.

Hoje em dia vem crescendo muito rapidamente o número de produtos que acabam virando lixo. Jogar fora, pura ou simplesmente, as coisas que não usamos mais, não só poluem o meio ambiente como desperdiçam as preciosas matérias-primas da Terra. A reciclagem está sendo vista como uma importante solução para o problema da poluição.

Reciclar é nada mais que reaproveitar as coisas que compramos, utilizamos e depois jogamos fora. Reciclando ajudamos a poupar os recursos naturais que a terra nos fornece. Muitos desses recursos naturais usados na fabricação de coisas que consumimos: como o petróleo que é usado na fabricação de plásticos e metais, não são renováveis. Isso significa que nossas reservas terrestres são limitadas e, além disso, parte desses recursos não renováveis são usados para fornecer a energia consumida em bens e serviços.

Na natureza o lixo natural é reciclado: os cadáveres e dejetos de animais são decompostos por pequenas criaturas que vivem no solo, como as minhocas, que servem de alimento a outros seres vivos. O gás carbônico que as pessoas e os animais aspiram é absorvido pelas plantas e usado para produzir as substâncias de que precisam para crescer. As plantas liberam o oxigênio que as pessoas e os animais respiram.

Se tudo sempre funcionasse dessa maneira seria maravilhoso e não teríamos problemas com o lixo que produzimos. O lixo é composto de vários tipos de materiais e seus resíduos são produzidos conforme a localidade, hábito e atividade da região da população. Como, por exemplo, a região do litoral que há grande consumo de côco verde, a maioria do lixo a beira das praias são cascas de frutos.

Nas grandes capitais ou centros urbanos podemos encontrar muito papel e materiais sintéticos como: plásticos, isopor, borrachas, etc ou muitas embalagens que foram usadas para

transportar produtos químicos, tóxicos e venenosos.

Os hospitais geram um tipo de lixo que oferece um maior risco de contaminação, pois são jogados diariamente: agulhas, frascos de medicamentos, organismos patogênicos entre outros.

Segundo Cavinatto (1992, p. 71), os arqueólogos e cientistas dão um enorme valor ao lixo encontrado nas escavações de ruínas das antigas cidades e povoados, porque através dos instrumentos e utensílios ficam registrados como eram suas vidas e os costumes de povos que ali habitaram por vários anos.

Em decorrência da própria natureza o lixo sofre decomposição principalmente o lixo doméstico que é formado, em sua maior parte, por material orgânico. A decomposição nada mais é do que uma fermentação que é realizada por micróbios. Essa decomposição resulta em outros compostos como o líquido e gasoso e sempre vem acompanhado por mau cheiro.

Ainda segundo Cavinatto (1992, p.78), nós produzimos aproximadamente meio quilo de lixo por dia. Se por algum eventual motivo os coletores deixarem de recolher os lixos da cidade, em questão de dias acumularemos montanhas de sacos, provocando mau cheiro e criando um ambiente favorável para se proliferarem moscas, baratas, roedores e outros tipos de animais.

Na maioria das cidades, principalmente nos centros urbanos é realizada a coleta através de caminhões que possuem carrocerias adaptadas para a coleta de lixo que é prensado durante as viagens. Nas áreas urbanas, por causa da quantidade de veículos que transitam pelas ruas o lixo é recolhido durante o período noturno. Ao término de cada coleta, o lixo geralmente é descarregado em lixões que ficam afastados das zonas urbanas.

No Brasil o lixo é jogado no solo, sem nenhuma proteção em ar aberto. Claro que essa não é a maneira correta porque gera muitos problemas para o meio ambiente e a saúde do ser humano. Os lixões causam proliferação de micróbios transmissores de doenças graves, deteioriza os recursos naturais, prejudicando indiretamente o homem, causando a decomposição de detritos que servem de alimento a uma porção de microorganismos. Da digestão desse material resulta um líquido denominado chorume.

O chorume é um líquido proveniente de resíduos, este líquido é produzido do desprendimento da umidade contida nos resíduos orgânicos. Através da água da chuva que se infiltra nos aterros sanitários, acontece, então, uma reação química. Junto com a ação bacteriana da decomposição dos resíduos existe o risco de conter substâncias tóxicas e patogênicas que serão lançadas no lixo e sempre que chover essas substâncias serão arrastadas para lagos e rios que nos servem como meio de abastecimento. Por essas e outras razões lixo tem que ser depositado corretamente.

Segundo Cavinatto (1992, p.102), os aterros sanitários depois de determinado tempo, são transformados em parques, campos de futebol e jardins de inúmeras capitais. Graças a esse método utilizado para enterrar os resíduos, os caminhões descarregam sua carga próxima de barrancos e em seguida um trator empurra e passa diversas vezes sobre o material, formando um monte bem compactado, que no final do dia é coberto com terra. Constituindo uma quantidade de lixo no seu interior formando, assim, uma célula de lixo.

TENTANDO SOLUÇÕES

Devolver as embalagens que vem da indústria justifica a importância do trabalho de coletar. A coleta seletiva é uma alternativa ecologicamente correta que desvia os materiais do destino, em aterros sanitários ou lixões, devolvendo-os as suas origens de fabricação para reciclagem.

A essa atividade é preciso destacar a figura dos inúmeros catadores, organizadores em cooperativas, que se associam formando importante e conveniente categoria profissional. Segundo Póleta Gonçalves e Roberto Ibarquem os objetivos mais importantes com a reciclagem são:

“Vida útil dos aterros sanitários são prolongados e conseqüentemente o meio ambiente é menos contaminado, o emprego de matéria prima reciclável economiza recursos da natureza”. (IBARGEM; GONÇALVES, 2007, p. 123)

Especialistas desse assunto defendem a ideia da redução do volume de lixo. Isso exigiria uma grande mudança nos padrões de criação de embalagens promovidas pelo marketing, consumo e hábitos arraigados de descartar a implantação de programas de coleta seletiva do lixo. Nesse caso, é indispensável à colaboração da comunidade no descarte separado dos diversos materiais recicláveis antes da coleta. Uma comunicação de marketing mais ativa orientando consumidores a maneira correta e mais adequada para o descarte das embalagens seria necessário.

Mas um dos problemas mais atuais é a separação dos materiais como papel, vidro e metais, do restante do lixo. Existem usinas de reciclagem onde o lixo misturado pode ser separado. Mas seria mais fácil e prático se o lixo fosse separado nas casas. Em alguns lugares, os materiais diferentes são coletados separadamente.

No Brasil, segundo Tony Hare (1993, p.19), a cidade de Curitiba, no estado do Paraná, foi a primeira a implantar a coleta seletiva do lixo, visando à reciclagem dos materiais. Algumas outras cidades brasileiras já começaram a implantar esse tipo de projeto nas suas localidades.

A coleta seletiva é representada por quatro cores que fazem com que fique mais fácil a identificação dos tambores para que seja recolhido de maneira correta. A cor amarela representa o metal, que é extraído da natureza a partir de rochas que contém minérios que são derretidos para separar o metal das impurezas que é moldado em forma de placas ou barras que são transformados em embalagens e outros produtos.

A cor verde representa a reciclagem de vidro. A fabricação do vidro é feita a partir da areia que contém sílica, a vidraria funde outros elementos com a areia, o vidro se transforma em vários formatos e o produto final chega ao consumidor assumindo várias utilidades.

A cor vermelha representa a reciclagem do plástico a sua fabricação e a partir do petróleo. As indústrias de refino extraem do petróleo a matéria prima para a fabricação do plástico, a resina plástica é moldada e originam-se nos produtos plástico, da coleta seletiva. São derretidos nas fábricas de reciclagem para dar origem a novos produtos.

O azul representa a reciclagem de embalagens ou folhas de papel. O papel é feito a partir da celulose retirada das árvores, a pasta de celulose é prensada e seca nas máquinas formando grandes folhas que são empilhadas e cortadas. Servem para serem impressas em diversas finalidades. Voltando para coleta seletiva, é possível reaproveitar o papel usado que segue para as fábricas de reciclagem em forma de fardos, onde são misturados com água, resultando na pasta de celulose novamente.

O QUE PODE SER RECICLADO?

Vidros: garrafas, frascos de molho e condimentos, potes de produtos alimentícios, frasco de remédios, perfumes e produtos de limpeza, cacos de qualquer uma das embalagens anteriores.

Plásticos: potes (de todos os tipos), embalagens (detergente, shampoo, água sanitária, etc), tampas (de todos os tipos), sacos (leite, arroz, etc).

Metal: Latas, tampas (refrigerante, cerveja, conservas, etc), arames, grampos, fios, pregos, marmitex, alumínio cobre e outros.

Papel: revistas, jornais, papel, caixas de papelão (de todos os tipos).

O QUE NÃO PODE SER RECICLADO?

Vidros: espelhos, vidros de janelas e Box, vidros de automóveis, cristal, lâmpadas, formas e travessas de vidro temperado, ampolas de remédios.

Plásticos: celofane, espumas, embalagens a vácuo e fralda descartável.

Metal: pilhas normais e alcalinas, filtro de ar de carros, latas enferrujadas.

Papel: papel higiênico, guardanapos com comida, copos siliconizados, papel laminados, papel plastificado (embrulho de bolachas), papel carbono.

BIBLIOGRAFIA

FINK, Daniel Roberto. **Aspectos jurídicos do licenciamento ambiental**. São Paulo: Forense Universitária, 2000.

FREITAS, Vladimir Passos de. **Direito Administrativo e Meio Ambiente**. Curitiba: Juruá, 1998.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Editora Pierópolis, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1998.

GADELHA, C.P. et al. **A Arborização como atividade sensibilizadora de crianças do Ensino Fundamental em relação aos problemas Ambientais**. Resumos do 53ª Reunião Nordestina de Botânica, Recife - PE, 2002.

GODOY, Arilda. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, In Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, Mar./Abr.1995, p. 57-63.

HARE, Tony. **Reciclagem**. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

HAWKEN, Paul; LOVINS, Amory; LOVINS, L. Hunter. **Capitalismo Natural**. São Paulo: Editora



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: JOGOS EDUCATIVOS

Juliete Macedo Correa

Os jogos fazem parte da construção de diversas sociedades, pois se apresentam em diversos momentos da História, com particularidades próprias de cada povo, mas gerando aprendizagem em diversas áreas e com a instituição do ensino contemporâneo podem se tornar uma ferramenta de trabalho para os educadores.

No ambiente escolar é possível trabalhar com diversos tipos de jogos, pois estes apresentam vários objetivos diferenciados, como o desenvolvimento de estratégias, raciocínio lógico, abstrato ou matemático. Ao trabalhar com jogos o educador busca estimular a aprendizagem dos seus estudantes, que são parte de uma sociedade rica em informação, o que muitas vezes dificulta a sua seleção de informações úteis e pertinentes.

Os jogos sempre fizeram parte da história da humanidade, existem registros de jogos durante a Antiguidade. As olimpíadas foram criadas na Grécia Antiga e aliavam os jogos à paz; os maias utilizavam jogos que desenvolviam habilidades físicas, outros grupos indígenas criaram jogos com materiais que encontravam na natureza como a peteca; os egípcios tinham jogos de tabuleiro, que foram encontrados em pirâmides, junto à múmia de crianças. A humanidade a cada tempo estabelece uma relação com os jogos, sejam eles voltados para aprendizagem ou não.

Na sociedade atual, o desenvolvimento da aprendizagem está relacionado com diversas vertentes, os conhecimentos prévios, o interesse do aluno, a forma como são desenvolvidas habilidades e competências. A escola possui muitos recursos para desenvolvimento de crianças e adolescentes, sendo os jogos com fins pedagógicos um destes.

Atualmente, o acesso à informação é muito facilitado pelas novas tecnologias como smartphone, tablet, notebook, ou seja, mecanismos que permitem acesso à rede de informações, a internet. O imediatismo social tem reflexo dentro das unidades escolares que recebem alunos que apresentam muitas dificuldades em aprender devido ao modelo tradicional de ensino, neste contexto os jogos com objetivos pedagógicos surgem como uma maneira de despertar o interesse do aluno pelo ensino.

Os jogos, como participantes ativos da aprendizagem, sofreram com diversas influências sociais, durante a Antiguidade os jogos foram vistos como ferramentas auxiliares no desenvolvimento do conhecimento. Durante a Idade Média, devido à mentalidade católica, foram bani-

dos de muitos locais, pois eram iguados a jogos de azar que trariam prejuízo aos participantes, principalmente poderiam levar ao vício.

O Renascimento das artes intimamente relacionado com a Antiguidade deu novo status aos jogos no sentido que estes voltam a fazer parte da aprendizagem; a era industrial tenta inibir a prática dos jogos, pois este é um momento da História que exige o maior número de esforços voltados ao trabalho, conseqüentemente ao lucro (Lima, 2008).

A educação infantil atualmente trabalha com brincadeiras e jogos que são parte do desenvolvimento infantil; já no Ensino Fundamental cabe ao docente decidir trabalhar com os jogos, seja na aplicação, desenvolvimento e criação. A partir das propostas pedagógicas; o recurso lúdico pode ser usado não apenas como outra forma de aprendizagem, mas também como caminho para desenvolvimento do raciocínio, sendo este conceito entendido como maneira de aprender a interpretar fatos, criar ideias, e formular hipóteses.

O jogo implica para a criança muito mais do que o simples ato de brincar. Através do jogo, ela está se comunicando com o mundo e também está se expressando. Para o adulto o jogo constitui um 'espelho', uma fonte de dados para compreender melhor como se dá o desenvolvimento infantil. Daí sua importância (FRIEDMANN, 1996, p.14).

Os jogos utilizados como ferramentas escolares apresentam diversas possibilidades de aprendizagem, observação do comportamento de crianças e jovens, como as regras são interpretadas, oferecem ao profissional da Educação formas de avaliar diferentes dos recursos tradicionais.

A era digital trouxe amplos conhecimentos ao mundo, mas exige um olhar mais atento dos educadores, que necessitam desenvolver habilidades e competências durante os anos de escolarização, mas encontram forte resistência; os alunos que conseguem tantas informações em pouco tempo acabam perdendo na questão da criatividade, resolução de problemas, ou seja, em tudo aquilo que exija um pouco mais de concentração, e tempo para ser realizado:

Uma das principais razões para se estar preocupado com demasiadas informações acessíveis aos jovens é a possibilidade de efeitos negativos na tomada de decisão. A capacidade de um indivíduo para tomar decisões adequadas depende muito da quantidade de informações à qual ele é exposto. A experiência de vida sugere que mais informações aumentam a qualidade das decisões. Se uma pessoa toma decisões obtém poucas informações, ela não consegue enxergar o quadro geral e corre o risco de tomar uma decisão sem levar em conta informações importantes. Mas a correlação positiva entre a quantidade de informações e a qualidade da tomada de decisão tem limitações. Em algum ponto, informações adicionais não podem ser processadas e integradas. Na verdade, as informações extras podem resultar em sobrecarga de informações, com conseqüências que incluem confusão, frustração, pânico ou até mesmo paralisia... A sobrecarga de informações limita a capacidade dos jovens de tomar boas decisões... (PALFREY, 2011, Pp.215-216).

Às equipes escolares, docentes e gestores cabe o papel de criar mecanismos de ensino que se aproximem da sociedade, relacionando e utilizando os conhecimentos prévios dos alunos, e ao mesmo tempo orientando sobre o perigo do excesso de informações, para o desenvolvimen-

to do raciocínio fundamental a todos os seres humanos.

JOGOS, RACIOCÍNIO E OS COMPONENTES CURRICULARES

A aprendizagem que acontece dentro do ambiente escolar engloba vários campos da vida humana, para tanto é necessário por parte do corpo docente ter objetivos claros e determinados; ao escolher os conteúdos a serem ensinados, o profissional escolhe também as habilidades e competências a serem desenvolvidas.

Segundo Antunes, 2001, o jogo como recurso pedagógico está inserido na escolha das habilidades e competências, e tem como objetivo camuflado despertar o interesse do aluno levando a aprendizagem significativa, termo este que faz referência ao fato que o aluno precisa aprender para vida, e não para as provas.

Aprender nada mais é do que descobrir significados, estabelecer conexões, associar o que se ouve a experiências e emoções vividas. Isso vale para as palavras da atividade, para um texto, uma teoria, uma hipótese ou qualquer coisa que se pretenda ensinar. E, se é válido para os signos verbais, certamente também o será para os signos numéricos, geométricos e outros. (ANTUNES, 2001)

A proposta de trabalho com jogos pode ser praticada de várias maneiras diferentes, os educadores podem escolher jogos prontos que estimulem a aprendizagem do conteúdo; podem solicitar a criação dos jogos por parte dos alunos em grupos, que depois trocarão com os colegas, a escolha vai depender da fase de aprendizagem dos estudantes, e os objetivos a serem alcançados.

O uso dos jogos em sala de aula pode atingir todas as faixas etárias, e principalmente todos os componentes curriculares, pois no papel de recurso pedagógico os jogos se adequam aos conteúdos, por exemplo, o jogo de dominó pode ser modificado para trabalhar as quatro operações (adição, subtração, multiplicação e divisão) nas aulas de matemática; jogos de tabuleiro podem ser criados, a partir de questões históricas; jogos eletrônicos prontos disponíveis na internet trabalham com diversos conteúdos curriculares, muitos jogos de vídeo game trabalham com questões históricas.

O uso dos jogos pedagógicos pode ser utilizado por todas as disciplinas, mas atualmente estudos sobre os jogos no Ensino Fundamental II e Médio parecem se concentrar nas áreas de exatas, muito provavelmente relacionado à falta de interesses dos alunos brasileiros, o que acaba por mistificar área como de difícil aprendizagem.

O passo inicial ao educador que vai trabalhar com jogos é ensinar o conteúdo, escolher os jogos, testá-los, apresentar o jogo, explicar as regras, tirar as dúvidas sobre os jogos e os conteúdos, dividir a sala em grupos, e permitir que os alunos façam uso do material, sempre observando se os objetivos estão sendo alcançados ou não, ou seja, antes de tudo os objetivos devem estar claros.

Por meio de atividades lúdicas o professor pode colaborar com a elaboração de conceitos; reforçar conteúdos; promover a sociabilidade entre os alunos; trabalhar a criatividade, o espírito de competição e a cooperação. O jogo exerce uma fascinação sobre as pessoas, que lutam pela vitória procurando entender os mecanismos dos mesmos, o que constitui de uma técnica onde os alunos aprendem brincando; no entanto, queremos deixar claro, que os jogos devem ser vistos como apoio, auxiliando no processo educativo”. (FIALHO, 2008, p.1)

O trabalho com jogos em sala de aula estimula novas maneiras de pensar por parte de professores e alunos, cada indivíduo apresenta uma maneira específica de resolver situações problemas, sendo que os jogos devem ser voltados ao estímulo da inteligência e a desafios, pois podem tornar-se desinteressantes para o grupo, e neste caso, perde-se a aprendizagem que poderia acontecer através deste recurso.

Os jogos desafiantes criam a possibilidade do aluno se sentir como parte ativa na construção do ensino e aprendizagem, e com este recurso o raciocínio individual se amplia, mesmo que a atividade seja coletiva, ou seja, cada indivíduo consegue buscar e perceber novas formas de construir o mundo e modificá-lo de acordo com suas necessidades específicas.

O oferecimento de propostas diferenciadas leva a uma visão de mundo, que muitas vezes só seria possível na vida adulta. A formação do cidadão consciente e participante da sociedade deve ser iniciada na escola, mas quando a teoria se opõe a prática fica muito difícil de compreender apenas por conceitos, principalmente para geração atual que nasce em torno de imagens, sons, tudo o que é prático.

A proposta de jogos relacionados à sociedade pode ser um mecanismo para o desenvolvimento do raciocínio, levando o aluno a efetuar resolução de problemas cotidianos dentro de seu ambiente escolar, domiciliar e comunitário, a pensar politicamente em seus interesses sociais e na existência de redes de proteção da sociedade como um todo, ou seja, o grande objetivo final do educador com um jogo relacionado à sociedade deve ser a formação do cidadão consciente de seus deveres e direitos.

A proposta de jogos relacionados à sociedade pode ser um mecanismo para o desenvolvimento do raciocínio, levando o aluno a efetuar resolução de problemas cotidianos dentro de seu ambiente escolar, domiciliar e comunitário, a pensar politicamente em seus interesses sociais e na existência de redes de proteção da sociedade como um todo, ou seja, o grande objetivo final do educador com um jogo relacionado à sociedade deve ser a formação do cidadão consciente de seus deveres e direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **Trabalhando habilidades: construindo ideias**. São Paulo: Scipione, 2001.

AUFAUVRE, Marie-Renné. **Aprender a brincar: aprender a viver**. Tradução: Cássia Raquel da Silveira e Maria de Cassia Pereira. São Paulo: Editora Manole LTDA, 1987.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. **Educação &**

Sociedade. Campinas: volume 18 número 59. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v18n59/18n59a10.pdf>. Acesso em: 10/09/2017.

FIALHO, Neusa Nogueira. **Os jogos pedagógicos como ferramenta de ensino.** Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/293_114.pdf. Acesso em: 10/09/2017.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar crescer e aprender: o resgate do jogo infantil.** São Paulo: Editora Moderna, 1996.

FRIEDMANN, A. **A arte de brincar: brincadeiras e jogos tradicionais.** 3. ed. São Paulo: Scritta, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MORATORI, Patrick Barbosa. **Por que utilizar jogos educativos no processo de ensino aprendizagem?** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003. Trabalho de conclusão de curso Informática aplicada à Educação. Disponível em http://www.nce.ufrj.br/GINAPE/publicacoes/trabalhos/t_2003/t_2003_patrick_barbosa_moratori.pdf. Acesso em: 10/09/2017.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais.** Porto Alegre: Grupo A, 2011.

RICCETTI, Vanessa Pugliese. Jogos em grupo para educação infantil. **Educação Matemática em revista: revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática.** São Paulo: ano 8, número 11, dezembro de 2001. Disponível em: <http://matematicanreapucarana.pbworks.com/f/Texto+6+Jogos+em+grupo.pdf> Acesso em: 10/09/2017.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

A QUANTIDADE DE ALUNOS AFETA O DESEMPENHO EM SALA DE AULA

RESUMO

Cada turma que o educador leciona tem um perfil e não são só os problemas de aprendizagem que o professor tem que resolver, existem outros casos que aparecem dentro da sala de aula. Pode-se concluir que o aluno tem a escola para exteriorizar os seus sentimentos: alegrias, tristezas, preconceitos, entre outros, enfatizados pelas famílias. Lembrando que o educando pertence a escola, mas o professor cria um vínculo afetivo com a turma, que é necessária. Sendo que, se ele tivesse uma turma de uns vinte e cinco e, no máximo, trinta alunos, por ser uma turma menor, os alunos poderiam interagir mais com os colegas e os seus educadores. Deste modo, outros espaços dentro da sala poderiam ser criados; como o cantinho da leitura. Problemas com a aprendizagem sempre existiram e existirão, por isso as aulas de reforço deveriam ser atribuídas a um professor que se prontificou, usando uma sala só para este objetivo. Neste ambiente de aprendizagem, os próprios estudantes acompanharão os seus desenvolvimentos, utilizando materiais pedagógicos voltados para este objetivo. Eles também poderão confeccionar os seus próprios materiais na aprendizagem. A equipe gestora tem que respeitar o educador que assumiu a sala de reforço. Não se deve culpar este profissional por aqueles alunos que não conseguiram desenvolver, já que nem todos os casos pertencem só à escola. Lembrando que nem todas as crianças desenvolvem na aprendizagem ao mesmo tempo e que há casos em que só um profissional de saúde poderá auxiliar o aluno, a família e a escola.

Palavras chaves: 1. Perfil 2.vínculo 3.autoestima.

ABSTRACT

Each class that the educator teaches has a profile and it is not only the learning problems that the teacher has to solve, there are other cases that appear within the classroom. It can be concluded that the student has the school to externalize their feelings: joys, sorrows, prejudices, among others, emphasized by the families. Remembering that the student belongs to the school, but the teacher creates an affective bond with the class, which is necessary. Since, if he had a class of about twenty-five and, at most, thirty students, as it is a smaller class, the students could interact more with their colleagues and their educators. In this way, other spaces within

the room could be created; like the reading corner. Problems with learning have always existed and will exist, so tutoring should be assigned to a teacher who volunteered, using a room just for this purpose. In this learning environment, the students themselves will monitor their developments, using pedagogical materials aimed at this objective. They will also be able to make their own learning materials. The management team has to respect the educator who took over the tutoring room. This professional should not be blamed for those students who were unable to develop, since not all cases belong only to the school. Remembering that not all children develop in learning at the same time and that there are cases in which only a health professional can help the student, the family and school

Keywords: 1. Profile 2.bond 3.self-esteem

INTRODUÇÃO

Não é preciso voltar muito aos anos anteriores para que, devido a quantidade de alunos e a falta de espaços dentro da sala de aula, observar que alguns dos educandos acabam se encostando nas paredes localizadas dos lados e nos fundos deste espaço.

Havia, também, uma grande dificuldade para andar entre as carteiras, dificultando para os alunos com problemas de visão ou audição, entre outros, a terem um bom desenvolvimento na aprendizagem.

Nestes últimos anos muito se questionou sobre o aperfeiçoamento dos professores e, mesmo estes profissionais opinando, que o excesso de alunos prejudica muito na aprendizagem; já que eles próprios estudaram nestas condições, pouco se construiu escolas estaduais e municipais, para que fosse possível diminuir, deste modo, o número de estudantes em cada turma.

Antes da pandemia muitas famílias enviavam os seus filhos com aparelhos celulares, com o argumento de que eles precisavam se comunicar.

Só que, nestes episódios, os professores ficavam sabendo através dos próprios alunos, que os colegas estavam tiravam fotos, faziam filmagens escondidas, para circularem entre eles.

Anteriormente os celulares não eram tão usados no ensino fundamental I, para que fosse evitado filmagens e brincadeiras de mau gosto, realizadas e compartilhadas pelos próprios estudantes.

Quando nas salas de aula existiam até quase quarenta alunos, dividindo um mesmo espaço, o objetivo de quem queria estudar era correr no primeiro dia de aula para ficar na frente.

Deste modo conseguiria acompanhar e ouvir as aulas dos professores, evitando que fosse reprovado, já que a turma que queria ficar mais longe do educador não prestava atenção nas aulas e nem deixava os outros colegas prestarem atenção.

Infelizmente as escolas não mudaram muito deste as nossas infâncias.

OS ESPAÇOS E O NÚMERO DE ALUNOS

Demorou muito para tornar público, o que já a muito tempo se sabia sobre a escola, que ela virou um espaço onde a quantidade de alunos compromete a qualidade do ensino.

Só para se ter uma ideia era normal uma sala de primeiro ano chegar a trinta e cinco a trinta e oito alunos. Isso refletia na aprendizagem, já que as crianças são quase todas do mesmo tamanho, dificultando muito para as que ficavam mais longes das professoras. Fora o fato das crianças pequenas andarem pelas salas e correrem o risco de caírem e se machucarem.

Não se pensava nos espaços, nos alunos e, devido ao grande número de retenção, a culpa caiu sobre o professor e, até mesmo sobre as famílias, que eram obrigadas a manterem os seus filhos estudando.

Nos últimos anos, antes da pandemia, sindicatos, professores, gestores pediram constantemente e já se tinha conseguido, no máximo, trinta crianças por turma e se cogitava vinte e cinco crianças nas escolas de educação infantil e nos dois primeiros anos do ensino fundamental I, nas escolas públicas, e trinta e cinco alunos nos demais anos do ensino fundamental e no ensino médio, sendo que trinta estudantes seria a quantidade mais conveniente, caso entrasse em vigor seria alterada a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação).

Quando lembramos do psicólogo russo Lev Semionovitch Yigotski, nascido em 17 de novembro de 1896, o desenvolvimento da criança no ambiente, aprendendo com os outros, lembramos que a aprendizagem está relacionada ao ambiente em que ocorre, que tem que propiciar acolhimento, fazer com que todos gostem de estar nele, criando um vínculo afetivo com o local.

Não importa se são crianças ou adultos, as condições dos espaços e quantidades interferem do mesmo modo, mas de formas diferentes, já que a criança apenas não faz as atividades propostas e a família não está na escola para entender o motivo que isso ocorreu.

São situações que fogem do controle do professor, que mesmo organizando as cadeiras, carteiras de formas diferentes ou usando outros espaços, quando for autorizado pela equipe gestora portanto, dando jeito ao que lhe foi imposto, nem sempre dará bons resultados para todos.

Infelizmente quando os estudantes não alcançam a aprendizagem que a escola almeja, mesmo que não seja novidade para nenhum educador dentro ou fora da sala de aula sobre que cada criança tem o seu momento na aprendizagem, a equipe gestora passa a enfatizar o que consideram um fracasso, por parte deste educador.

Agora o professor é obrigado a esquecer a falta de espaços, ao mesmo tempo que tem que dar conta de levar os seus alunos para salas equipadas com computadores e, também, usar esses recursos em sala de aula.

A escola não foi adaptada as novas mudanças no ensino, ao contrário, as pessoas, os materiais só mudam de lugar portanto, competindo por espaços educadores, alunos e materiais tecnológicos. Se houvesse um equilíbrio, a educação, de um modo geral, ganharia muito na aprendizagem dos seus alunos.

COMO DAR AULA EM UMA TURMA COM POUCOS ALUNOS

Quando se pensa em poucos alunos, imagina-se não ultrapassar de trinta.

Para quem não é professor pode achar que trinta é muito, mas os professores passam por situações que ultrapassam os limites do que se pode pensar como digno para uma pessoa, que só é professor porque possui vocação e, também, gosta de ensinar e aprender com os seus alunos. Lembrando que as salas de aula já tiveram quase quarenta alunos.

De acordo com o último Censo Escolar de 2020, a média de alunos por turma no ensino médio é de 30 alunos. Nos anos iniciais do ensino fundamental, a média é de 21 e nos finais é de 27 alunos.

Os dados do levantamento são referentes a 2019 portanto, infelizmente, isso ocorreu no ano anterior a pandemia da COVID-19.

Turmas com menos alunos normalmente são mais fáceis de se organizar em comparação com as turmas numerosas.

As atividades podem ser concluídas mais rápido, pode-se ouvi-los sem pressa, ao terminarem as atividades os alunos podem ter no final da aula andar pelos espaços da sala de aula, pegando jogos, livros para lerem, revistas e outros espaços podem ser criados dentro do mesmo.

O professor terá mais tempo para corrigir, dar devolutiva, ouvir o que todos os alunos têm a dizer e, aos poucos, pesquisador como é, observar mais atentamente em como o aluno aprende.

Com o número menor de estudantes o professor pode aproveitar a ocasião em que terminam as atividades programadas para o dia, para desenvolver vínculos entre estudantes e, também, com ele.

Deste modo o educador conhecerá a turma tão bem que será capaz de desenvolver um vínculo realmente construtivo, que seria difícil de desenvolver com uma turma grande.

A escola tem como objetivo mudar os pensamentos de egoísmo, preconceitos, intolerância, fazendo com que os educandos percebam que existem pessoas diferentes e com pensamentos diferentes, já que nem sempre esses valores são passados para eles através de suas famílias.

O grande problema, mas que é tão ignorado, é em relação que não se deve usar o aprendido apenas em avaliações, visando resultados, mas em perceber se a escola está formando cidadãos acostumados a se colocarem no lugar do outro, a ajudar e saber, entre outros pontos, a trabalharem no coletivo com humanidade.

É preciso direcioná-los para a vida, com segurança, independente do que aprendeu com a família e o que é negativo na sociedade e nas mídias.

Os momentos de aprendizagem são importantes, mas viver em sociedade não é só ter um bom emprego, mas ser um bom chefe, um bom amigo, solidário, honesto. Nossa sociedade está precisando de bons profissionais que trabalhem para o bem coletivo.

Em uma sala com poucos alunos será possível formar cidadãos que conseguirão lidar com situações práticas do dia a dia.

Pensa-se muito na teoria e nos resultados de avaliações, mas na prática percebe-se que nada ou muito pouco foi assimilado nestas gerações atuais, que hoje são jovens e adultos.

Basta olhar os atuais profissionais existentes na sociedade e como se comportam e, tam-

bém, alguns jovens que se tornaram totalmente alheios ou marginalizados, devido ao caminho que seguiram na sociedade.

O QUE A PÓS PANDEMIA REFLETIU NA EDUCAÇÃO

Quando pelo menos a questão do número de alunos por sala parecia estar resolvido, mas uma vez a educação é afetada.

O que se pensa no momento é em dar vagas para alunos em que os pais tiraram das escolas particulares e querem colocá-los nas redes públicas.

Quando imaginávamos que haveria um jeito de termos turmas menores, com uma educação de qualidade, em espaços adequados e, mais uma vez, o que seria viável e correto para uma melhor relação entre professores e alunos foi, simplesmente, modificado.

Mais uma vez a escola é a que, ao invés de ser acolhida, é desprezada, colocando mais alunos em sala de aula e dois professores, sendo um de reforço, nos primeiros anos nas escolas estaduais.

O pior de tudo é a autoridade do educador em sala de aula, que terá mais alunos e um outro profissional como ele, resolvendo questões do dia a dia; podendo algumas vezes discordarem um do outro na frente dos estudantes.

Isso não pode ser entendido como despreparo do professor que atua a mais tempo na profissão, mas pode-se entender que o outro profissional chegou à escola informado que a turma de alunos é também dele e, por falta de orientação, conhecimento e poucos anos de atuação acaba não entendendo que o trabalho é conjunto e que não se deve questionar o outro profissional na sua didática.

Na educação as ideias são rápidas, mas muitas vezes mal organizadas, devido ao respeito que é dado a esta profissão, por aqueles que desconhecem o trabalho que o educador realiza dentro e fora da escola.

Quem acha que em sala de aula existe só o conteúdo a ser aprendido e a ser ensinado, está totalmente menosprezando a educação.

Se a escola pode ser considerada como a primeira sociedade, desde quando só trabalhamos na sociedade?

Na sociedade escola, do mesmo modo do que a nossa sociedade, lidamos com situações de doença, tristeza, amizade, desentendimentos, entre outros.

No mundo real entre os professores, equipe gestora, os parabéns sempre são para todos, mas os fracassos sempre recaem sobre o professor.

Agora, nesta nova realidade, foi imposto para o educador o dever de acolher os alunos, criar espaços de algum modo e ensinar.

Caso o professor de reforço não tenha um espaço ou uma sala para dar a sua aula, ele terá que dividir o pouco espaço com o outro educador, ao invés de ajudar, acaba se tornando difícil trabalharem com todos os alunos, que serão mais de trinta, nos primeiros anos.

Parece tão fácil resolver a questão dos espaços mas, até agora, a questão se tornou pior do que já era.

A questão do espaço está relacionada em pensar mais na qualidade do que na quantidade

mas, infelizmente, a quantidade é sempre justificada; portanto a falta de qualidade não é levada a sério e nem como prioridade. Independente se ela estuda em uma escola pública ou particular o direito pela qualidade de ensino deveria ser prioridade social.

CONCLUSÃO

O problema do número de estudantes e o tamanho das salas de aula não é algo de hoje, mas já foi muito discutido e, antes da pandemia, já se possuía uma posição até favorável.

A relação entre o número de alunos e professor por sala, em cada etapa da educação básica, é um dos fatores determinantes para se garantir qualidade de ensino.

Precisa-se de adoção de políticas públicas, diante da demanda da sociedade pelo direito à educação, buscando atender exigências impostas pelos organismos internacionais, em detrimento da ampliação dos investimentos na área educacional e da expansão do ensino público de qualidade.

Devido ao fato das autoridades em nome da racionalização de custos ou, atualmente, em que se promete vaga para todas as crianças, o motivo de salas superlotadas, devido à falta de um dispositivo legal, que apenas confirme que a qualidade deveria ser em primeiro lugar com números menores de alunos por sala de aula.

A questão não é nem só a aprendizagem, mas a questão humana dos espaços pequenos em que os alunos que têm que andar pela sala de aula com cuidado e devagar, sendo isso aplicado, também, ao professor.

O pior de tudo é o educador não conseguir fazer com que a sala se torne um espaço adequado para a aprendizagem dos seus alunos.

A questão só piorou quando se aumentou o número de alunos, novamente, e se colocou mais um professor de reforço, sendo dois adultos em um espaço pequeno.

Salas mais sossegadas podem ter menos problemas com dois educadores, do que salas agitadas, mas isso não ameniza o que tanto já foi constatado, que é preciso acolher os estudantes em uma sala em que possa se criar cantinhos de estudo e aprendizagem, de modo que se torne agradável para os educandos e professores.

O que o educador realmente almeja é ter um ambiente onde todos se sintam bem e que possa fazer o seu trabalho com dignidade, ser respeitado por todos os setores dentro e fora da escola e possa estabelecer vínculos com os seus alunos.

Ser educador vai além de ensinar conteúdos; é saber lidar com pessoas, entendendo os seus sentimentos e orientando-as, de modo que os valores aprendidos contribuam para a formação social.

Um professor de reforço pode ser de grande ajuda, mas não no mesmo espaço ocupado pelo professor da turma. Ele tem que ter a sua sala para que existam um ambiente mais silencioso, poucos alunos para que a sua aula realmente seja produtiva e a aprendizagem ocorra mais rápida e efetiva.

Mesmo estando em outras salas o contato entre o educador do reforço e o da sala devem ser constantes, só que para isso a equipe gestora deve proporcionar estas trocas.

Cada professor tem muito a acrescentar aos seus alunos e eles sabem e conhecem o modo de agir de cada um deles.

Lembrando que a educação em São Paulo e, até em outras regiões do nosso país tem que ser organizada de modos diferentes.

Só uma coisa é certa: todos tem o direito de aprender em condições dignas e humanas, respeitosa e organizada, para fazer jus aos direitos humanos, independente de sua raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição.

Os direitos humanos incluem o direito à vida (viver e ser tratado dignamente), que se aplica aos nossos educadores e alunos dentro do ambiente escolar.

Liberdade de opinião, expressão, ao trabalho e à educação, entre outros.

O respeito e a dignidade estão relacionados as condições em que o educando é colocado na sala de aula para poder se locomover e expressar a sua opinião. O professor com poucos alunos consegue dar mais atenção não só em relação aos estudos, mas também nas relações humanas. Estabelecendo vínculos com os colegas e os professores da turma, os estudantes estarão aprendendo a lidar com situações diversas, quando estiver atuando na sociedade enquanto adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HENRY WALLON (1879-1962)

LDB – LEI DE DIRETRIZES E BASES

L.S VIGOTSKI ANFORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE

REVISTA NOVA ESCOLA 8/01/2021



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

A FALTA DE ÉTICA NO AMBIENTE ESCOLARRESUMO

RESUMO

Muito se fala sobre a educação e os inúmeros problemas que afetam diretamente a aprendizagem de nossos alunos, na rede estadual de ensino. Muitas vezes o professor é citado como o principal culpado, por possuir uma didática ultrapassada, não acompanhando as mudanças tecnológicas e os interesses dos alunos. Hoje as capacitações são realizadas pelas próprias fontes de educação, no próprio local de trabalho, ou pelo próprio educador. O problema, hoje, vivido por estes profissionais é que existe um ambiente escolar em que muito se é exigido dele. Desde que iniciou a pandemia e até hoje, nem os alunos e professores possuem grandes conhecimentos em tecnologias. Sentir-se humilhado dentro do seu local de trabalho é o que mais ocorre durante uma reunião, quando são expostos os rendimentos dos educandos nas avaliações, que agora são de formas tecnológicas. Deveria ser um momento de amizade, união, de estudo e não de comparações, que só prejudicam a aprendizagem das crianças, ao invés de contribuir; já que isso mexe com a autoestima do educador. O ambiente escolar tem que ser acolhedor para todos e um local com mais humanidade. Parece estranho, mas a falta de ética acaba com a saúde mental e física do professor, prejudicando o que é de mais importante na sociedade: o aluno.

Palavras chaves: 1. Humilhação 2. coação 3. humanidade

ABSTRACT

Much is said about education and the numerous problems that directly affect the learning of our students in the state education network. Often the teacher is cited as the main culprit, for having an outdated didactics, not keeping up with technological changes and students' interests. Today, training is carried out by the sources of education, in the workplace, or by the educator himself. The problem, today, experienced by these professionals is that there is a school environment in which much is required of them. Since the pandemic started and until today, not even students and teachers have great knowledge in technologies. Feeling humiliated within the workplace is what most happens during a meeting, when the students' performances are exposed in the evaluations, which are now in technological ways. It should be a moment of friendship, union, study and not comparisons, which only harm children's learning, instead

of contributing; since this affects the educator's self-esteem. The school environment has to be welcoming for everyone and a place with more humanity. It seems strange, but the lack of ethics destroys the mental and physical health of the teacher, harming what is most important in society: the student.

Keywords: 1. Humiliation 2.coercion 3.humanity

INTRODUÇÃO

Quando se pensa em ética, pensa-se em uma sociedade mais justa e igualitária.

Pensando no ambiente escolar a ética envolve o afetivo, biológico, psicomotor, cognitivo e social.

Ser ético para com os seus alunos é o que mais se exige na didática do professor, mas existe pouca ou nenhuma ética quando o assunto é voltado para os funcionários, educadores e direção da escola.

Parece estranho, mas o professor procura usar a ética com os seus alunos, mesmo não sendo usada com ele.

Lembrando que ser educador é vocação, gostar de ensinar, estar atento a ouvir e também em sempre aprender algo novo com os educandos e colegas de trabalho.

Não faz muito tempo em que se falou que o professor é um pesquisador constante, mas para ele caminhar com segurança é preciso que lhe seja oferecido o que compartilha com seus alunos.

Quando ele não tem fora da sala de aula o mesmo olhar que tem com os seus alunos, ocorrem doenças e afastamento do mesmo.

Muitas vezes os problemas ocorrem de ordem psíquica, devido a forma em que a gestão e alguns professores lhe dirigem como: depressão e síndrome do pânico.

Neste perfil triste, em que o educador que já é atacado na sociedade, também é menosprezado pelos próprios colegas.

Lembrando que a sala é dividida por professores especialistas, como educação física, arte e inglês, entre outros, que ao invés de se unirem comentam sobre as salas no ambiente escolar, fazendo comparações entre os professores.

Caso o educador se sinta ofendido, o argumento usado pela equipe gestora é que o aluno é da escola e que o rendimento é importante para ser divulgado fora da escola, para órgãos superiores da educação.

A COMPETIÇÃO ENTRE OS PROFESSORES

Um fator que ocorre muito no local de trabalho, quando o objetivo é competir, está relacionado as intenções verdadeiras de um professor quando pede para saber como o colega aplica o conteúdo a ser estudo com os seus alunos.

Se um professor pedi muitas vezes a opinião do colega, logo o fato é entendido que ele

não sabe trabalhar.

Quando é solidário, dividindo com os seus colegas o que deu certo é porque quer aparecer.

Existe também aqueles que passam nas salas dos colegas para saberem se os colegas estão adiantados, atrasados ou se estão saindo fora do conteúdo.

Conquistar a equipe gestora, ganhando a confiança e ser considerado um bom professor, ajuda muito a continuar na mesma escola no ano seguinte, caso não seja efetivo, e a ter a sala com alunos que estão mais avançados na aprendizagem.

No ambiente competitivo espera-se uma recompensa, que muitas vezes outros são prejudicados.

Neste tipo de ambiente é preciso divulgar o seu trabalho para os seus superiores depois, de forma nada adequada, os superiores divulgam para os professores para que a competição se inicie.

O difícil para alguns professores é deixar de lado o perfil da sua sala de aula, para pensar em como poderão competir com os colegas.

Existem muitos trabalhos em que a competição é bem aceita, mas na escola os educadores que realizam isso são aos olhos da chefia alegres, tranquilos, criativos, pensam nos rendimentos da escola e nas recompensas.

O mais absurdo que possa parecer os educadores não se unem e não fazem um trabalho em conjunto, mas se quisessem saberiam fazer, já que este trabalho é exigido do professor perante os seus alunos.

Hoje em dia a educação é voltada para que todos avancem, sendo necessário ajuda, fazer juntos e, deste modo, na medida do possível chegarem a um único objetivo.

Busca-se resultados, nem que para isso seja preciso usar a falta de ética, principalmente quando o trabalho é voltado e realizado para mostrar durante as visitas de membros superiores à escola.

AS NOVAS TECNOLOGIAS

Ao contrário do que se pensa, o professor, antes da pandemia, sempre imaginou trabalhar em um ambiente que fosse acolhedor, com bons materiais, computadores, televisões, entre outros.

O educador via está nova realidade com grande alegria, mas não foi isso o que aconteceu.

Assim que começou a pandemia, a maioria dos professores desconheciam a realização de vídeos, dar aulas on-line e, a princípio, a escola, que já é acostumada com a competição, viu com bons olhos a criatividade dos professores que usaram a tecnologia, enquanto outros foram constantemente alertados que precisariam usar de alguma forma as tecnologias, que nem se quer conheciam.

Lógico que neste ambiente ocorreram ataques psicológicos em relação aos colegas que não tiveram dificuldades ou que compraram computadores.

Quando todos voltaram ao ambiente escolar a falta de ética piorou.

Nem todas as escolas tiveram professores contratados para auxiliarem os educadores.

Muitos profissionais procuraram colegas de trabalho que pudessem ajudá-los, devido à humilhação que sentiam quando eram alertados pela equipe gestora, que outros professores já estavam avançados em relação ao uso da tecnologia.

Nem mesmo o fato de nem todos os alunos tinham celulares, computadores e, principalmente, internet ou até mesmo as famílias dos alunos que não achavam que as aulas virtuais surtiriam os mesmos efeitos do que as presenciais, foram levados em consideração pela equipe gestora, que também tinha que dar respostas as seus superiores.

Enquanto muitos da sociedade ficavam em casa na pandemia, os professores tinham que prestar contas através dos whatsapps e reuniões via TEANS, MEET, entre outros. Além de fazerem buscas ativas de alunos com o seu próprio celular e usando a sua internet com aulas on-line.

O professor sempre foi alvo de críticas pela sociedade, mas o que poucos sabem é que este profissional não mede esforços para exercer a sua profissão com dignidade, comprando materiais diversos para dar aulas dignas aos seus alunos.

Por isso os educadores são aqueles que sempre dão jeito em tudo, gastando o seu próprio dinheiro, trazendo materiais da sua própria casa, entre outros.

A escola sempre teve materiais para uso dos professores, mas cada professor vai criando novas possibilidades através do perfil da sua turma.

Quanto mais os professores pediam um ambiente acolhedor, com materiais diversos para usarem, tecnologia, imaginando que o sentimento de satisfação seria de grande importância, ocorreu o contrário.

Lembrando que planejamento da escola é importante, mas existe o planejamento do professor, da sua turma e do seu emocional e da forma que é tratado, quando pedir para usar os materiais tecnológicos.

A entrada de recursos inovadores gera certa desconfiança e insegurança nos professores a princípio, não havendo uma incorporação imediata; mas, pelo processo natural, estas barreiras vão sendo superadas, gradativamente. Conforme LION (1997, p. 32-33).

O educador, na tarefa docente cotidiana, precisa de um sentido para a tecnologia, um para quê.

Cada docente pode encontrar sua forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e procedimentos metodológicos, já que possui um leque de opções no próprio ambiente escolar, sendo a situação de cada um muito diversificada

As tecnologias deveriam ficar a disposição dos professores, para que encontrem o que lhe ajudará e o fará se sentir bem para ensinar e, deste modo, ajudar os alunos para **que aprendam melhor.**

COMO CUIDAR DA SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES

Os professores são sempre questionados sobre o fato de estarem ou não refletindo sobre o seu trabalho, mas quando se trata de um ambiente escolar a boa convivência começa pela equipe gestora.

São muitas as pressões do dia a dia e a saúde mental do professor compromete também alunos, funcionários e toda a escola.

A saúde mental não afeta só um professor, mas vários, dividindo a turma em privilegiados e não privilegiados, mas nem todos assumem o abalo profissional em que estão passando, com medo de não conseguirem trabalho na mesma escola ou de sofrerem perseguições por parte dos colegas e equipe gestora.

Cabe a equipe gestora observar que a equipe docente está psicologicamente adoecida.

O papel da escola em relação a saúde mental do professor não é ignorar o problema ou jogar mais pedras sobre o profissional de modo que ele se afaste ou até mesmo pedir para que se afaste e outro professor possa ficar em seu lugar.

De nenhum modo a equipe escolar se coloca como causador de doenças mentais que afetam os colegas de trabalho.

O gestor deve mudar este quadro, buscando parceria e acolher os profissionais doentes.

Deve-se usar a humanidade para com todos, já que muitas vezes a saúde mental do professor foi afetada por comentários negativos no próprio ambiente de trabalho.

A equipe gestora pode e deve querer que o trabalho progrida, por isso deve conversar com os educadores com respeito, não denegrindo o trabalho do outro e, principalmente, buscar soluções.

Caso a direção queira ajudar acolhendo o profissional deve não obrigá-lo, mas chegar de forma amigável para que juntos possam caminhar, evitando exposições em grupo ou guardando sentimentos negativos.

Ter afinidade com um e não com outro é normal e faz parte dos seres humanos, mas respeito, solidariedade, acolhimento, não são atitudes realizadas só para com as pessoas que temos mais afinidade, mas no coletivo.

Hoje em dia para ser professor é preciso saber lidar com o emocional dos seus alunos, mas para conviver no ambiente escolar, principalmente cargos de chefia, deve-se estudar a psicologia e as relações humanas para saber lidar com os educadores.

CONCLUSÃO

Segundo Mario Cortella, filósofo, escritor, educador e palestrante e professor universitário afirmou em entrevista no jornal O DIÁRIO DE CARATINGA, que foi as bancas no dia 24 de junho de 2016, no dia do aniversário da cidade, que ética é um conjunto de valores e princípios que usamos para responder a três grandes questões da vida: (1) quero? (2) devo? (3) posso?

O cidadão que exerce sua ética, preserva a estreita relação humanizadora, assume o caráter da cidadania coletiva.

Ser ético é combater o preconceito e a discriminação, valorizando o diálogo como meio de

sanar os conflitos.

Contudo, está nitidamente percebível que a ética é algo que se constrói ao longo da vida, a partir da conscientização no dia a dia.

Ética, refere-se escolha e decisão, tem a ver com liberdade, liberdade reflexiva e responsável. Ao tomar uma decisão, o indivíduo deve usar do conhecimento que possui porque o conhecimento tem a ver com a ética.

Para que se construa o autêntico conhecimento e para que se efetive o caráter do indivíduo os valores éticos e morais são imprescindíveis.

São através das ações que direcionam os valores que se propicia a verdadeira cidadania.

No dia a dia o comportamento do homem na sociedade depende da reflexão exigida pela ética.

Quando a escola trabalha ética com os seus alunos deve ficar atento aos seus alunos que percebem a competição a sua volta, através de comentários de professores ou palavras ditas por parte da equipe gestora.

Muitas vezes criticamos a postura de alunos e pais ao encontrá-los fazendo algo que não condiz com que falamos em sala de aula como, por exemplo, não falar palavras de ofensas e nem se quer pensamos que eles perceberam que a ética está dentro da sala de aula, mas não no ambiente escolar.

Quantas vezes o aluno pergunta ao professor o motivo que tal professor pode fazer algo com os seus alunos e eles não.

Os educandos percebem quando nem todos os alunos são tratados da mesma forma, devido a turma e o professor que está com eles.

A ética pode ser interpretada como um princípio de comportamento, que deve estar presente na produção do conhecimento do indivíduo.

Deve-se começar na escola, em todo o ambiente escolar, o combate a violência, a discriminação, o assédio moral, o desrespeito e fazer com que ocorra o respeito às diferenças, só deste modo será possível uma sociedade que almeja os princípios éticos e morais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

diariodecaratinga.com.br/mario-sergio-cortella-fala-sobre-etica/24/06/2016

<https://blog.portaleducacao.com.br/as-contribuicoes-de-jean-jacques-rousseau-para-a-humanidade>

<https://blog.saseducacao.com.br/saude-mental-do-professor/>

REVISTA ESCOLA – 6/10/2008 – Pestalozzi, o teórico que incorporou o afeto à sala de aula



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

O PAPEL DA FAMÍLIA E ESCOLA NA FORMAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO VOLTADA PARA AS QUESTÕES AMBIENTAIS

RESUMO

A conservação do meio ambiente depende diretamente da conscientização e da mudança de hábitos das pessoas. A escola é o ambiente mais propício para realizar este trabalho com os alunos, buscando chamar a atenção das famílias neste trabalho que tem que ser permanente e não apenas em uma data específica. O que se deve ter em mente é que a família tem que estar engajada, para que os alunos mudem os seus hábitos fora da escola. Para que os objetivos sejam atingidos é preciso que a teoria seja colocada em prática como, por exemplo, a reciclagem. É preciso ensinar a importância da natureza e o que está acontecendo e acontecerá cada vez mais sem ela. Mostrar que para o mundo se manter equilibrado, é preciso cada um fazer a sua parte.

Palavras chaves: 1. conservação 2. conscientização 3. equilibrado

ABSTRACT

The conservation of the environment directly depends on people's awareness and changing their habits. The school is the most favorable environment to carry out this work with students, seeking to draw the attention of families in this work that has to be permanent and not just on a specific date. What must be kept in mind is that the family has to be engaged, so that students can change their habits outside of school. In order for the objectives to be achieved, theory must be put into practice, such as recycling, for example. It is necessary to teach the importance of nature and what is happening and will happen more and more without it. Show that for the world to remain balanced it is necessary for everyone to do their part.

Keywords: 1. conservation 2. awareness 3. balanced

INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental nas escolas podem e devem acontecer por meio de conteúdos trabalhados em sala de aula e em conteúdos específicos e presentes diariamente dentro da escola

através de ações contínuas.

Não adianta os alunos aprenderem somente na teoria, já que na maioria das vezes é preciso conscientizar as famílias, através de atos e atitudes que envolvam a presença delas.

Em primeiro lugar é preciso deixar bem claro a crise ambiental que está se agravando cada vez mais.

É preciso mostrar a gravidade e o que acontecerá caso a natureza não seja respeitada.

Isso não significa implantar o “terror nos alunos” das séries iniciais, mas buscar dizer a verdade de uma forma mais comovente e não apenas contar uma história sem sentimentos, colocando o futuro como um mundo imaginário, mas que tudo dará certo.

Isso significa que é urgente e que deve ser levantado o “caos” para fora da escola, de modo que os alunos contem aos vizinhos, parentes e pessoas conhecidas.

Neste processo de conscientização, os estudantes do ensino médio e superior devem ser alertados, já que podem fazer mais pela sociedade; devido a autonomia que já possuem.

É vago pensar que os maiores já sabem e podem fazer, já que a gravidade ambiental não é a mesma de dez, vinte anos atrás; é bem pior nos dias de hoje.

Datas como: Dia Mundial da Água, Dia da Árvore, Dia Mundial do Meio Ambiente, Dia da Mata Atlântica, não só devem ser trabalhados a Educação Ambiental como, também, dar o primeiro passo para fazer um trabalho diário e coletivo dentro do ambiente escolar.

Durante anos estas datas são lembradas e esquecidas, como o problema ambiental fosse algo só para ser lembrado naquele momento.

A CONSCIENTIZAÇÃO PELA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Educação Ambiental é lei desde 1999, portanto todas as escolas têm o dever de ensinar métodos de preservação, incentivando processos de reciclagem e conscientizar os alunos, para que juntos com suas famílias, conscientizem sobre a importância de usar os recursos naturais de maneira equilibrada.

Hoje a tecnologia pode ajudar muito a fazer este trabalho de conscientização nas redes sociais.

Através do facebook da escola e, de outras escolas, podem aprimorar cada vez mais os projetos, tornando-os acessíveis às famílias.

A natureza é muito mais extensa do que se imagina. Não só as crianças, mas os adultos também têm dificuldade de entender todo o processo, esquecendo que sem os recursos naturais seria praticamente impossível preservar a vida na terra.

A primeira coisa a ser feita é a separação do lixo doméstico, que são possíveis de reciclagem como: plásticos, vidros, papéis e metais, do resto do lixo.

Tratar o lixo como algo sério, já que some do nosso olhar e não das nossas vidas.

A palavra organização está presente neste trabalho com o lixo, sendo que o lixo orgânico não pode ser misturado com o que é reciclável.

O primeiro passo é realizar na própria escola, incentivando os alunos que, por algum motivo, enfrentam mais dificuldade em conscientizar a sua própria família.

Na escola este trabalho pode começar incentivando e valorizando as salas e os alunos que mais se engajaram no projeto da escola.

O que pouco se faz, mas sempre deveria ser feito constantemente, seria a divulgação dos dados positivos e negativos, e a comparação entre eles.

Cartilhas, panfletos, dons artísticos, comunicação e troca de experiências entre escolas e universidades, não fazendo diferença entre escolas e universidades públicas e privada.

Aulas de matemática poderiam ser utilizadas para os alunos contarem a quantidade de lixo que jogariam fora sem nenhum tipo de cuidado e o que aconteceria na natureza. Outras disciplinas poderiam continuar com o projeto, destacando vários pontos que no dia a dia não são parados para pensar.

Nunca se consumiu tanto, logo o aumento dos resíduos cresceram de forma espantosa.

Devido a falta de conscientização o lixo jogado em qualquer lugar pode se transformar em um grande inimigo com as chuvas, entupindo bueiros e invadindo casas e até mesmo causando danos irreparáveis.

Está realidade ocorre na realidade de muitos alunos e suas famílias, mas não pensam em como poderiam evitar estes danos, que fazem parte de suas vidas.

Isso é um bom exemplo a ser falado na conscientização: a falta de equilíbrio pelo homem gerou um desequilíbrio.

Agora o equilíbrio da natureza depende de nós, que constantemente a desequilibramos.

DICAS PARA OS CONSUMIDORES SEREM MAIS CONSCIENTES

Lembrando do psicólogo russo Lev Semionovitch Yigotski, nascido em 17 de novembro de 1896, pode-se perceber que o ambiente e o contato que se dá a aprendizagem, através de um ambiente favorável, com a troca de conhecimento entre os envolvidos; é um fator crucial para que a Educação Ambiental esteja sempre presente.

Os estudantes não podem ser observados de forma individualizada, mas sempre pensar nele com a sua família e direcionar de modo que todos participem do mesmo objetivo.

Uma das propostas, que deve partir da escola, é mostrar dados aos estudantes sobre a família que adere a coleta seletiva do lixo, há a redução anual de dióxido de carbono na atmosfera. Sendo que está explicação deve ser aprimorada com pesquisas e até experiências desenvolvidas em sala de aula.

Para as crianças da Educação Infantil, por serem mais sensíveis e não querem o mal para a natureza, pode-se dizer que é mais fácil eles chamarem a atenção da família, mas para os adolescentes é preciso inseri-los no contexto, de modo que sintam os acontecimentos.

Um outro ponto é que é possível fazer receitas saudáveis com cascas de alimentos que antes eram jogadas fora. Sendo a degustação um ponto relevante nesta aprendizagem, principalmente se for um projeto da escola ou de uma disciplina, que não pode ficar parado, sendo o próximo passo a família degustar em casa ou na escola. Existem momentos em que a escola poderá trazer a família para a escola em eventos, entre eles, o da Educação Ambiental.

A economia de energia pode ser realizada em casa quando existem poucos alimentos na geladeira, a refrigeração pode ser reduzida. Deste modo favorecendo não só a economia de energia, como o não desperdício.

O desperdício de água é bem visível na maioria da população, que devido a vida corrida, sendo a maioria das famílias de mulheres, que sozinhas dão conta da casa e dos filhos ou daquelas casadas, com filhos, que dispõem de pouco tempo em casa. Nestes casos a máquina de lavar poderia ser usada menos dias e com mais roupas.

Procurar usar lâmpadas led e manter os aparelhos que não estão sendo usados desligados, podem contribuir muito.

Pode se perceber que quando se contribui com o ambiente, imediatamente ajudamos a nós mesmos, portanto é isso que crianças, jovens e adultos devem perceber ao longo de suas aprendizagens.

O RESPEITO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O respeito pela natureza é a base para manter a vida na terra.

Quando se fala em salvar o meio ambiente é preciso lembrar que somos nós que o deixamos em perigo.

Agora precisamos estudar para entender que o ambiente e a sua preservação fazem parte do nosso dia a dia e, que sem ele, não existiria vida na terra.

Tudo começa por um papel jogado na rua, ou um cigarro aceso, que pode provocar um incêndio irreparável, matando várias espécies de animais, queimando casas e até provando a morte de pessoas.

O ser humano acha que aprisionando animais, evita-se a extinção. Só que esquecem que a extinção começa quando destroem a natureza e não os deixam espaço para viverem.

A falta de informação e educação fazem muitas pessoas pensarem que os cantos dos pássaros perturbam, as folhas das árvores que caem são sujeiras.

Algumas escolas elaboram ou dão cartilhas, orientando sobre a preservação da natureza.

Parece estranho, mas para entender e colocar em prática a Educação Ambiental é preciso estudar.

Os alunos nascem e crescem em um lar que pouco se fala sobre a natureza. As pessoas percebem que as chuvas são mais intensas do que antes, existem ciclones onde não tinham antes, as estações do ano passam por mudanças, não tendo muito como distingui-las.

As pesquisas e as cartilhas ajudam muito a comunidade escolar a estudar e aprender o que deve e não deve fazer para manter o equilíbrio na natureza.

Uma das alternativas para o grande volume de lixo gerado está na reutilização e a reciclagem dos objetos e bens consumidos.

O lixo não deveria apenas ser levado aos aterros sanitários, mas deveria ser tratado para ser reutilização e reuso, a recuperação e a reciclagem dos materiais.

A coleta seletiva é possível separar os materiais recicláveis que podem ser reaproveitados,

podendo ser considerada muito importante e uma solução para o problema do lixo.

Com a reciclagem será possível diminuir o volume do lixo produzido, diminuindo a poluição do solo, água e ar, melhorando a qualidade de vida das pessoas, a partir de práticas ambientais corretas.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PANDEMIA

Educação Ambiental tem que ser realizada todos os dias na vida das pessoas.

A pandemia isolou as pessoas nas suas casas, muitas vezes aumentando o número do lixo, devido ao excesso de consumo de alimentos.

As crianças de Educação Infantil necessitam muito dos espaços abertos para correrem e brincarem.

Como muitas crianças ainda estão em casa, existem bons livros para crianças sobre a natureza.

Já os maiores já possuem um vasto conhecimento devido as aulas remotas, podendo realizar pesquisas, assistir à vídeos e ter acesso ao facebook da escola.

Os grêmios estudantis formados por professores e alunos, mesmo de forma remota, podem ser os divulgadores de procedimentos e ações que fazem parte da Educação Ambiental.

Os processos de reconhecimento por parte de adultos e crianças em relação a separação, reutilização de resíduos sólidos, além da sua identificação podem ajudar muito na sensibilização dos alunos para compreenderem o impacto humano na natureza.

Quando está fase de pandemia passar será possível levar os alunos em passeios em que eles possam entrar em contato com a natureza.

Em primeiro lugar é ensinar aos alunos, desde pequenos, a respeitarem a natureza, observando ou tocando sem agredir uma árvore tirando suas folhas, quebrando galhos ou outros tipos de ações, que só prejudicam a natureza.

A didática do professor poderá ajudar as crianças de Educação Infantil entenderem que a árvore tem vida, apesar de não andar, falar como eles.

Deste modo podemos entender que a pesquisa, o estudo, a aprendizagem deve estar presente entre educando, educadores e suas famílias.

CONCLUSÃO

Durante muitos anos ouvimos nos noticiários, não todos os dias, já que não é realizada a atenção que realmente deveria ter, que nossas florestas estão sendo devastadas, os índios estão perdendo as suas terras, morrendo, deixando suas tribos e, logo, os índios serão um povo que um dia existiu no país chamado Brasil.

Os rios que antes se nadava, pescava, hoje estão poluídos e impossíveis de serem utilizados.

Nos jornais e na tv comenta-se que um dia faltará água, luz e que as cidades crescerão tanto, que onde hoje, que já tem poucas áreas verdes, terão menos ainda.

Um dia apareceu um comercial na tv falando sobre o meio ambiente e sua destruição, mostrando um passarinho que pousa em uma janela de um apartamento e todos da família ficaram deslumbrados por depois, de tanto tempo, poderem olhar para um passarinho.

Se pararmos para pensar este futuro está muito perto de todos nós.

É preciso usar a tecnologia que possuímos e buscar para os nossos estudantes o antes e agora em relação a devastação ambiental.

Usar as pesquisas e vídeos para eles entenderem a nossa realidade.

Temos que pontuar com eles o que já fazemos pela natureza e o que falta fazer, antes que seja muito tarde.

Antes precisávamos colocar em prática a Educação Ambiental para as gerações futuras, hoje já precisamos desta educação para nós e as gerações futuras.

Não dá para prever o tempo da natureza, mas quanto mais ela é prejudicada a resposta vem mais rápido do que os pesquisadores imaginavam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Caderno de Educação Ambiental – Ecocidadão. Autoras: Denise Scabin Pereira e Regina Brito Ferreira.

Revista Nova Escola de 2/09/2017.

www.fragmaq.com.br



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

O CORPO E O MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SOARES, Lucimeire de Oliveira¹

RESUMO

Com a finalidade de promover o desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil, levando em consideração os aspectos motores, afetivos, sociais e intelectuais, se faz necessário a facilitação das aprendizagens escolares, por meio de atividades físicas que estimulem a consciência dos movimentos corpóreos e da expressão de suas emoções. Há pouco tempo o corpo e o movimento passaram a fazer parte da instituição escolar. A educação pelo movimento surge nesse contexto sobre forma de concepção pedagógica trazendo o corpo racionalmente organizado em torno do seu eixo e servindo de referência a toda organização espaço-temporal que permita explorar o mundo. Uma atividade motora exploradora e inteligente, organizando sistematicamente o espaço e o tempo e permitindo a estruturação do espaço gráfico.

Palavras-chave: Aspectos Motores; Consciência; Desenvolvimento Integral;

INTRODUÇÃO

A educação pelo movimento deve ser utilizada para que as crianças adquiram a noção do seu esquema corporal e outras noções indispensáveis do seu desenvolvimento seguindo as etapas.

Todas as formas de representação simbólica na faixa etária da educação infantil permitem que a criança comece a colocar sua marca no mundo, demonstrando sua singularidade em ascensão.

Sempre nos dizem que é preciso fortificar o corpo, que é preciso suar e transpirar. Assim, para ficar em forma, montamos numa bicicleta, nos penduramos num espaldar, corremos até perdemos o fôlego no jogging, empunhamos halteres. Que tristeza! Nossos músculos merecem muito mais do que essa domesticação forçada. O que é preciso fazer é, primeiro abrir os olhos e nos esforçamos para olhar nosso corpo, a fim de compreendermos como ele funciona (BERTHERAT, 2010, p. 2)

¹ Graduada em Pedagogia. Professora de Educação infantil e Ensino Fundamental na Prefeitura Municipal de São Paulo. E-mail: luclucimeireoliver@hotmail.com.

À medida que a criança se movimenta, mais livremente, é capaz de perceber a si próprio e as coisas no espaço em relação a si, podendo se orientar nesse espaço e avaliar seus movimentos, procurando adaptá-los ao espaço vivido.

A criança brinca com o seu corpo, arrasta, rola, atira um objeto, enche e esvazia, se esconde, cai, equilibra, salta, corre, constrói, destrói, rabisca, desenha, escreve, fantasia.

Araújo (1992) diz que: “dada à importância da ação psicomotora sobre a organização da personalidade da criança, é indispensável um trabalho educativo que venha promover um melhor desenvolvimento de suas potencialidades”.

O desenvolvimento do esquema corporal se dá a partir da experiência vivida pelo indivíduo com base na disponibilidade e conhecimento que tem de seu próprio corpo e sua relação com o mundo que o cerca.

Segundo Le Boulch (1985):

O esquema corporal ou imagem do corpo pode ser considerado como uma intuição de conjunto ou um conhecimento imediato que temos do nosso corpo em posição estática ou em movimento, na relação de suas diferentes partes entre si e, sobretudo na relação com o espaço e objetos que nos circundam.

O mundo da criança pequena é carregado de racionalidade e de afetividade.

O movimento é o meio de expressão fundamental das crianças na Educação Infantil, isto porque o espaço entre a emoção e ação é menor quanto mais jovem for à criança.

Ao movimentarem-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais.

O movimento para a criança pequena significa muito mais do que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço. A criança se expressa e se comunica por meio dos gestos e das mímicas faciais e interage utilizando fortemente o apoio do corpo.

Henri Wallon, filósofo francês conhecido por suas pesquisas a respeito da psicologia do desenvolvimento, coloca o movimento como o elemento inicial da comunicação e do desenvolvimento do ser humano, o que lhe confere importância primordial no trabalho educativo. (MANTOVANI, 2009, p. 31 e 32)

De acordo com Wallon (1975), “o movimento antes de estabelecer relação com o meio físico primeiro atua sobre o meio humano, atingindo as pessoas através de seu teor expressivo”.

O cuidado do corpo de crianças pequenas faz parte da necessidade que todas elas têm de serem educadas em suas especificidades. É por meio do movimento corporal que meninos e meninas se expressam, estudam, aprendem e se comunicam.

O PROFESSOR FAZENDO USO DE BRINCADEIRAS E JOGOS

A atividade lúdica é muito importante para o desenvolvimento sensorial, motor e cognitivo, tornando-se uma maneira inconsciente de se aprender, de forma prazerosa e eficaz.

O professor de Educação Infantil deve ser um mediador no processo ensino aprendizagem, criando condições para que as crianças explorem seus movimentos, manipulem materiais, interajam com seus companheiros e resolvam situações-problemas.

De acordo com Vasconcellos (1995):

O professor tem que partir da realidade dos alunos, ver suas necessidades, buscar alternativas de interação. Ocorre que, na fase de mudança, está tomada de consciência é importante, até que venha a se incorporar com um novo hábito. (VASCONCELLOS,1995, p.74).

O professor deve valorizar as ações de cooperação e solidariedade, para que as brincadeiras não se tornem apenas competitivas, assim a criança desenvolverá sua auto confiança respeitando suas limitações e possibilidades.

O brincar não pode ser aleatório e desprovido de regras e conteúdos, mas deve tornar-se essencial na educação infantil, pois irá proporcionar o desenvolvimento motor e mental da criança e professor pode utilizá-lo como recurso pedagógico, possibilitando o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

Segundo Haetinger (2005, p. 83):

O educador segue a evolução social e cultural de sua comunidade e do mundo, e deve utilizar todas as ferramentas e ideias disponíveis para aprender e ensinar, para tornar sua sala de aula o lugar mais encantador do mundo. Queremos a escola do encantamento onde todos se sintam incluídos.

Na educação infantil a criança consegue lidar com a representação, dando início às brincadeiras envolvendo o imaginário, o faz-de-conta, onde um pedaço de madeira pode se transformar em um cavalinho ou um microfone, por exemplo, dependendo da imaginação e da situação de brinquedo que a criança está envolvida.

A brincadeira permite que a criança expresse suas emoções, e assim o professor passa a ter maior conhecimento da sua personalidade, ajudando-o a superar seus limites e a respeitar as regras com disciplina.

A utilização de jogos, brincadeiras e brinquedos em distintas situações educacionais podem ser um meio para estimular, analisar e avaliar aprendizagens específicas, competências e potencialidades das crianças abarcadas e por esse motivo que o professor de educação infantil e de séries iniciais deve proporcionar momentos de jogos e brincadeiras durante o processo de ensino aprendizagem.

É possível uma aprendizagem com características lúdicas, com o objetivo de dinamizar a aprendizagem, pela iniciativa do aluno e pela motivação gerada pelo trabalho grupal. Nessa medida, a participação do professor no jogo e na brincadeira dos alunos tem a finalidade de ajudá-lo a perceber como podem participar da aprendizagem e da convivência em geral. (TEIXEIRA, apud MOREIRA, 2010, p.71).

Quando se trabalha com jogos e brincadeiras o professor pode observar quais as lacunas

ficaram nas crianças durante o processo de ensino aprendizagem e o que não conseguiram compreender do conteúdo proposto.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) relata que com as brincadeiras as crianças utilizam seus conhecimentos prévios para dar conceitos ao seu ato de brincar e que agem muitas vezes por imitação.

O professor de Educação Infantil deve ser um facilitador das brincadeiras, podendo misturar momentos em que orienta e dirige o processo, com outros momentos e que as crianças são responsáveis pelas suas próprias brincadeiras.

Mesmo com todos os estudos que tratam da eficácia do uso de jogos nos ambientes escolares, ainda existe resistência por parte de alguns educadores descrentes na possibilidade de unir a brincadeira ao conteúdo pedagógico. Para estes profissionais brincar e aprender são duas instâncias distintas que não devem ser utilizadas simultaneamente.

Para que o lúdico tenha um lugar garantido no cotidiano das escolas, é necessário a atuação do educador, alimentada pela vivência lúdica, em que o professor se coloque pleno, inteiro no momento, alegre e flexível, saindo do papel de agente exclusivo de informação e formação dos alunos, e passando a desempenhar uma função de extrema relevância mediador e possibilitador das interações entre as crianças.

Segundo Antunes (2001):

As brincadeiras [ou atividades] dentro do lúdico se tornam um aliado e instrumento de trabalho pedagógico super valorizado para se conseguir alcançar os objetivos de uma construção de conhecimentos onde o aluno seja participativo ativo. (ANTUNES, 2001, p. 28)

De acordo com Maria Montessori (1987, p.64):

Nossas crianças aprenderam a movimentarem-se entre as coisas sem esbarrar nelas, a correr sem produzir ruído, tornando-se espertas e ágeis. E sentiam prazer pela própria perfeição. O que lhes interessava era descobrir a si mesmas, as suas possibilidades, e se exercitarem numa espécie de mundo oculto como é o da vida que se desenvolve.

Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil (1998, p.9):

O educador não precisa ensinar a criança a brincar, pois este é um ato que acontece espontaneamente, mas sim planejar e organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada, propiciando às crianças a possibilidade de escolher os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar. Dessa maneira, poderão elaborar de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais (RCNEI, 1998, p. 29).

Por meio dos jogos e das brincadeiras a criança consegue fazer diversas assimilações, onde os conteúdos podem ser ministrados com mais facilidade e compreendido com muito mais prazer e diversão, por isso é fundamental que o professor seja mediador nesse processo de ensino aprendizagem.

As aulas ministradas de maneiras mais lúdicas permitem um maior desenvolvimento na aprendizagem das crianças, porque geralmente os jogos e as brincadeiras desafiam as crianças

e fazem com que elas desenvolvam pensamentos e raciocínios significativos e amplos, tanto na construção de brinquedos quanto na forma como se joga cada jogo, é preciso dispor sempre de muita atenção.

BRINCADEIRA, LAZER E DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES

O brincar faz parte da essência de cada um, contribui no desenvolvimento social, cultural das pessoas, favorece aprendizado, tornando apto a viver na sociedade sem agressão a sua existência, por meio, do simbolismo realiza ações e intervenções no mundo, desenvolvimento a imaginação, a confiança, o controle, a criatividade, a cidadania, suas frustrações, a cooperação e o relacionamento interpessoal, a brincadeira é a porta de entrada para um outro mundo, possibilita a exploração e reflexão da realidade e da cultura que se está inserido, sem perceber a interferência nas regras sociais acontecem de forma prazerosa.

A brincadeira estimula o intelecto, confronta o emocional, desestabiliza a convivência individual, oportunizando um desenvolvimento do cérebro, social e cultural, assim, expõe seus conhecimentos e expectativas do mundo, uma maneira satisfatória de envolver as exigências sociais a vida cotidiana de cada um, para que elabore sua autonomia de ação de forma a organizar emoções, consolidando valores e virtudes, pois ajuda a controlar a impulsividade, promove a reflexão, estimulando o planejamento de estratégias, o que desenvolve conexões cerebrais, atuando diretamente nas emoções da pessoa, para brincar é preciso companhia, estar com o outro nos espaços coletivos, dividir objetos, se colocar no lugar do outro, ensinar e aprender o que é proposto, essa interação traz benefícios sociais.

A possibilidade de brincar de forma intencional, livre e exploratória proporciona à criança uma aprendizagem ativa por meio da qual as muitas ser capaz de compreender e resolver problemas serão encontradas, tais como (MOYLES, 2002, p.76):

- A oportunidade de identificar, compreender, reconhecer e entender as propriedades dos materiais;
- Descobrir e distinguir elementos e características semelhantes e diferentes, e combinar, separar e classificar;
- Discutir com o grupo de pares e as suas explorações e aprender com e a partir de outras crianças e adultos;
- Usar e descrever as coisas de diferentes maneiras;
- Representar as coisas em diferentes forma e estruturas e observar e antecipar transformações e mudanças;
- Arranjar e rearranjar materiais dentro de um espaço dado e experienciar ordem e sequência;
- Aprender sobre as próprias capacidades, preferências e desgostos;
- Aprender a lidar com a frustração e aprender relações simples de causa e efeito;
- Aprender que é necessário tempo para realizar e completar uma tarefa ou chegar a um resultado desejado

Zanluchi (2005, p. 89) reafirma que “Quando brinca, a criança prepara-se a vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contato com o mundo físico e social, bem como vai compreendendo como são e como funcionam as coisas.”

Segundo Almeida (1998, p.35), as atividades lúdicas explicitam “[...] as relações múltiplas do ser humano em seu contexto histórico, social, cultural, psicológico, enfatizam a libertação das relações reflexivas, criadoras, inteligentes, socializadoras”. Estudos apontam a ludicidade como uma necessidade humana que não pode ser vista apenas como uma diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para a saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento (SANTOS, 1997, p.12)

De acordo com Prado (1991, p. 78, apud SCHAEFFER, 2006) lúdico é a forma de adjetivar uma atividade socialmente construída e diferenciada em cada cultura, é “[...] um conjunto complexo de elementos especificamente humanos que cria espaço de jogo entre o real e o imaginário, sendo que sua natureza se transforma conforme a cultura, a história e as condições objetivas em que o indivíduo e o grupo se inserem”. O autor (apud SCHAEFFER, 2006) define ainda alguns elementos do lúdico: o desejo (enquanto motivação intrínseca do sujeito); a afetividade; a situação imaginária e a interação criativa (reciprocidade não passiva e criadora). Para o autor, a atividade é aquela na qual a motivação está na própria ação do sujeito e não em seus efeitos ou resultados externos. Sua finalidade real encontra-se nas vivências de diversos aspectos da realidade, que são significativos para o sujeito que age ludicamente.

Desta forma, o brincar, o lúdico está intrínseco na vida das pessoas que precisam dessas experiências prazerosas, a fim e unir o brincar, com o lazer, ambos se denominam atividades de horas livres, momentos esperados para relaxamento, físico e mental, sobre o lazer, pontua-se no PCN, (1998, p.117):

O lazer é de suma importância na estruturação das identidades, individuais e coletiva, portanto, já que o lúdico é parte do lazer, logo auxilia também nessa construção. No processo de estruturação das identidades — individuais e coletivas — o lazer aparece, para os adolescentes e jovens, como um espaço particularmente importante. Por ser menos disciplinado que a família, a escola e o trabalho, o lazer propicia o desenvolvimento de relações de sociabilidade e de experimentação, fundamentais para esse processo. O lazer permite também que os adolescentes e jovens expressem seus desejos e aspirações e projetem outros modos de vida. Por todos esses aspectos, o lazer se evidencia como uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil. Partindo do pressuposto de que o lazer é parte fundamental na construção da identidade na fase juvenil, decidimos usá-lo como fator positivo no auxílio ao aprendizado, pois assim como é fundamental nesse processo, porém invisível aos olhos do jovem ou adolescente, é também no processo da educação, ou seja, o indivíduo aprende de forma prazerosa, pois o lúdico lhe proporciona esse prazer.

O aprendizado vem por consequência e o aluno não se dá conta de que está aprendendo Português, mas aprende porque a matéria foi relacionada a uma atividade prazerosa.

O lazer também é considerado como desenvolvimento da personalidade, portanto, é de grande importância na vida social, econômica, política e cultural de toda sociedade (FERRARI, 2002).

Como já mencionados, o lazer é um dos caminhos que proporcionam benefícios para as pessoas. Dentre esses espaços, Werneck, (2000 apud PINTO; BURGOS 2002) mostra que a recreação é um espaço para vivenciar o lúdico, ou seja, diz respeito às práticas culturais, estabe-

lecidas em um tempo livre constituindo em atividades recreativas.

Oliveira (2005, p.15) relata a partir de diversos autores que:

O esporte, o lazer e a recreação estão diretamente relacionados à qualidade de vida e à redução da violência e que tão importante como gastar menos tempo com transporte, sentir-se seguro nas ruas, ter acesso à educação e saúde públicas ou viver em locais não poluídos, é também o usufruto do tempo livre de forma saudável, lúdica, prazerosa e construtiva.

O lazer aproxima-se do lúdico; o jogo, por exemplo, incorpora o seu próprio conceito, o lúdico. Ele é uma atividade livre, uma diversão (sem caráter de obrigatoriedade); delimitada (num espaço e tempo previamente estabelecidos); incerta (sem precisão de resultados); improdutiva (não mantém vínculos com a sociedade-consumo); regulamentada (submissa a regras) e fundamentada (num contexto de irrealidade perante a vida) (BRUHNS, 1997).

Portanto, a junção entregar-se ao lazer em meio a brincadeira, é desfrutar da internalização de virtudes e valores com satisfação, sem cobrança e obrigatoriedade, é poder alcançar níveis elevados de aprendizado interno, que realizada em tempo livre promove, autoconfiança, autonomia, satisfação, alegria, além do desenvolvimento social.

Guedes(1994) em seu capítulo nas “Orientações Básicas sobre Atividades Físicas e Saúde para Profissionais das Áreas de Educação e Saúde”, definindo-a como “um estado dinâmico de energia e vitalidade que permite a cada um não apenas a realização das tarefas do cotidiano, as ocupações ativas das horas de lazer e enfrentar emergências imprevistas sem fadiga excessiva, mas, também, evitar o aparecimento das funções hipocinéticas, enquanto funcionando no pico da capacidade intelectual e sentindo uma alegria de viver”. Propõe também que a aptidão física seria a capacidade de realizar esforços físicos sem fadiga excessiva, garantindo a sobrevivência de pessoas em boas condições orgânicas no meio ambiente em que vivem.

Os componentes da aptidão física englobam diferentes dimensões, podendo voltar-se para a saúde e abrangendo um maior número de pessoas, valorizando as variáveis fisiológicas como potência aeróbica máxima, força, flexibilidade e componentes da composição corporal, podendo voltar-se para as habilidades desportivas em que as variáveis, tais como agilidade, equilíbrio, coordenação motora, potência e velocidade, são mais valorizadas, objetivando o desempenho desportivo.

O LAZER DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA

As medidas de distanciamento social significam que as pessoas têm muito menos oportunidades de serem fisicamente ativas, especialmente se atividades como caminhar ou andar de bicicleta como meio de transporte ou participar de uma atividade de lazer (por exemplo, correr, passear com o cachorro, ir à academia) estão sendo restritas. Além disso, essas medidas drásticas também tornam muito mais fácil ser sedentário em casa por longos períodos de tempo. O impacto dessa inatividade física pode muito provavelmente ser visto em muitas áreas, como saúde e assistência social e o bem-estar mental de pessoas em todo o mundo.

Embora essas medidas de distanciamento social sejam importantes e necessárias em uma

época como agora, nossos corpos e mentes ainda precisam de atividade física e dos muitos benefícios dela.

Durante a pandemia COVID-19, é ainda mais importante que todas as pessoas sejam fisicamente ativas. Mesmo que seja apenas uma pausa para sentar-se à mesa e caminhar ou se alongar. Fazer algo tão simples como isso irá:

- Aliviar a tensão muscular
- Aliviar a tensão mental
- Melhorar a circulação sanguínea
- Melhorar a atividade muscular
- Criar alguma rotina para o seu dia nestes tempos sem precedentes.

Apesar de todos esses muitos benefícios, a inatividade física custa 5,3 milhões de vidas por ano em todo o mundo. É importante, portanto, encontrar maneiras de limitar o impacto da pandemia COVID-19, bem como o impacto mais amplo que ela terá nas doenças crônicas de longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aponta-se que a realidade encontrada é de responsabilidade tanto do sistema, como da escola e também dos professores unidocentes.

A responsabilidade é também do Professor Unidocente, que, para receber uma gratificação adicional, ministra todas as disciplinas não cedendo espaço para outro profissional. Além disso, a maioria dos professores unidocentes não busca informações e formação continuada com alternativas para melhorar suas práticas.

Acima de tudo, é fundamental ressaltar que para ministrar aulas que envolvem o corpo e movimento, é preciso que o professor a considere como um componente curricular. Para isso, é necessário conhecer a organização dos conhecimentos para construir um currículo com atividades físicas. É preciso que o profissional saiba como e porque fazer e ainda estar, de fato, comprometido com os seus alunos. Em princípio, lidar com essas especificidades requer conhecimento, o que nem sempre é garantido nos cursos de formação do Pedagogo, nem oferecido na formação continuada.

Se faz necessário que os profissionais da educação tenham conhecimento sobre a psicomotricidade, que saibam reconhecer isso na criança e propor atividades que busquem envolver os alunos, promovendo uma aprendizagem significativa.

Em reforço a essas considerações, vale frisar que esse estudo não esgota o assunto, pois ele pode desdobrar-se em pesquisas com outros profissionais. Todavia, essa pesquisa tem a virtude de apontar caminhos para uma mudança nas práticas de atuação da Educação Infantil, que devem envolver o corpo e o movimento.

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA, J. **A Escrita Infantil – Evolução e Dificuldades**. Porto Alegre – RS.

Editora: Artes Médicas, 1988.

ALVES, R. C. S. **Psicomotricidade I**. 2007 Disponível em: <http://www.psicomotricialves.com/PSICOMOTRICIDADEI.pdf> Acessado em: 11 março 2022.

ASSUNÇÃO, E. J.; COELHO, M. T. **Problemas de Aprendizagem**. 12ª Edição. Editora: Ática. São Paulo – SP, 2006.

BUSS-SIMÃO, M. **A Dimensão Corporal: Implicações no Cotidiano da Educação da Pequena Infância**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC, 2009. Revista Internacional de Investigación en Educación.

BATISTA, Luis Carlos da Cruz. **Educação Física no Ensino Fundamental**. Rio de Janeiro: 2ª edição, Sprint, 2003.

BETTI, Mauro. **A Educação Física na escola brasileira de 1º e 2º Graus- uma abordagem sociológica**. São Paulo; USP, 1991.

BOULCH, J.L. **Educação Psicomotora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. BOULCH, J.L. **A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil – Conhecimento de Mundo**. Brasília, MEC/SEF. 1998.

COLL, C. [et al.]. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

DARIDO, S.C. **Educação Física na Escola; questões e reflexões**. Araras: Topázio, 1999.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade um projeto em parceria. 3. ed. São Paulo: Lloyola, 1995.

GALLARDO, J. S. P; **Educação Física: contribuições à formação profissional**. Ijuí: ed. Unijui, 2003.

GALLARDO, J.; OLIVEIRA, A. A. B. de e ARAVEÑA, C. Didática de Educação Física. **A criança em movimento: jogo, prazer e transformação**. São Paulo: FTD, 1998.

KISHIMOTO, T. M. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

_____. **Jogo brinquedo, brincadeira e a educação**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LE BOULCH, Jean. **Educação Psicomotora: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LLEIXÀ, Arribas Teresa. **A educação física de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo e mente**. Campinas: Papirus, 1983.

MANTOVANI, Michelle. **Movimento corporal na educação musical: influências de Emile Jaques Dalcroze**. 2009. Tese (Mestrado em Música) - Universidade Estadual Paulista. São Paulo-SP.

RODRIGUES, Luis G.C e MARTINS, João Luis. **Recreação: trabalho sério e divertido**. São Paulo: ícone, 2002.

RIZZI, L.; HAYDT, R. C. **Atividades lúdicas na educação da criança**. São Paulo: Ática,

1987.

SOARES, C. **Educação Física Escolar- conhecimento e especificidade. Mimeo**,1995.

TISI, Laura. **Educação Física e a alfabetização**. Rio de Janeiro: Sprint 2004.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo – SP. Editora: Martins Fontes, 1987.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SOARES, Lucimeire de Oliveira¹

RESUMO

Os estudos realizados neste artigo científico fomentam-se da necessidade de compreender sobre o quanto o brincar tem funções relevantes dentro da educação infantil. Nessa temática, houve a necessidade de procurar responder o quanto o tema brincar é foco de estudos científicos e um instrumento usado por professores na contemporaneidade. O referido estudo tem por base estudar o termo desde o seu significado, fazer um estudo de pensadores como Piaget, Vygotsky entre outros e também estudos documentais que sustentam essa prática educativa como componente elementar para um desenvolvimento integral da criança. Os métodos adotados nesta pesquisa, foram os estudos de teóricos que se preocuparam em explicar o brincar, bem como prática educativa e como essa temática hoje é usada por professores em sala de aula. Ao mensurar sobre os resultados desta pesquisa, pode-se dizer que foi alcançado dentro da temática principal, que era reconhecer o brincar como elemento essencial para o trabalho do professor no mundo da criança, que é repleto de criatividade, descoberta, imaginação e aprendizado.

Palavras-chave: Compreender; Criatividade; Imaginação.

INTRODUÇÃO

O brincar na educação infantil, aconsoanta-se de forma elementar em todo o processo de desenvolvimento da criança.

Para iniciarmos a discussão sobre as contribuições que o brincar traz para as crianças na educação infantil, é de elementar importância respaldamos algumas definições sobre o que significa brincar no dicionário, tentando assim, termos uma definição desse ato que é alvo de estudos contidos neste trabalho acadêmico. Brincar no dicionário Michaelis (2009), significa entre outras definições, “divertir-se infantilmente, entreter, folgar, foliar, divertir-se representando

¹ Graduada em Pedagogia. Professora de Educação infantil e Ensino Fundamental na Prefeitura Municipal de São Paulo. E-mail: luclucimeireoliver@hotmail.com.

o papel de e divertir-se fingindo exercer qualquer atividade”. Portanto, concluímos que, dentro da citação anterior, o brincar traz espontaneidade e alegria para aqueles que o desempenham, e tem em seus aspectos uns tons de divertimento embutido em seu ato atrativo e interativo, bem como dar subsídios para que haja desenvolvimento do faz-de-conta no desenrolar das brincadeiras. É nessa linha de raciocínio que colocaremos o brincar dentro da educação infantil, através de considerações que trazem este ato não visto com forma neutra, mas associado a todo um processo educativo e prazeroso, que o caracteriza como de elementar importância na construção do processo educacional das crianças. Para Oliveira (2000, apud Fantacholi), “o brincar não significa apenas recrear, mas sim desenvolver-se integralmente”, ou seja, como foi citado anteriormente, não pode ser analisado de forma neutra, mas sim, descrito como uma fonte rica de aprendizagem que ocorrerá durante todos os momentos do brincar e a criança.

O professor de educação infantil, deve ter em sua compreensão a importância de explorar pedagogicamente as brincadeiras, trazendo assim, todos os benefícios que podem acarretar no seu trabalho docente. Segundo, Fein (Spodek & Saracho apud Queiroz; Maciel e Branco, 2006, p. 170), cita que “difícil definir a brincadeira, mas, em certo sentido, ela se auto afirma”.

O BRINCAR NAS FASES SENSORIO-MOTORA E PRÉ-OPERATÓRIA, SEGUNDO PIAGET

Jean Piaget, foi um estudioso que preocupou-se em explicar como “a criança é o ser que mais notoriamente constrói conhecimentos” (PÁDUA, 2009, P.22).

Nascido em 09 de Agosto, na Suíça, em família culta e rica, licenciou-se em 1915 em biologia e teve seu doutorado em 1918 em ciências naturais. Acreditava que tanto a biologia, como a filosofia teriam um elo de ligação, concernente a explicação de como o conhecimento atinge o homem. Foi a campo observar uma escola primária e realizou testes com as crianças. (AZENHA, 2006, P. 12-13-14).

Seus estudos sobre a Epistemologia Genética preocuparam-se em “explicar a ordem de sucessão em que as diferentes capacidades cognitivas se constroem” (Pádua, 2009, p. 27), ou seja, podemos perceber que no decorrer do desenvolvimento das crianças ela passa por um estágio diferente que possibilita uma determinada apropriação de saber, sendo que o professor deve estar atento para estes aspectos para desenvolver de forma mais apropriada seu trabalho na educação infantil e suas construções do brincar. Iniciaremos, então, nossos relatos sobre as fases que estão em questão no estudo vigente, que são a sensorio-motora e a pré-operatória.

A sensorio-motora começa do nascimento até aos 2 anos aproximadamente e “antecede a linguagem” (Pádua, 2009, p.28), nesta fase a exploração e o conhecimento acontece pelo corpo, ou seja quanto mais a criança se movimenta em diversas situações e lugares, mais aprende, “a criança conquista seu mundo através da percepção e dos movimentos, de todo o universo que o cerca” (Valle, 2013, p. 25).

Nesta fase a noção de casualidade “se faz presente quando a criança percebe que ela é objeto do mundo e que ela pode interagir com outros objetos” (Pádua,2009, p.29), fazendo interações direta com o mundo que a cerca. E todo processo de integração, é de extrema im-

portância, pois quanto mais estímulos tiver maior será seu desenvolvimento, lançando mão do próprio corpo para aprender.

Portanto, pôde-se dizer que, nessa fase a criança desenvolve-se com “ações e percepções” (Pádua, 2009, p. 29), sendo que é o trabalho do professor da educação infantil é aguçar a curiosidade por conhecer coisas novas, ter acesso ao manuseio de materiais variados e trabalhar o faz de conta de forma a explorar ações cotidianas da criança.

Na fase pré-operatório, que vai dos 02 aos 07 anos aproximadamente, onde há “a introdução ao mundo da linguagem, aos jogos simbólicos e as outras funções simbólicas há um desenvolvimento notável das estruturas mentais” (Pádua, 2009, p. 30), começando assim, o processo em que a criança brinca com elementos do seu cotidiano, havendo um alto poder lúdico entre o brinquedo e a criança em toda sua estrutura de inventar a brincadeira. Nesta fase deve-se dar subsídios para todo esse processo de criação durante as brincadeiras na educação infantil e favorecer um espaço de incentivo a novas linguagens, importância da leitura e investimento no lúdico.

Dentro do processo de assimilação a criança capta e dá sentido ao que captou, Piaget (1976, p. 59), menciona que:

Assimilar um objeto a um esquema torna (...) a conferir a esse objeto uma ou mais significações e é essa atribuição de significações que comporta, então, um sistema mais ou menos complexo de interferências, mesmo quando ela tem lugar por constatação. Em resumo poder -se-ia dizer então que uma assimilação é uma associação acompanhada de interferência.

É na acomodação que acontece “a origem do processo de aprendizagem” (Pádua 2009, p. 25), pois nesse processo os esquemas e estruturas se modificam e encaixam. Pádua (2009, 25), designa que:

Nesta interação com o meio e as estruturas mentais, ou seja, a organização que a pessoa tem para conhecer o mundo, são capazes de se modificarem para atender e se adequar às necessidades e singularidades do objeto, ou seja, as estruturas mentais se amoldam a situações mutantes e esse processo, Piaget designou acomodação.

Na equilibração, essas modificações dos esquemas ganham equilíbrio, “passando por múltiplos desequilíbrios e reequilibrações” (PIAGET, 1976, p. 123). Ao referimo-nos sobre o desenvolvimento Piaget (1976, p. 123), afirma também que, “em um certo sentido, uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio a um estado de equilíbrio superior”.

E dentro de todo processo de equilibração tem a função de “conciliar os aportes da maturação, da experiência dos objetos e da experiência social”. (PIAGET, 1976, p. 126)

Portanto, conclui-se que, dentro da fase pré-operatória, seja na assimilação (captura), acomodação (modificação) e equilibração (maturação), o brincar será um auxiliador para que a criança possa passar nestes processos usando o lúdico como forma de aprendizado.

Logo, concluiu-se que, Piaget era um estruturalista, que em seus estudos buscou repostas para explicar toda parte estrutural do desenvolvimento da criança.

O BRINCAR E O PROCESSO SÓCIO-HISTÓRICO DA CRIANÇA, SEGUNDO VYGOTSKY

Lev Semenovich Vygotsky, foi um psicólogo bielo-russo, que estudou na Universidade de Moscou e foi um leitor ávido e assíduo de temas com Linguística, Ciências Sociais, Psicologia, Filosofia e Artes. Concluiu seus estudos em Direito e Filologia (conjunto de conhecimentos necessários para interpretar um texto). Lecionou Psicologia e Pedagogia em Moscou e Leningrado e foi importante pensador e pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. (Fonte InfoEscola)

Para Vygotsky, a criança aprende através das interações sociais, seja, com outras crianças ou mesmo com adultos. E essas interações trazem trocas de conhecimentos, aprimorando os já obtidos, como a soma de outros que são pertinentes durante essa troca de experiências, Dirléia Fanfa Sarmiento, pesquisadora do Centro Universitário La Salle, relatou a revista IHU On-Line (2008), que “compreender que a singularidade do ser humano, enquanto um sujeito histórico-social, se constitui através das relações sociais, pela ação do trabalho e pela utilização de elementos semióticos”.

Isso se fez importante ao nos referimos o quanto é mensurável reconhecer o processo de significação dessas reações sociais no cotidiano da criança, dando ênfase a todos os fenômenos culturais trazidos por ela e conciliando com outros do convívio social.

Acrescentando para o contexto do referido artigo sobre a importância do brincar, o brinquedo traz propriedade importantes, conforme a citação de Vygotsky (1994, p. 122 apud Cartaxo, 2011, p. 113), quando refere-se que:

No início da idade pré-escolar, quando os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos ou esquecidos, e permanece ainda a característica do estágio pendente de uma tendência para a satisfação imediata desse desejo, o comportamento da criança muda. Para resolver essa tensão, a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde seus desejos não realizáveis podem ser realizados, esse mundo é o que chamamos de brinquedo.

Sobre a citação acima, fez consoante dizer sobre toda a importância que o brinquedo tem para a criança em seus conflitos diários, pois em seu cotidiano, esbarra-se com situações que por vezes não são bem vistas aos seus olhos, porém são necessárias, como exemplo, falemos sobre idas ao dentista, médicos etc. A criança pode apresentar medo desses profissionais, mas em suas brincadeiras, confronta em seus brinquedos essas situações que lhe causam medo, podendo assim, até chegar ao objetivo de superá-los. Pois, entra em contato com um mundo ilusório e criativo, objetivando “ações reais e objetivos reais” (VYGOTSKY, 1994 apud CARTAXO, 2011, p. 114). Ainda fazendo referências sobre o brinquedo, Cartaxo (2011, p. 114), cita que” através da atividade do brinquedo, pois tal atividade oferece uma estrutura básica que permite mudanças na necessidade da consciência”, ou seja, aquilo que a criança não consegue realizar hoje sozinha, amanhã certamente conseguirá fazer.

Dando continuidade a respeito do brincar como forma de socialização para a criança,

onde “aspectos simbólicos, linguagem e cognição também são estimulados” (Cordazzo; Vieira, 2007), para essas abordagens, é primordial respaldar que, durante o ato de brincar a criança desenvolve seus movimentos e habilidades e conceitos, cria interações e trabalha todo o processo da linguagem. Quando as crianças brincam há uma série de trocas sejam experiências, de comportamento, entre outras que podem ser observadas e esse fator traz considerações muito importantes no desenvolvimento integral da criança.

Dentro dessa linha denota-se que, Vygotsky foi um estudioso que escreveu suas teorias sobre a construção do brincar como um desenvolvimento social e interacionista, onde “a criança nasce em um meio cultural repleto de significações culturais e historicamente produzidas, definidas e codificadas, que são constantemente resinificadas e apropriadas pelos sujeitos em relação, constituindo-se, assim, em motores do desenvolvimento (VYGOTSKY, 1998 apud QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p.171).

OUTRAS CONTRIBUIÇÕES DE ESTUDIOSOS SOBRE O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As contribuições que foram feitas nesta parte, visaram também conhecer o que outros estudiosos reportam sobre o brincar na educação infantil, pois como já foi citado anteriormente sobre Piaget e Vygotsky, assim será feito sobre outros pontos de vista.

Para Sperb e Conti (1998 apud Queiroz; Maciel, Branco 2006, p. 175), o faz-de-conta, nas seguintes categorias:

A primeira quando a criança utiliza representações primárias, isto é, vê o mundo de forma direta e imediata, substitui o objeto, por exemplo a mãe, pelo pai. Já na segunda, mais complexa, emerge quando ela usa representações secundárias, entendidas como representações de representações ou metarepresentações, atribuindo propriedades imaginárias ao objeto ou evento, o que ocorre quando ela em interação com um parceiro lhe propõe que o tempo hoje está ótimo (quando está chovendo) ou que limpe o rosto da boneca que está sujo (sem estar). Neste momento ela vai além do significado comum dos objetos ou dos eventos sem, entretanto, confundir realidade/não realidade. Por último, em forma mais avançada do faz-de-conta, o objeto é imaginário, por exemplo” Faz-de-conta que neste prato tem bolo, neste copo, refrigerante”.

Podemos entender, que o faz-de-conta, vai evoluindo à medida do desenvolvimento, assim, os processos mentais evoluem na mesma medida.

Para Leme (2005 apud Queiroz; Maciel; Branco, 2006, p. 176), a atividade de brincar é fator relevante no desenvolvimento da criança e deve ser usada pelo professor em sala de aula em suas propostas educacionais. Isso só ressalta que toda a estrutura do brincar é para o professor um forte aliado quando se trata de questões pedagógicas, pois abre um leque de possibilidades.

Dentro do brincar, os jogos têm a função de socializar, dar um enfoque nas regras e desenvolver habilidades, pois todo o jogo implica em um ato de brincar. E na sua execução o professor pode explorar aspectos e atividades de forma a criar um ambiente de aprendizagem rico e espontâneo. Mas deve-se voltar um olhar para que os jogos sejam, pensados no sentido de ser apropriados a faixa etária que está sendo aplicado, Fantacholi (2011), denota que “É brincando

que a criança aprende a respeitar regras, a ampliar seu relacionamento social e a respeitar a si mesmo e os outros”. Sendo parte importante do jogo, o rico arsenal de causar modificações de regras e adaptações em qualquer que seja a atividade, podemos dizer neste caso que “As ações com o jogo devem ser criadas e recriadas, para que sejam sempre uma nova descoberta e sempre se transforme em um novo jogo, em uma nova forma de jogar”. (FANTACHOLI, 2011)

Finalizou-se aqui, porém é necessário ressaltar, sobre o inesgotável material e estudiosos sobre o assunto, que “o ensino absorvido de maneira lúdica, passa a adquirir aspecto significativo” (CARVALHO, 1992, p. 28 apud FANTACHOLI 2011), e todo foco do professor para a importância desse trabalho com as crianças de educação infantil, deve estar presente no cotidiano escolar.

ANÁLISES DOCUMENTAIS DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mesmo com diversos documentos que regulamentam a educação nos parâmetros legislativos, selecionou-se nesta parte dos estudos acadêmicos análises documentais sobre a LDBEN e as DIRETRIZES CURRICULARES para a EDUCAÇÃO INFANTIL.

A LDBEN (1996) em seu Art. 29, cita “A educação infantil, como a primeira etapa da educação básica”, ou seja é na educação infantil que começa todo o processo de aprendizagem da criança. E saber qual é a melhor forma de construir essa aprendizagem é o objetivo do professor, pois se for recapitulado todos os embasamentos e referências, já citadas por estudiosos anteriormente, trará à tona toda a construção desse trabalho acadêmico que defende que o brincar é imprescindível para o desenvolvimento integral da criança na educação infantil.

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p. 12), em suas referências sobre o processo dessa construção trata a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que nas interações, relações e práticas cotidianas que vivência, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Nesta citação é notório observar que entre tantos direitos, a criança brinca para desenvolver-se. Neste mesmo documento, o brincar é tratado como todo um processo que vai ocasionar construções para as crianças, desenvolvendo habilidades, interações e sociabilidade. Também cita sobre o faz-de-conta e suas contribuições (DCNEI, 2010).

Com essas leis citadas anteriormente, procurou-se fornecer mais elementos de defesa, no contexto do quanto o brincar na educação infantil é importante, com as leis que respaldaram esse ato, bem como, além das citadas, muitas outras que também existem para defender, incentivar e mostrar sua importância do tema em questão.

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS E A PESQUISA DE CAMPO COM PROFESSORES QUE ATUAM NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS RELEVÂNCIAS SOBRE O BRINCAR

Nesta parte integrante e dando continuidade aos estudos sobre o brincar na educação infantil, houve um confronto de aspectos teóricos e práticos dentro da temática apresentada, a fim de confrontar todos os aspectos de investigação da prática pedagógica com os teóricos que já foram apresentados outrora. Questionários foram entregues para professores de educação infantil, com perguntas pertinentes ao conceito que advinha desses professores, a respeito de propriedades construtivas do brincar dentro de sua prática profissional. Esse questionário era composto de seis perguntas, onde tentou-se ter uma pequena noção de algumas construções contidas no tema, bem como cada professor usa-o no seu dia-a-dia. Sendo que, a pesquisa de campo é primordial para estruturar este estudo de Trabalho de Conclusão de Curso e de importância para constatação de aspectos da realidade, nesse âmbito, Justino (2011, p.31) ressalta que:

Para que isso ocorra, é preciso compreender como funciona a realidade, necessitando assim conhecer os conceitos já elaborados, pois o conhecimento só tem sentido quando possibilita o compreender, o usufruir ou o transformar a realidade.

Com a citação acima pôde-se perceber, o quanto a investigação da realidade foi relevante e construtiva para respaldar aspectos primordiais a respeito da pesquisa.

Estas foram as perguntas do referido questionário e logo após, analisou-se o quanto tem proporções mensuráveis dentro dos estudos bibliográficos.

Questão 1: Para você professor o que significa brincar na educação infantil e qual a sua importância diante do desenvolvimento das crianças?

Questão 2: Como você aplica o brincar na prática docente?

Questão 3: De que maneira os estudos de Vygotsky, Piaget e outros pesquisadores da educação, contribuíram na sua prática pedagógica?

Questão 4: Dentro da prática pedagógica cite um exemplo de brincadeira desenvolvida no seu cotidiano escolar?

Questão 5: Qual sua experiência na educação infantil?

Questão 6: Deixe um recado para as futuras gerações sobre relevâncias do brincar na educação infantil.

Os professores serão conhecidos como 1,2,3,4, preservando toda a identidade dos entrevistados.

Na primeira questão, o brincar para todos os professores foi visto como fator de construções inexoráveis e de relevância primordiais dentro da educação infantil, pois acrescenta na vivência das crianças uma notoriedade de propriedade contidas em seu ato, como: descobertas, construção do conhecimento, regras da sociedade, valores, cooperação, desenvolvimentos de aspectos cognitivos e aspectos sócio culturais entre outros. Para os professores 1, 2 e 4, as teorias interacionistas (Vygotsky) tiveram destaque, sendo que, o professor 3 citou além da impor-

tância das interações, aspectos cognitivos e afetivos (Vygotsky e Piaget).

Dentro da segunda questão, que fez menção a parte prática do brincar no trabalho docente, foi observado que o brincar é um facilitador entre o professor e seu trabalho cotidiano, pois faz com que os objetivos da aprendizagem sejam atingidos de maneira lúdica e divertida e a produção de conhecimento favorável ao seu desenvolvimento, conforme resposta dos professores. O professor 1, teve sua resposta sobre as construções de partir do concreto, o professor 2, em trabalhar com aspectos emocionais, intelectuais, físicos e sociais, o professor 3, salientou sobre a alegria, o prazer, o movimento e solidariedade e o professor 4, fez menção a brincadeiras interacionistas.

Na questão 3, salientou-se sobre a influência que os estudos de teóricos, como Piaget, Vygotsky e entre outros, trouxeram de base para a prática pedagógica. O professor 1, citou além dos teóricos anteriores Gardner, como contribuição teórica para sua prática, bem como, o interacionismo como propriedade fundamental. O professor 2, não respondeu esta questão. O professor 3 e 4, mencionou as interações com o meio.

A questão 4, solicitou um exemplo de brincadeira, e foram citadas brincadeiras de roda, forca, obstáculo com garrafas, brincadeira da serpente entre outras. Havendo unanimidade em brincadeiras coletivas.

Abordada a questão 5, em que foi perguntado sobre o tempo em que o professor atua na docência, somente a professora 2 não respondeu, sendo que, em termos gerais há atuação no magistério acima de dezessete anos.

Por fim, na questão 6, solicitou-se que o professor deixasse um recado para as futuras gerações, essa questão teve o intuito de expressar toda as aspirações que o professor pudesse ter sobre sua concepção do brincar. O professor 1, destacou a paciência com os alunos e o trabalho com educação apaixonante, o professor 2, sobre o compromisso de desenvolver a confiança do aluno, o professor 3, destacou o desenvolvimento integral e aprendizagem contida no brincar e o professor 4, que brincando a criança aprende o que não se pode ensinar.

Logo, conclui-se que, após analisar as pesquisas de campo, mesmo na contemporaneidade, os estudos dos estudiosos acrescentam saberes da docência, no cotidiano do professor. E que o brincar é encarado de forma séria, não sendo neutro, mais sim, como uma construção do aprendizado contínuo e prazeroso quando o professor usa-o como aliado no seu trabalho em sala, traz o mundo da criança, falando uma linguagem que ela entende. A citação da Rau (2011, p. 38), fecha esse assunto até aqui transcorrido, salientando que “Brincar propicia o trabalho com diferentes tipos de linguagem, o que facilita a transposição e a representação de conceitos elaborados pelo adulto para os educandos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após termos explanados nas entrelinhas, do mundo cheio de construções que configura o brincar na educação infantil, conclui-se que, sempre esse tema é de relevante importância nas práticas educacionais. E o quanto pesquisar sobre essa prática enriquece o trabalho pedagógico do professor.

Durante toda a pesquisa sobre esse trabalho acadêmico, chegou-se a considerações que esse tema foi alvo de pesquisa de estudiosos passados e presentes, auxiliando assim, trabalhos decorrentes na educação infantil. Mas, não foi só as pesquisas científicas de estudiosos que foram o alvo dessa investigação acadêmica, procurou-se também amarrar toda conceitualização, juntamente com um conjunto de pesquisas de campo, a fim de comprovar como referenciais teóricos, sejam de autores passados ou contemporâneos, estão presentes no trabalho de professores da educação infantil em sua rotina.

Quando tratamos de Piaget, fica evidente sobre seu caráter estruturalista ao analisar a criança dentro de fases do desenvolvimento.

Já Vygotsky, embasou seus estudos em um caráter mais social e interacionista sobre a aquisição de saberes, sem esquecer de uma infinidade de autores além daqueles que foram citados no corpo desse trabalho acadêmico.

Os estudos de campo vieram para comprovar resultados da pesquisa bibliográfica e responder a pergunta sobre a contribuições que esses autores trazem ainda hoje na prática pedagógica na contemporaneidade. Sendo que, neste questionário além de perguntas de como se procede a prática do brincar na educação infantil, explanar aspirações para gerações futuras.

Referente ao objetivo que buscou-se nesse processo de criação desse TCC, mostra o montante da importância desse tema e que apesar de muitas respostas, ainda tem-se muito a responder e muito a se pesquisar para que esse tema seja cada vez mais expandido.

Por fim, denota-se que o trabalho do professor de educação infantil e o ato maravilhoso do brincar pode e deve ser explorado, como um ato pedagógico e agradável de um aprendizado contínuo.

REFERÊNCIAS

AZENHA, Maria da graça. **Construtivismo: de Piaget a Emília Ferreiro**. 8. Ed, São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica**. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. - 6. ed.- Brasília: **Câmara dos Deputados**, Edições Câmara, 2011.

CARTAXO, Simone Regina Manosso. **Pressupostos da educação infantil**. Curitiba: Ibplex, 2011.

DICIONÁRIO MICHAELIS. **Brincar**. 2009. Disponível em: <<http://michaelis.vol.com.br/moderno/português/index.php?lingua=portuguesa-português&palavra=brincar>>. Acesso em 18 março. 2022.

FANTACHOLI, Fabiane das Neves. **O brincar na educação infantil: jogos, brinquedos e brincadeiras – um olhar psicopedagógico**. Revista Científica Aprender, Minas Gerais, 5. ed., 2011. Disponível em: < <http://www.revista.fundacaoaprender.org.br/index.php?id=148>>.

Acesso em 18 março 2022.

JUSTINO, Marinice Natal. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docentes**. Curitiba: Ibplex, 2011.

MACHADO, Geraldo Magela. **Vygotsky**. InfoEscola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/vigotski> >. Acesso em 14 março 2022.

PÁDUA, Gelson Luiz Daldegan de. **A epistemologia genética de Jean Piaget**. Revista Facev 1º semestre de 2009, n. 2, p. 22-35. Disponível em: <http://www.facevv.edu.br/Revista/02/A%20Epistemologia%20Genetica.pdf> >. Acesso em 13 março 2022.

PIAGET, Jean. **A equilíbrio das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa.

Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. Brasília, v.16, n. 34, 2006, p. 169-179. Disponível em: <http://www.scielo.br/paideia/v16n34/v16n34a05.pdf> >. Acesso em 13 março 2022.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica**. 2. ed. Curitiba: Ibplex, 2011.

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Metodologia da alfabetização**. Curitiba: Intersaberes, 2013.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Sandra Jesus Nascimento da Silva

Declaro que sou autor(a)¹ deste Trabalho de Conclusão de Curso. Declaro também que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daqueles cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, declaro, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais. (Consulte a 3ª Cláusula, § 4º, do Contrato de Prestação de Serviços).

RESUMO

Se perguntarmos para os educadores primários se a Educação Física traz benefícios para as crianças de primeira a quarta séries, certamente as respostas serão afirmativas. Mas quando perguntamos de quais formas e como isso ocorre certamente terão dificuldade para responder, ou seja, muitos professores trabalham de determinadas maneiras sem saber ao certo o que e por que fazem.

Na maioria das vezes os educadores são guiados pelo senso comum que certamente traz grandes prejuízos para a Educação. Assim, o objetivo dessa pesquisa qualitativa é mostrar o papel da Educação Física, pois utiliza o maior recurso didático que possui: o corpo em suas diversas dimensões. Essa pesquisa foi realizada durante aulas semanais, de 50 minutos, com observações dentro e fora da sala de aula. Percebemos que os alunos que possuem aula de Educação Física, com um professor que esteja desenvolvendo um planejamento, obtiveram mais facilidade no processo de alfabetização do que outros alunos. A pesquisa foi feita com a Educação Física no Ensino Fundamental I observando a participação do aluno e analisando suas ações em sala de aula com a alfabetização, favorecendo o desenvolvimento da sua presença como ser crítico mediante a sociedade e que saiba ter boas escolhas no que diz respeito a valores, moral e cidadania.

Palavras-chave: Alfabetização, Educação Física, Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

As escolas tem sido o espaço escolhido para complementar a formação do aluno, quando não a de educar, substituindo o papel da família que tem encontrado dificuldades em cumprir esta tarefa. O papel da escola também deve ser de uma preparação para a vida e, os métodos pedagógicos devem ajudar o aluno a desenvolver-se da melhor maneira possível, e tirar o melhor proveito de todos os seus recursos, preparando-o para a vida na sociedade.

Entendia-se a Educação Física antigamente como meio para preparar o jovem para defesa da nação, fortalecer o trabalhador e também buscar novos talentos esportivos. Hoje ela é vista como componente curricular da Educação Básica na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e mostra que a prática tem como objetivo essencial propiciar uma aprendizagem que associe também aspectos afetivos, sociais e éticos, além de obter hábitos saudáveis de higiene e alimentação, um espírito crítico e conhecer as diferentes manifestações da cultura em relação ao corpo humano.

A Educação Física associa uma pedagogia de desenvolvimento, que respeita aquilo que o aluno traz em si, a uma pedagogia de formação, preocupada em proporcionar-lhe mais saberes sobre si mesmos e sobre o mundo. O objetivo dessa pesquisa foi investigar e revelar a importância da Educação Física enquanto componente curricular no segundo ano do Ensino Fundamental I na Escola Municipal de Educação Básica Vereador Leolino dos Santos, que faz parte da Rede de Ensino do Município de Itaquaquecetuba, para o processo de alfabetização e educação.

Ao questionarmos os educadores sobre a importância da Educação Física eles já tem a resposta pronta: “as aulas auxiliam no desenvolvimento físico, cognitivo e emocional, a Educação Física é uma hora importante que os alunos vão desenvolver seus movimentos e seu corpo, e gastar energia; assim eles ficam menos agitados em sala de aula”. Alguns professores acreditam que não possuem o suporte necessário para aplicarem uma aula de Educação Física, enquanto outros alegam que isso não é tão importante assim para o aprendizado do aluno como as demais aulas.

DESENVOLVIMENTO

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ATUALIDADE

Dentro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), em seu artigo 26 parágrafo 3º, define, “A Educação Física, integrada a proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Escola Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”. Sendo assim, estabelece sua importância no processo educacional e, do ponto de vista legal, não deixa dúvidas sobre a obrigatoriedade deste componente curricular, uma vez que só é facultativo nos cursos noturnos.

Entretanto, o conselho Nacional de Educação ratifica o teor do artigo 26 da Lei no. 9393/96 (parágrafo 3º) em duas oportunidades, a saber: Parecer nº. 5 de 07 de maio e Parecer nº 376 de 11 de junho. Além disso, pode-se verificar a proposição de uma variedade de abordagens como

a desenvolvimentista, crítico - superadora, construtivista, entre outras sendo disseminados nos cursos de graduação e de aperfeiçoamento profissional em vários estados brasileiros e nos encontros profissionais e científicos.

Porém, estudos recentes têm constatado que a mudança qualitativa substancial no dia-a-dia da ação pedagógica do professor na escola, resultante do impacto dessas publicações e discussões, não ocorreu. Se este fato foi constatado entre professores especialistas, a situação se agrava com os generalistas que conhecem muito pouco acerca das atuais abordagens, na área de Educação Física Escolar.

Inúmeros problemas têm sido apontados como causas para essa situação, dentre eles, o distanciamento do ambiente acadêmico em relação ao meio profissional, a falta de uma identidade acadêmica da Educação Física e a decorrente indefinição de uma área básica de conhecimento.

Além dos problemas gerais da escolarização, como por exemplo, os problemas advindos da passagem de uma escolarização reduzida para uma escolarização de massas, o hiato entre a teoria e prática educacional, e condições de trabalho adversas (salário, material didático, número de alunos entre outros).

Com bastante frequência, encontramos professores especialistas na área de

Educação Física Escolar que implementam seus programas de atividades físicas sem conhecer o que está sendo desenvolvido pelo professor da sala de aula e até mesmo não participando das reuniões pedagógicas da escola, ficando completamente fora do projeto pedagógico da escola.

No caso, na interdependência pode-se desenvolver um trabalho de qualidade enquanto parte, contudo integrado ao projeto pedagógico da escola. A Educação Física e as demais áreas de conhecimento interagem, preservando a especificidade de sua parte e integrando-se na totalidade do projeto pedagógico da escola. Analisar esta área de conhecimento enquanto parte de um sistema maior de escolarização e seus tipos de interação, são fundamentais para a reflexão do papel da Educação Física Escolar.

O CORPO E A EDUCAÇÃO

Meninos e meninas em idade escolar têm necessidade de se moverem. Meninos e meninas em idade escolar têm capacidade de se moverem.

Estas duas realidades tão simples bastariam para justificar uma preocupação séria com a Educação Física Escolar, em um sistema educativo que sustenta que a satisfação das necessidades infantis e o desenvolvimento das potencialidades estão entre seus objetivos prioritários.

O movimento faz parte da nossa condição de seres vivos. E este movimento não é único e estável, evoluirá ao longo do crescimento e do desenvolvimento da pessoa, condicionado pelo grau de maturidade e pela própria experiência do movimento. O recém-nascido possui uma série de respostas que conhecemos como reflexos.

A maioria dos reflexos do recém-nascido desaparecerá aos poucos dando lugar a novos movimentos que surgirão como consequência da maturação do sistema nervoso. Assim em torno da locomoção e da manipulação de objetos, o aluno construirá uma motricidade básica que se

transformará com a idade, organizando-se com isso todo um repertório de respostas motoras.

A educação psicomotriz é uma ação pedagógica e psicológica que utiliza os meios da Educação Física com os objetivos de normalizar ou melhorar o comportamento da criança (LE BOULCH, 1988). Para isso é preciso que se esclareçam os propósitos da Educação Física, estabelecendo uma distinção entre educação psicomotora e ensino esportivo.

A aplicação de uma educação psicomotora integrada deveria passar pela formação do professor primário. Para assegurar essa formação, os professores de Educação Física devem ser complementadores na formação dos futuros professores

primários. Mas o tempo de que eles dispõem para garantir simultaneamente a formação na área de Educação Física Infantil dos professores e sua formação pedagógica não é suficiente, e as diretrizes oficiais são demasiado imprecisas e sem coerência.

A EDUCAÇÃO FÍSICA E O SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Esse capítulo fala sobre a história da Educação Física a partir da época higienista, buscando analisar as tendências e correntes dessa disciplina para assim entender melhor qual o verdadeiro papel dentro da área educacional.

Um projeto de pesquisa foi realizado na UNESP- Rio Claro, onde alguns pesquisadores gostariam de solucionar um problema. Não existia nenhum quadro classificatório capaz de fornecer aos pesquisadores um esboço razoável sobre as tendências e correntes que norteavam a Educação Física brasileira.

Um desses pesquisadores foi o professor Paulo Guiraldelli Junior que, através de muitas pesquisas e análise artigos publicados em periódicos, foi possível resgatar cinco tendências da Educação Física brasileira. São elas: a Educação Física Higienista (até 1930); a Educação Física Militarista (1930 – 1945); a Educação Física Pedagogicista (1945 – 1964); a Educação Física Competitivista (pós 64); e por fim a Educação Física Popular.

De acordo com Guiraldelli (1997), todas essas tendências são mais ou menos incorporadas e estão vivas nas cabeças dos professores atuais. Analisando o parágrafo citado acima, pode-se perceber o porquê da imensa confusão no significado e metodologia da Educação Física Escolar de hoje em dia, pois cada profissional escolhe a tendência e opta pela melhor forma de trabalho.

Logo a seguir estará transcrito a explicitação de cada uma das cincotendências para melhor compreensão da história e influências que a Educação Física escolar sofreu nesses anos.

EDUCAÇÃO FÍSICA HIGIENISTA

Segundo Guiraldelli (1997, p. 17), “a Educação Física higienista é uma concepção que se preocupa em erigir a Educação Física como agente de saneamento público, na busca de uma ‘ sociedade livre das doenças infecciosas edos vícios deteriorados da saúde e do caráter do homem do povo’ ”.

No final do século XIX a Educação Física escolar iniciou-se no Brasil. O país começava

a passar da sociedade escravista para uma formação social capitalista e seguia a maioria das tendências que vinham da Europa e a principal preocupação era formar um novo homem que pudesse dar sustento a uma nova ordem política, econômica e social emergente (GALLARDO, 1998).

A Educação Física tinha um caráter de Educação do Físico e à Saúde Corporal, então, entendia-se que somente educava-se através da Educação Física o FÍSICO visando a saúde. Essa característica não era somente responsabilidade vinda dos militares, os médicos também faziam parte:

[...] mediante uma ação calcada nos princípios da medicina social de índole higiênica, imbuíram-se da tarefa de ditar à sociedade, através da instituição familiar, os fundamentos próprios ao processo de reorganização daquela célula social [...] auto proclamavam-se a mais competente das categorias profissionais para redefinir os padrões de conduta física, moral e intelectual da “nova” família brasileira. (CASTELLANI, 1988, p. 39)

Segundo Soares (1994), os médicos queriam curar os homens de todos os males que os afligiam, dentre eles alguns exemplos como: preguiça, imoralidade, afastando-os de tudo que pudesse prejudicar a saúde e a moral.

Sendo assim implantavam programas disciplinares e de exercitação corporal nas escolas, para assim desenvolver e fortalecer fisicamente e moralmente os indivíduos.

“Assim, a perspectiva da Educação Física higienista vislumbra a possibilidade e a necessidade de resolver o problema da saúde pública pela educação.” (GUIRALDELLI, 1997, p. 17).

Existia a separação de meninos e meninas nas aulas, pois cada sexo tinha que atingir um objetivo, os homens tinham que se tornar produtivos, fortes e talvez futuros militares. Já as mulheres tinham que ser femininas e prontas para serem boas produtoras e futuras donas de casa.

Os higienistas contribuíram muito para a marginalização das outras camadas da sociedade, pois predominava a raça branca e por razões étnicas ou socioeconômicas alguns indivíduos não se encaixavam nos moldes da época.

Apesar dos métodos higienistas tornarem mais fortificada a burguesia branca, eles não gostavam muito da idéia de ter atividade física que era a ginástica nas escolas em que seus filhos estudavam. “Para a classe dominante, o exercício físico era lazer, preenchimento do ócio e do tempo livre e não deveria ser levado à mesma condição das atividades intelectuais que elas valorizavam”. (GALLARDO, 1998, p. 16).

Pode-se perceber que há muitos anos existia já esse pensamento citado acima, de que a Educação Física não tinha importância perante as outras disciplinas consideradas com caráter mais intelectual, e se observarmos hoje em dia ainda existe pessoas que tem esse mesmo pensamento, mesmo depois de inúmeras mudanças que a Educação Física sofreu.

EDUCAÇÃO FÍSICA MILITARISTA

Guiraldelli (1997, p.18) ressalta uma informação importante para a compreensão dessa época.

Não se deve confundir a Educação Física militarista com a Educação Física militar. Apesar de, no caso concreto, ambas estabelecerem ligações, a Educação Física Militarista não se resume numa prática militar de preparo físico. É, acima disso, uma concepção que visa impor a toda a sociedade padrões de comportamento estereótipos, frutos da conduta disciplinar própria ao regime de caserna.

A Educação Física escolar sofreu novas influências vindas dos militares com a Primeira Guerra Mundial.

A partir dos anos 30, aconteceu uma importante etapa que definiu os rumos do capitalismo industrial no país, no lançamento das bases de um novo modelo; pressupostos necessários à que esse modelo viesse a se desenvolver plenamente na década de 50. Marcado por um intenso processo de modernização e por reformas políticas bastante significativas, operou-se no país, naqueles anos, a transição de uma sociedade agroexportadora para uma sociedade de base urbano-industrial [...] na qual o setor industrial passaria a ser o elemento dinâmico da economia (CASTELLANI, 1988, p. 81).

Essa nova sociedade exigia trabalhadores fortes, habilidosos, saudáveis e que fossem capazes de agüentar longas jornadas de trabalho e também havia a preocupação de preparar para combate, de formar contingentes de corpos ágeis e fortes, em condição de suportar grandes desgastes.

Através de um decreto o regulamento de n. 7 - conhecido também como Método do Exército Francês – foi imposto ao Brasil como método oficial de Educação Física por volta de 1921.

“Em 1931, quando do início da vigência de legislação que colocou a Educação Física como disciplina obrigatória nos cursos secundários, o método francês foi estendido à rede escolar.” (GHIRALDELLI, 1997, p. 25)

Já em 1933 a Escola de Educação Física do Exército foi fundada servindo de base para todos os rumos e decisões sobre a Educação Física brasileira.

Segundo Gallardo (1998), a primeira escola de formação de instrutores de Educação Física foi fundada em 1907 e era conhecida como Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo. Então, em 1922, foram contratados militares do Centro Militar de Educação Física do Rio de Janeiro para ministrarem aulas de ginástica nas escolas, com o objetivo de formarem futuros militares, continuando com os princípios higienistas/eugenistas.

Logo se pode perceber, então, que a Educação Física tomou rumos militares, devido ao adestramento físico que era a maneira mais eficaz de preparar o aluno para o cumprimento do dever de defender a nação de todos os perigos internos e externos.

Foi um conceito de Educação Física inspirada no fascismo, que segundo Aurélio (2001, p. 314) significa: “sistema político nacionalista, antidemocrático [...]”.

A Educação Física Militarista, coerente com os princípios autoritários de orientação fascista, destacava o papel de Educação Física e do Desporto na formação do homem obediente e adestrado. É interessante observar, na fala de seus representantes, a analogia entre a atividade desportiva e a atividade militar: O estádio, como quartel, desperta o sentimento da obediência às regras das operações; adentra a capacidade aplicada ao raciocínio e à decisão; remarca o cunho da solidariedade e aprofunda os laços de respeito ao valor, à autoridade e ao dever (LYRA, 1958 apud GUIRALDELLI, 1997, p26).

É estranho e assustador analisar essa parte da história, pois se percebe que em nenhum momento existia um cunho pedagógico, o que valia era somente os objetivos de tornar os alunos em homens a serviço da pátria. E essa tendência ainda está presente em algumas aulas de Educação Física de hoje em dia, pois essa influência militarista foi um componente forte e duradouro.

Segundo Guiraldelli (1997) podemos ainda encontrar resquícios dos princípios norteadores da prática ginástica e desportiva fascista em qualquer aula de Educação Física deste país.

Foi nesse período que surgiram as diversas abordagens ginásticas no Brasil, tais como o método francês já citado no texto, a calistenia, o método natural austríaco, substituindo o método alemão introduzido em 1860.

EDUCAÇÃO FÍSICA PEDAGOGICISTA

Essa tendência vem com um foco diferenciado, vem questionar a sociedade para encarar a Educação Física não só como uma prática que promove a saúde ou que disciplina e adentra a juventude, mas como uma prática notavelmente educativa, capaz de promover, através do movimento a educação integral.

A Educação Física Pedagogicista está preocupada com a juventude que frequenta as escolas. A ginástica, a dança, o desporto etc, são meios de educação do alunado. São instrumentos capazes de levar a juventude a aceitar as regras de convívio democrático e de preparar as novas gerações para o altruísmo, o culto a riquezas etc. (GUIRALDELLI, 1997, p.19)

A Educação Física é vista como algo útil e bom socialmente, devendo ser respeitado acima das lutas políticas dos interesses diversos de grupos ou de classes.

O autor citado acima destaca que por volta de 1945 e 1964, houve um grande aumento nos estudos sobre a Educação Física Comparada. Revistas brasileiras relacionadas à Educação Física publicavam inúmeros artigos em que explicitavam a organização dos desportos e da Educação Física dos países desenvolvidos, o modelo americano era o mais apreciado.

Os fins da Educação Física segundo a Associação Nacional de Educação

Física dos Estados Unidos eram: desenvolver habilidades fundamentais para a vida, formação de caráter, formando um bom membro de família e um bom cidadão; aproveitamento saudável das horas vagas; preparação para o trabalho.

Essa nova forma de encarar a Educação Física alterara aos poucos a prática e a postura dos professores.

Tais novas formas de pensamentos vão instaurar uma apologia da Educação Física enquanto 'centro vivo' da escola pública, responsável por todas as particularidades 'educativas' das quais as outras disciplinas, as "instrutivas", não poderão cuidar. As fanfarras da escola, os jogos intra e interescolares, os desfiles cívicos, a propaganda da escola na comunidade, tudo isso passa a ser incumbência do professor de Educação Física (GUIRALDELLI, 1997, p. 29)

Além de todas essas tarefas o professor de Educação Física deveria formar cidadãos.

O crescimento da rede de ensino público está ligado efetivamente à Educação Física Pedagógica nas décadas de 50 e 60. Devido ao desenvolvimento industrial e a urbanização acelerada do Brasil, trouxe a tona principalmente nas “elites dirigentes o fenômeno da pressão popular em torno de novas oportunidades de ascensão social” (GUILRALDELLI, 1997, p. 40). Sendo assim as classes populares reivindicavam o direito à escola pública.

O autor citado acima mostra dados curiosos, só para ter noção da expansão em 1940, no Estado de São Paulo existiam 41 ginásios públicos e em 1962, o ensino oficial secundário já contava 561 estabelecimentos.

EDUCAÇÃO FÍSICA COMPETITIVISTA

A Educação Física Competitivista surgiu junto com a Ditadura Militar. De acordo com Cunha (1985), a idéia principal era a seguinte: os estudantes cansados e enquadrados nas regras de um esporte, não teriam disposição para palpitar na política.

Ao interpretar um texto escrito pelo autor citado acima Guiraldelli (1997, p. 43) ressalta:

[...] o objetivo nuclear da Educação Física Competitivista, era o amortecimento da população (estudantil e trabalhadora) para perpetuar a dominação. E aí é preciso ter claro que não se efetivava a dominação pela dominação; o que se pretendia eram o extermínio de qualquer tipo de oposição que não aceitasse a continuidade do modelo econômico internacionalizado e, também, a troca da ideologia nacionalista desenvolvimentista (ISEB) pela nova ideologia na ‘segurança com desenvolvimento’. (ESG).

A ditadura militar gerou dois produtos diferentes no Brasil, um seria o lado do medo, da tortura, da repressão; outro seria o da grande quantidade e complicação legislativa, como essa resolução autoritária citada a seguir.

Com a resolução de 18 de fevereiro de 1971, introduzida pela Secretaria de Educação de São Paulo, houve a possibilidade da criação de turmas de treinamento, nas redes de ensino de 1º e 2º grau.

Na verdade, através dessa resolução o Governo acabou criando dois tipos diferentes de Educação Física dentro da escola.

Os alunos que tinham mais habilidade e conheciam melhor os desportos, participavam da Educação Física de elite e, conseqüentemente, integravam o grupo de treinamento. Já do outro lado, tinha a turma normal de ginástica que era composta por alunos que não tinham nenhuma afinidade com os desportos.

Segundo Guiraldelli (1997), essa turma era conhecida como rebotalho, que significa “ninharia, refugio”. (AURÉLIO, 2000, p. 584).

A serviço de uma hierarquização e elitização social, a Educação Física Competitivista tem o objetivo da competição e superação individual como valores principais e desejáveis para uma sociedade moderna. Guiraldelli (1997, p. 20) afirma que: “a Educação Física Competitivista volta-se, então, para o culto do atleta-herói; aquele que a despeito de todas as dificuldades chegou

ao podium”.

Os estudantes que se consagrassem campeões desportivos tinham o direito de adquirir bolsa de estudo. Então o que importava era o desempenho desportivo descartando o desempenho intelectual e profissional.

O desporto de alto nível é o principal foco dessa época, devendo ser massificado, para assim poder surgir destaques e consagrar o país com medalhas olímpicas.

No âmbito da Educação Física Competitivista, a ginástica, o treinamento, os jogos recreativos etc. ficam submetidos ao desporto de elite. Desenvolve-se assim treinamento desportivo baseado nos avanços estudados da Fisiologia do Esforço e da Biomecânica, capaz de melhorar a técnica desportiva. A Educação Física é sinônimo de desporto, e este, sinônimo de verificação de performance. (GUIRALDELLI, 1997, p. 20).

Segundo Gallardo (1998), analisando a legislação desse período, a Educação Física aparece ainda como atividade e como componente curricular obrigatório, com o objetivo de despertar, desenvolver e aprimorar as forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do aluno.

A Educação Física sustentada pelo regime militar vigorou entre 1964 e 1985. Sendo possível caracteriza-la como um regime de acordo entre burguesia industrial brasileira, os capitalistas internacionais e a tecnoburocracia militar e civil. Por volta de 1974 esse acordo foi perdendo as forças se decompondo, um se desligando do outro.

As camadas populares aproveitaram esse momento para pressionar e exigir uma redemocratização do país. O ponto final da Ditadura Militar aconteceu com a eleição via Colégio Eleitoral de Tancredo Neves, surgindo assim uma linha nova de pensamentos.

EDUCAÇÃO FÍSICA POPULAR

É complexo construir um texto sobre a Educação Física Popular, pois o único autor encontrado, que aborda mais intensamente essa tendência é o Paulo Guiraldelli Junior.

Ao estudar essa parte da história Guiraldelli (1997, p. 21), afirma que são muito escassos os documentos e estudos teóricos dessa época: “a Educação Física Popular se sustenta quase que exclusivamente numa ‘teorização’ transmitida oralmente entre as gerações de trabalhadores deste país.” A ênfase maior é o interesse dos trabalhadores na prática da Educação Física:

A Educação Física Popular não se pretende ‘educativa’, no sentido em que tal palavra é usada pelas demais concepções. Ela entende que a educação dos trabalhadores está intimamente ligada ao movimento de organização das classes populares para o embate da prática social, ou seja, para o confronto cotidiano imposto pela luta de classes. (GUIRALDELLI, 1997, p. 21).

De acordo com o autor citado acima, pode-se caracterizar a Educação Física Popular como uma prática social dos trabalhadores e das iniciativas ligadas ao Movimento Operário e Popular. Esse Movimento Operário e Popular no Brasil iniciou-se, praticamente com a República. Várias correntes de pensamentos disputaram a hegemonia do Movimento nos seus primeiros 40 anos.

Inicialmente, as vanguardas de orientação social-democrata estiveram à frente das movimentações, perdendo mais tarde a hegemonia para adeptos do anarquismo e anarco-sindicalismos que através de divergências de opiniões foi criado o PCB (Partido Comunista do Brasil), que influenciava as classes populares urbanas.

O PCB organizava diversos campeonatos de desportos em bairros populares com bastante sucesso. Promoveu e organizou um campeonato nos anos 20 incentivando os operários jovens à praticar sempre o desporto lúdico.

O Movimento Operário e Popular começou a se preocupar novamente com a Educação e em particular com a Educação Física na fase de redemocratização do país (fim da Ditadura).

De acordo com Guiraldelli (1997), havia vários Comitês Populares Democráticos nos bairros, que batalhavam pela convocação da Assembléia Nacional Constituinte.

Mais tarde esses comitês se tornaram agremiações que lutavam pelos seus direitos e que desejavam participar do Poder Público na ânsia de conseguir a construção de escolas, quadras desportivas, jardins de infância, praças entre outros.

Privilegiando assim uma sociedade democrática vinda da organização, mobilização e solidariedade dos trabalhadores.

A parte pedagógica ainda não estava presente nessas épocas. A atividade física sempre foi característica marcante da Educação Física, segundo Soares (1992, p. 52), “desenvolver e fortalecer físico e moralmente os indivíduos era, portanto, uma das funções a serem desempenhadas pela Educação Física no sistema educacional, e uma das razões para a sua existência”.

Portanto, é possível notar pelo fato das aulas serem ministradas por instrutores físicos do exército, que tinham característica de serem rígidos e manterem o método militar.

A Educação Física Escolar era puramente entendida como uma atividade prática somente, sem nenhuma identidade pedagógica.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com alunos do segundo ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Educação Básica Vereador Leolino dos Santos localizada no bairro de Jardim Odete, no município de Itaquaquecetuba. A faixa etária dos alunos era de 6(seis) anos entre 8(oito) anos, sendo a classe composta de 29 (vinte e nove) alunos sendo 18 (dezoito) meninos e 11 (onze) meninas. As aulas foram ministradas uma vez por semana sempre as segundas-feiras, das 07h00 às 07h50, dentro do período de aula, respeitando o horário dos alunos.

Relataram-se os resultados obtidos durante todo o 1º trimestre de 2020, onde o trabalho foi realizado em conjunto com a professora da sala, a coordenação pedagógica e a direção da unidade.

Os alunos tinham aulas diferenciadas a cada dia. O planejamento foi elaborado visando aquisição de habilidades e capacidades motoras bem como as questões observadas nas abordagens da Educação Física. Durante as aulas a professora da sala também observava o comportamento dos alunos e realizava um paralelo entre a sala de aula e a aula de Educação Física

desenvolvida. Alguns aspectos de comportamento foram marcantes nos alunos, assim como as dificuldades que eles apresentavam, que na maioria das vezes correspondia à dificuldade na sala de aula.

O planejamento desenvolveu-se através de atividades que contemplassem essa etapa de desenvolvimento. As aulas eram compostas por jogos pré – desportivos, jogos tradicionais, brincadeiras e atividades aquáticas, proporcionando aos alunos a possibilidade de adquirir e/ou desenvolver capacidades inerentes à natação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, enquanto meio educacional, deve oferecer a oportunidade de uma ótima prática motora, pois ela é essencial e determinante no processo de desenvolvimento geral da criança. A atuação do professor principalmente nas séries iniciais deverá ser planejada e coerente. Sua prática pedagógica deve ser planejada e possuir objetivos claros.

Podemos observar que a Educação Física nas séries iniciais se constitui uma prática de grande importância para o desenvolvimento da criança e nesta fase tanto o professor quanto a escola devem conhecer claramente os objetivos e conteúdos a serem trabalhados.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN – 1997) foram criados para colaborar com professores e escola, para que os objetivos fossem traçados de forma mais clara e coerente com a fase de desenvolvimento do aluno e estar adaptado a realidade na qual está inserida.

O objetivo da Educação Física no ensino fundamental, mais especificamente nas primeiras séries, é buscar o desenvolvimento de conteúdos como coordenação de uma forma geral, através de jogos recreativos e brincadeiras. Nessa faixa etária as crianças estão atentas no que acontece ao redor e aceitam tudo o que lhes é oferecido. São ansiosas, ativas, dinâmicas, querendo sempre mais. Nós, professores de Educação Física, ao trabalharmos com as crianças nessa fase escolar, precisamos ter cuidado na escolha das atividades para que sejam bem direcionadas e voltadas para o lado educacional, respeitando a individualidade de cada aluno.

A Educação Física nas séries iniciais, como mostra o presente estudo, deve ser uma atividade prazerosa, na qual os alunos gostam de praticar e possui um papel importante na formação do indivíduo. Sua prática deveria ser iniciada na pré escola, fazendo com que os alunos já pudessem vivenciar atividades dinâmicas, das quais elas venham a conhecer o corpo e atividades de expressões corporais, assim, quando chegarem às séries seguintes esses alunos já possuirão domínio de alguns movimentos.

Foi possível verificar que a presença das aulas de Educação Física na primeira série do Ensino Fundamental I, é extremamente importante para o processo de alfabetização (leitura, escrita e raciocínio lógico) dos alunos nessa fase escolar.

Durante o período de pesquisa observei outras salas de primeira série, e verifiquei a dificuldade motora de algumas crianças. Nessa fase elas necessitam de muito estímulo e situações problemas como desafio.

Os alunos que passaram por esse projeto demonstraram um melhor desempenho no processo de alfabetização, as relações inter e intrapessoais foram aprimoradas no decorrer do pro-

jeto e os alunos se mostraram sujeitos mais críticos com relação a comportamentos e atitudes.

A Roda de Conversa ao final das aulas tornaram-se essenciais para o momento de auto-avaliação e avaliação da aula e do grupo. Muitos alunos demonstraram melhora no comportamento e a violência diminuiu nesta sala. Os alunos se demonstraram mais calmos durante as aulas, mas extremamente ansiosos, com a proximidade das aulas de Educação Física. Isso mostra-nos o prazer que tinham ao participar das aulas. Se o numero de aulas fosse maior acredito que os benefícios também seriam maiores.

Nos primeiro anos do Ensino Fundamental o currículo da disciplina de Educação Física sugere trabalhar a cooperação, criação de regras para brincadeiras em equipe. Durante os jogos coletivos os alunos aprendem conceitos que serão aplicados em diferentes situações da vida.

Assim como aprender a entender sobre as diferenças culturais e individuais que meninos e meninas têm potenciais distintos, mas que todos são capazes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Luis Carlos da Cruz. **Educação Física no Ensino Fundamental**. Rio de Janeiro: 2ª edição, Sprint, 2003.

BETTI, Mauro. **A Educação Física na escola brasileira de 1º e 2º Graus- uma abordagem sociológica**. São Paulo; USP,1991.

BOULCH, J.L. **Educação Psicomotora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BOULCH, J.L. **A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar**.

Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CASTELLANI, Lino Filho. **Educação Física no Brasil: A História que não se conta**. Campinas, Papyrus,1991.

Coletivo de autores- Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez,2000.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus,1985.

DARIDO, S.C. **Educação Física na Escola; questões e reflexões**. Araras: Topázio, 1999.

FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade um projeto em parceria**. 3. ed.São Paulo: Lloyola, 1995.

_____ **Didática e Interdisciplinaridade**. Campinas, S. P: Papyrus, 1998.

_____ **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. São Paulo: Papirus, 1998.

FREIRE, João Batista. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

_____ **Educação de Corpo Inteiro**. São Paulo. Scipione, 1989.

GALLARDO, J. S. P; **Educação Física: contribuições à formação profissional**. Ijuí: ed. Unijui, 2003.

GALLARDO, J.; OLIVEIRA, A. A. B. de e ARAVEÑA, C. **Didática de Educação Física. A criança em movimento: jogo, prazer e transformação**. São Paulo: FTD, 1998.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976

KLEIN, J. T. Ensino interdisciplinar: didática e teoria. In: FAZENDA, I. **Didática e Interdisciplinaridade**. Campinas, S. P: Papirus, 1998. cap. 6, p.109 – 131.

LLEIXÀ, Arribas Teresa. **A educação física de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e mente**. Campinas: Papirus, 1983.

OLIVEIRA, A. A. B. **Planejando a Educação Física**. São Paulo, 2003.

SEVERINO. A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. São Paulo Cortez, 2002.

SERRÃO, M. I. B. **Interdisciplinaridade e ensino: uma relação insólita**. 1994. 118 f. Mestrado (Mestrado em educação: História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São PAULO, 1994.

41

SOARES, C. **Educação Física Escolar- conhecimento e especificidade**. Mimeo, 1995.

TISI, Laura. **Educação Física e a alfabetização**. Rio de Janeiro: Sprint 2004.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

A INCLUSÃO DE AUTISTAS NAS SÉRIES INICIAIS

BESERRA, VALMIRA BATISTA¹

Eixo: Alfabetização

RESUMO

O artigo aborda o autismo caracteriza-se como o fechamento da criança em si, as crianças que têm este transtorno, normalmente apresentam dificuldades na lógica mostraremos que o brincar estimula um desenvolvimento de habilidades tanto cognitivo como social, de modo que esta atividade pode oferecer várias experiências novas, o que resulta na formação e consolidação de importantes circuitos neurais, conectando áreas importantes do cérebro relacionadas a distintas competências ou conjuntos de habilidades.

Palavras-chave: Autismo, Brincar, Inclusão, Habilidades.

ABSTRACT

The article addresses autism is characterized as the closure of the child itself, children who have this disorder usually have difficulties in logic. We will show that playing stimulates both cognitive and social skills development, so that this activity can offer several new experiences, resulting in the formation and consolidation of important neural circuits, connecting important areas of the brain related to different competencies or skill sets.

Keywords: Autism, Play, Inclusion, Skills

¹ Graduada em Psicologia pela Faculdade São Marcos (E-mail valprof2013@hotmail.com)
Professora da Rede Municipal de São Paulo

INTRODUÇÃO

Partindo desta realidade, entende-se que todos os alunos são diferentes, tanto em capacidades, quanto em motivações, interesses, ritmos evolutivos e estilos de aprendizagem; e todas as dificuldades de aprendizagem são em si mesmas, contextuais e relativas, por isso é necessário intervir no processo mediante a emergência da educação na atualidade, o estudo foi realizado como meio de constatar se a mesma pode direcionar de forma eficaz a aprendizagem infantil, tendo também em vista a necessidade de refletir sobre a urgência de disseminar suas potencialidades, fundamentando a pesquisa educacional baseada em metodologia científica, a escola precisa pensar em diferentes estratégias articuladas ao mundo particular da criança (a família), que venham a sanar estas dificuldades, esta ordem de procedimentos não seja respeitada com rigor, uma simples dificuldade, às vezes transitória, pode transformar.

DESENVOLVIMENTO

O comportamento dos alunos pensando em algumas alternativas mais adequadas que o professor pode desenvolver na sua prática pedagógica, focando na utilização de tecnologias assistivas que é de extrema relevância, ao levarmos em consideração os desafios encontrados em sala de aula com a inclusão dos alunos com necessidades especiais. Será que os professores estão preparados para trabalhar com este aluno, o que é autismo, como podemos desenvolver atividades que auxiliará este aluno no seu processo de ensino aprendizagem, onde estudos realizados sobre o autismo acumulou-se conhecimentos teóricos e práticos sobre esta síndrome que permite um novo olhar sobre ela.

As causas da não aprendizagem têm despontado na lista dos principais problemas enfrentados, um número significativo de crianças Especiais, são identificadas ainda na educação infantil, e se não houver uma intervenção eficaz, essas dificuldades se estenderão para o ensino fundamental e, possivelmente, por toda vida estudantil da criança. Assim, objetiva analisar de que forma as dificuldades de aprendizagem que surgem na educação infantil podem contribuir para a construção do fracasso na vida escolar da criança, caso não haja uma intervenção eficiente

É provável encontrar um número considerável de pesquisadores que dedicaram seus estudos à reflexão da importância do lúdico (brincadeiras e jogos) para o desenvolvimento da criança conscientes disso iniciaram por fundamentar as ideias nos estudos de Vygotsky (1930/1987), e seus seguidores, para compor o texto a seguir devido sua inegável contribuição para o tema que queremos desenvolver.

Para Vygotsky (1930/1987) o homem não tem uma relação direta com o mundo, mas, sim, uma relação mediada com ele sendo assim, pode-se compreender a capacidade da mediação como um instrumento que permite maior entendimento das transformações de ações empregadas, tanto em nível interpsicológico como intermental internalizado, Vygotsky (1930/1987).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão requer uma pedagogia baseada na interação, na construção coletiva do conhecimento em sala de aula, no respeito e acolhimento às experiências cotidianas de cada aluno, agregando-as ao processo de ensino e aprendizagem, buscando resultados individualizados, através de um trabalho de parceria.

A tarefa docente na educação infantil é complexa e requer muita dedicação e compromisso, principalmente no que se refere a lidar com as dificuldades na aprendizagem identificadas nesta etapa é a base da formação escolar que está sendo construída, o que requer o compromisso de todos, para que esta etapa seja cumprida de forma saudável na formação da criança, pois o resultado desta experiência será refletido em todos os anos de escola que terá futuramente, metodologias ou instrumentos didáticos são mais adequados para que docentes e discentes enfrentem estas dificuldades de forma coletiva, com uma perspectiva de superação dos desafios, e que resulte em aprendizado para ambos.

É necessário que o professor compreenda que apesar das diferenças e dificuldades, todos têm possibilidades e condições para aprender, desde que vivenciem experiências que favoreça o seu desenvolvimento. Uma linguagem tão importante quanto às demais áreas do saber e, portanto, primordial para o processo de ensino-aprendizagem, as áreas que antes agiam independentes uma das outras, começaram a fazer ricas interlocuções, formando uma interdisciplinaridade que oferece novas possibilidades tanto à docência, como a pesquisa educacional com a finalidade de abordar o conhecimento e a inteligência, integrando três áreas: a Psicologia, a Educação e as Neurociências, incluindo as áreas que se formaram com a junção dos campos, como a: Psicomotricidade e Psicopedagogia

REFERÊNCIAS

CORREIA, L. M.; MARTINS, A. P. **Dificuldades de aprendizagem**: que são? Como entendê-las? Porto: Porto Editora, 2006.

FONSECA, V. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

PORTO, O. **Psicopedagogia Institucional**: teoria, prática e assessoramento pedagógico. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldade de Aprendizagem de A a Z**: um guia completo para pais e educadores. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: ArtMed, 2001.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

A IMPORTÂNCIA DO PSICOPEDAGOGO NA EDUCAÇÃO

Lilian Oliveira

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa trataremos da importância da psicopedagogia e do trabalho do psicopedagogo nas unidades educacionais, e para entendermos melhor faremos um breve relato deste ofício. Compreender o que faz este profissional, na forma como atua, abre um leque de possibilidades para suprir as demandas dos alunos com dificuldades de aprendizagens. O psicopedagogo é um profissional que trabalha no âmbito da prevenção, do diagnóstico e do tratamento de dificuldades de aprendizagem, sendo assim o papel do psicopedagogo é facilitar a aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais, bem como, atender as especificidades de quaisquer alunos, em classe comum do ensino regular, em qualquer etapa ou modalidade promovendo inclusão.

Para Grassi (2013) A psicopedagogia, tem como finalidade de estudo o processo de ensino-aprendizagem, que é bastante complexo, pois abraça diversos elementos, fatores e concepções teóricas. Ao estudá-lo a psicopedagogia foca sua atenção na prevenção das dificuldades de aprendizagem e no seu atendimento terapêutico.

Portanto a importância do psicopedagogo na educação se faz cada vez mais necessária, devido ao grande número de casos e déficit de aprendizagem, tem -se verificado uma quantidade significativa nas unidades educacionais de crianças, adolescentes e jovens com diagnósticos relacionados aos transtornos de aprendizagem e de comportamento como: transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), dislexia, transtorno opositor desafiador (TOD) distúrbio reativo de vinculação da infância, entre outros deslocando problemas e dificuldades sociais e institucionais, decorrentes de uma série de fatores como patologias, maternagem malfeita, bloqueios psicológicos entre outros que o educador não consegue se aprofundar na aula. Hora por motivo de uma grande quantidade de alunos e suas necessidades específicas, suporte ajuda como mão de obra especializada, ora por falta de formação, despreparo e falta de recursos. Segundo a LDB nº 9.394/96 estabelece:

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades.

Palavras chaves: Educação, Aprendizagem, diagnóstico.

PSICOPEDAGOGIA E EDUCAÇÃO ESPECIAL

Expressivamente no último censo indicam um aumento no número de alunos especiais matriculados no ensino regular. Em 2007, a maioria 53,2% desses alunos frequentava classes especiais e escolas exclusivas. Em 2013, do total de 83.44342 matriculados de alunos especiais, apenas 23% deles foram matriculados em espaços segregados, sendo que 77% foram inseridos em classes comuns. Que é educação inclusiva está oficializada, formatada e sendo implementada nas escolas brasileiras. Educação Especial passou a ser uma modalidade transversal na educação comum e os alunos com deficiências transtornos globais do desenvolvimento TOD e altas habilidades barras superdotação ah devem frequentar desse comum de ensino.

A lei número 12.764. no Brasil, 2012 ficou conhecida como lei Berenice Piana, nome da mãe de uma criança autista que lutou pela sua aprovação, estabeleceu o autismo como deficiência, como direito a ações e serviços, com vista a atenção integral as suas necessidades de saúde e escolarização, incluindo: diagnóstico precoce, atendimento e acompanhamento multiprofissional adequada terapia nutricional medicamentos; moradia, Inclusive a residência protegida mercado de trabalho; Previdência assistência social; acompanhante especializado na escola. Como Lemos, Salomão e Agripino Ramos (2014) , o termo espectro autista remete as particularidades das respostas inconscientes aos estímulos e as diferenças quanto as habilidades e aos prejuízos, compondo um quadro de característica muito abrangente. Assim pessoas com características muito diferentes, com maior ou menor grau de comprometimento ou habilidades estão classificadas sobre uma mesma denominação.

Todavia, autores como Bernardino, (2010 pág.113) protestam contra indefinição do lugar ocupado pela psicose ponto final em qual desses quadros poderíamos reconhecer o sofrimento próprio da Psicose infantil ponto de interrogação segundo a autora a falta de uma mesma grafia que abriga os sintomas constituintes das defesas utilizadas pelas crianças para lutar contra o que ela percebe como uma ameaça constante devido a suas dificuldades de perceber e simbolizar a realidade sem distorções. Uma das causas seria o fato de os estudos priorizarem os aspectos cognitivos em detrimento da organização da personalidade da subjetividade. Bernardino (2010) crítica ainda a forma como é feito o diagnóstico. E a prevalência de critérios estatísticos e descritivos. Com a generalização dos sintomas e a sua sistematização, são desconsiderados, segundo ela, as preocupações com o acontecimento da vida da criança, o seu processo de formação psíquica e a relação com o mundo circundante. Norteada por princípios psicanalíticos.

Diagnosticar deixa de ser um problema clínico, torna-se a solução última: os pais sabem que a criança tem a escola e dispõe de um nome para situação problema que enfrenta diferente do aluno padrão, a neurologista estranhamente amalgamada na atualidade podem optar pela saída medicamentosa, facilmente amparada pelas indústrias farmacêuticas, que amplia o leque de ofertas indicada para os sintomas mais comuns Bernardino (2010 pág. 14).

Mediante a tantos desafios o professor se vê impotente ao promover a inclusão igualitária. Com metodologia pedagógica que deveriam fornecer um atendimento individualizado, visando a evolução e a progressão do aluno. Constatada esta realidade a família vai em busca de auxílio, recorrendo a ajuda de um psicopedagogo.

Em alguns estudos de casos mostram o psicopedagogo atuando como mediador, participante:

- Dislexia – Foca na memorização, percepção pois o dislexo tem muita dificuldade em palavras parecidas ex: bola, bala, bolo.
- TDAH – Foca na concentração, pois os portadores de altas habilidades, as vezes se mostram muito desatento, hiperativo.
- Dow – Sente muita dificuldade motora.
- D.I – Trabalha com imagens reais para ajudar o cérebro a entender os sentidos e percepções;
- Autista – Dificuldade social, repetitiva e motora, como atividade pedagógica um circuito.

QUAL O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO INSTITUCIONAL?

Segundo Gomes (2004), em síntese a psicologia aplicada à educação Surgiu da necessidade Educacional e escolar, ligada a problemas de aprendizagens de comportamento apresentado por alunos. Conforme a evolução da sociedade do desenvolvimento dessas especialidades, houve diversas pesquisas atualizando o desenvolvimento científico tratando-se de psicólogo escolar, a distinção com outros profissionais é que este exerce um papel de agente diretamente envolvido com educação, estando presente no dia a dia escolar em contato direto com os alunos. O que implica em contextualização da atuação. Observa-se que a ação do psicólogo escolar inclui a responsabilidade pelo andamento do processo de ensino-aprendizagem, através da elaboração de estratégias de treinamento de professores e familiares, para que possam ajudar os alunos a caminhar bem no referido processo. O acompanhamento e Apoio aos alunos com necessidades educacionais também foi apontado como atividade prioritária no ambiente escolar, agindo em concordância com os princípios psicopedagógicos (Gomes 2004). Visando a otimização da aprendizagem escolar oferecendo táticas de ensino em busca de conhecimento mais específicos: características, necessidades e aspirações Gomes (2004). Nesse contexto a psicologia deve ser voltada ao desenvolvimento das capacidades físicas e mentais do indivíduo, respeitando os direitos e liberdades humanas dentro de um enfoque que ataca as diversidades pessoais e culturais, no preparo de uma vida responsável na sociedade em que se vive. Tendo uma ressignificação mais voltada para educação pedagógica.

Então compreende-se que o psicopedagogo é ser um agente de mudanças trabalhando em busca da inserção social. Segundo Turisan (1999) “A educação como direito de todos inclusive para pessoa com algum tipo de deficiência constitui um problema não Só político e social, mas fundamentalmente pedagógico” e, para efetivamente enfrentar requer mudanças institucional no campo político social e mudanças no campo pedagógico (pág.47). As diversas mudanças, propostas, os eixos de discussão e os problemas que aparecem em torno da educação. Devem ser motivos de discussão e não devem ser tomadas como limites intransponíveis, mas ao contrário, uma luta constante no processo de inclusão, preparando profissionais adequadamente e planejando o futuro da intervenção da inclusão sem mitos e discriminações para que efetivamente

a inclusão de alunos com necessidades especiais aconteça (Lourenço 2000) Sendo assim o papel do psicopedagogo institucional é bem mais que diagnosticar, atender e encaminhar alunos/paciente com dificuldades de aprendizagem, juntamente com um grupo de professores, gestão e profissionais especializados é necessário também trabalhar a família, pois nem sempre estas estão convencidas de que há uma situação-problema, apoiar ambas para que juntos entendam as especificidades, promovendo então a inclusão e aprendizagem significativa.

Áreas de atuação

Algumas teorias, fundamentadas nas ideologias e pareceres de autores como: Bossa (2000), Carvalho (2011), Freire (1986). Falam das duas grandes áreas de atuação do psicopedagogo, a área clínica e a institucional. Ambas com os mesmos procedimentos, porém o psicopedagogo institucional realizará suas atividades semelhante ao clínico pois são os mesmos processos, porém a resolução dos problemas da aprendizagem se dará em um espaço coletivo, assim sendo qualquer empresa, loja, instituição, hospital entre outros locais é uma instituição onde executará seu trabalho, desta forma o trabalho do psicopedagogo na escola segundo Jeronimo Sobrinho, (2016) é necessário pois: “No ambiente escolar este profissional assessora e esclarece aspectos do processo de ensino-aprendizagem e tem como objetivo a prevenção. Auxilia no processo de aprendizagem a partir de uma anamnese, diagnóstico das dificuldades apresentada pelos alunos em aspectos, cognitivos, sociais e emocionais, criando uma possibilidade real de aprendizagem, através de métodos sessões que estimulam a aprendizagem.”

“O homem é um sujeito aprendente e a aprendizagem ocorre pela relação entre sujeito e objeto”. (Jeronimo Sobrinho, 2016)

Em muitos momentos o psicopedagogo institucional contribuirá com a qualidade de ensino aprendizagem e no papel social da escola dentro da comunidade que está inserida. Porém, seu papel principal é analisar e assinalar os elementos que enriquece, justifica ou dificultam o processo de aprendizagem na escola. Aconselhar e colaborar também faz parte do trabalho do psicopedagogo juntamente com a equipe gestora em prol do desenvolvimento de ações animadoras que trazem mudanças educacionais, visando impedir que surjam dificuldades nos processos da construção do conhecimento. Portanto, é fundamental a atuação do psicopedagogo em ações diversas no contexto escolar, levando em conta as necessidades, os conflitos e as especificidades apresentados por cada aluno, nesta perspectiva ele fortalece uma ligação com os pais, gestores e equipe pedagógica.

ANAMNESE E DIAGNÓSTICO

Após uma sondagem investigativa detalhada com a família/paciente o psicopedagogo realizará a anamnese. Um conjunto de informações/entrevista de análise que levará ao diagnóstico e tratamento.

Para chegar a um diagnóstico satisfatório é necessário avaliar pelo menos 6 sintomas em ambientes diferenciados: casa, família, escola, casa de parentes, amigos, clube etc. E que alguns

desses sintomas tenham aparecido antes dos 7 anos de idade. O encaminhamento a um neuropediatra é imprescindível para isolar outras possibilidades diagnósticas como a depressão, ansiedades conduta destrutivas, agressivas, entre outros diagnósticos. Paralelamente o exame médico, busca-se atender as queixas da família e as queixas na idade escolar. Buscar entender a dinâmica da criança/paciente como: qualidade das relações parentais, maternagem bem feita, o exercício da autoridade, a divisão de tarefas domésticas, a circulação do conhecimento, o lugar de cada um na família também conhecer o contexto Educacional: a escola e suas metodologias adotadas, às exigências acadêmicas de propostas pelos professores como se trabalha os conteúdos o tempo destinado a execução de cada tarefa como lidam com a indisciplina e o tipo de avaliação no desempenho escolar. Em muitos casos é necessário também fazer um diagnóstico com a família. Muitas delas acreditam que o déficit desaparecerá com a maturidade e optam por aguardar que esta fase passe. No entanto o mais comum é persistir à dúvida apesar do diagnóstico quanto à forma mais eficaz de trabalhar com a criança/ paciente ou até mesmo de duvidar da veracidade das informações dos sintomas listados O diagnóstico é clínico e não existe exames laboratoriais para detectar déficit, portanto, é importantíssimo um conjunto de observadores atentos e criteriosos voltados a objetivar e avaliar as especificidades de cada criança/paciente. É ponto de concordância avaliar para que possamos entender com competências criteriosos e atentos as especificidades. É importante destacar que a TDAH tende a perdurar por longo da vida, ou seja, ela pode ser controlada, mas os adolescentes e adultos também sofrem as suas manifestações, principalmente se não forem tratadas. No diagnóstico clínico, o neuropediatra dará as informações da situação orgânica da criança, mas geralmente a quem se aparece por uma necessidade escolar ou um relacionamento. De acordo com o Vasconcelos, (2002, página 83) “...De fato, se pensarmos em termos bem objetivos, a avaliação nada mais é do que localizar necessidades e se comprometer com a sua superação”. Ao avaliar uma criança com hiperatividade, deve-se ter muito cuidado com avaliação, pois todas as crianças agitadas são chamadas de hiperativas, o que na grande maioria das vezes não é verdade. A falta de limite e a presença de pai, professores, educadores e disciplinadores podem vir a confundir e a rotular, inadequadamente, crianças e adolescentes, de fato, não precisa de medicamentos, mas a presença de adultos comprometidos com a sua formação e desenvolvimento. Segundo Fernandes (1990) afirma que:

” O diagnóstico, para o terapeuta, deve ter a mesma função que a rede para um equilibrista. É ele, portanto, a base que dará suporte ao psicopedagogo porque este faça o encaminhamento necessário. É um processo que permite ao profissional investigar, levantar hipóteses provisórias que serão ou não confirmadas ao longo do processo recorrendo, para isso, a conhecimentos práticos e teóricos”.

METODOLOGIA E TRATAMENTO

Quando falamos de metodologia e tratamento na educação especial, inclusão, ou no déficit de aprendizagem, fazemos algumas considerações em relação a aquisições de equipamentos, mobiliários e materiais específicos como:

Chocalhos Sensoriais



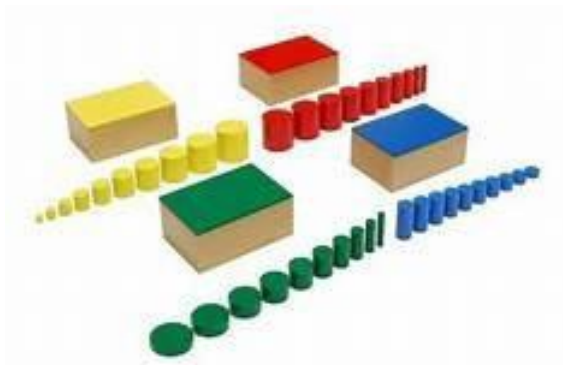
Segurar o chocalho diante do rosto do bebê e chamar sua atenção para que o veja.

Deslocar da direita para a esquerda, incentivando-o a acompanhar com o olhar.

Balançar o chocalho na frente do bebê para que o som atraia sua atenção e ele estenda a mão para agarrá-lo.

Com o bebê de bruços, deslocar o chocalho da esquerda para a direita à sua frente. Balançar o chocalho acima do bebê para que o som o atraia e ele levante a cabeça e movimente-a, fortalecendo os músculos do pescoço e peito.

Jogos - Os jogos sensoriais são usados para ajudar a criança a explorar o mundo ao seu redor por isso essa é uma atividade essencial no desenvolvimento das crianças para a exploração e experimentação. A criança usa as suas habilidades cognitivas para processar as informações que recolhe a partir dos seus sentidos. Como a maior parte das habilidades cognitivas são aprendidas, elas podem ser melhoradas.



Elas ajudam:

- Motricidade Fina
- Criatividade
- Desenvolvimento Emocional
- Desenvolvimento cognitivo: da linguagem, da motricidade fina e grossa, das capacidades de resolver problemas e da interação social.

- Promovem o desenvolvimento e valorização sensorial da memória.
 - São ótimos para acalmar bebês e crianças ansiosas ou frustradas.
- Você pode trabalhar de diferentes formas e para cada idade.

Tapetes sensoriais com macarrão, tampinhas, papeis com texturas



Um caminho de embalagem de ovo para as crianças pisarem, estimulando as sensações.



Garrafinhas e embalagens sensoriais, com cores diferentes, sementes, lantejoulas, e objetos.
(lembre-se de fechar bem)

CONCLUSÃO

Neste estudo, procuramos detalhar a importância do psicopedagogo institucional, ele é o profissional da área de educação e saúde especialista na questão da aprendizagem. Ele é um terapeuta da aprendizagem para crianças, adultos, adolescentes e idosos que tem dificuldade de aprendizagem memorização ou outros fatores.

O trabalho dele consiste na prevenção, diagnóstico e tratamento, utiliza algumas técnicas avaliativas para diagnosticar, dentro dessas técnicas existe a questão da avaliação (anamnese) que é o primeiro passo para fazer avaliação, através de informações fornecidas, ele vai fazer um trabalho de investigação e analisar dados entre a escola e a família para chegar uma hipótese diagnóstica. E como é feita essa hipótese diagnóstica para identificar as causas do paciente? Que podem apresentar vários sintomas manifestados de formas diferentes. Às vezes por dificuldade de aprendizagem baixo rendimento escolar, agitação, falta de concentração entre outros fatores.

O psicopedagogo vai fazer um plano terapêutico para o tratamento desse paciente a partir de que ele tem a hipótese diagnóstica já pronta, pode existir a necessidade de encaminhar o paciente para um outro profissional como psicólogo, psiquiatra, fonoaudiólogo e assim por diante. Normalmente quando ele percebe essa necessidade faz o encaminhamento e eles trabalham em conjunto ministrando um trabalho multidisciplinar, cada um atuando na sua área estará ajudando o paciente a desenvolver as habilidades necessária para a melhora do seu desenvolvimento e suas habilidades.

REFERÊNCIAS

Bernardino, L. M. F. (2010). **Mais além do autismo**: a psicose infantil e seu não lugar na atual nosografia psiquiátrica. *Psicologia Argumento*, 28(61), 111-119.

BOSSA, Nádía A. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. RS, Artmed, 2007. BRASIL,

CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva com os pingos nos “is”**. 7 ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

Fernández, A. (1990). **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

JERÔNIMO SOBRINHO, Patrícia. **Fundamentos da Psicopedagogia**. Patrícia

Jeronimo Sobrinho. – São Paulo, SP: Cengage, 2016.

Brasil - **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996** -Art.59- LDB –9.394/96 - Leis de Diretrizes e Base da Educação

LEMOS, E. L. M. D.; SALOMÃO, N. M. R.; AGRIPINO-RAMOS, C. S. **Inclusão de Crianças Autistas: um Estudo sobre Interações Sociais no Contexto Escolar**. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v. 20, n. 1, Jan.-Mar. 2014. Disponível em: Acesso em: 28 mai. 2016.

MOTA, M; GOMES, V. **Psicologia aplicada aos problemas de aprendizagem**: uma perspectiva histórica. In: MOTA, M; PAIVA, M G; TRINDADE, V.(orgs). *Tendências contemporâneas em psicopedagogia*. Petrópolis: Vozes, 2004. cap.1,p.9-16 NUTTI, J. Distúrbios, transtornos, dificuldades e problemas de aprendizagem.

VASCONCELLOS, Celso. **Avaliação da aprendizagem**: construindo uma práxis. In: *Temas em educação – 1º Livro da Jornadas de 2002*. Futuro Eventos.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

A IMPORTÂNCIA DAS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lilian Oliveira

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é apresentar a importância das artes visuais na educação infantil, atentar para o grande leque de possibilidades e desenvolvimento de habilidades e aprendizagens dos pequenos através da produção, fruição e imaginação. Despertar sentido através da observação, percepção, imaginação, criatividade, sensibilidade e criticidade, desenvolvendo habilidades indispensáveis para a construção da identidade e personalidade. Contribuindo para formação de um adulto com senso crítico, responsável e politizado. Uma ferramenta capaz de transformar, moldar, aproximar através de uma apreciação imagem, música, poesia, pintura, danças, desenhos com ou sem recursos tecnológicos.

A arte promove aproximação e ajuda as pessoas se comunicarem de muitas formas encontrando novas maneiras de se expressarem através dos desenhos, da música, da dança, encurtando as barreiras, favorecendo o aprendizado e as trocas naturalmente.

Desde a antiga Grécia com a compreensão da “cultura e do belo” na valorização da estética, no físico e na educação, presentes em diversas áreas do conhecimento. Sendo a arte um conhecimento imprescindível, que abordaremos melhor nesta pesquisa, trataremos de suas contribuições para a educação infantil nos eixos que mais completem os pequenos como as interações e brincadeiras apresentadas na musicalização, dança, gestos e movimentos.

“Há milhares de anos as pessoas fazem imagens que representam o mundo que os rodeiam, utilizando diferentes materiais, técnicas e para se expressarem”.

(Coll/Teberosky, 2004: p.11)

Palavras-chave: 1. Arte, 2. Educação, 3. Imagens.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa trataremos da importância das artes visuais na educação infantil. Os bebês e crianças constituem sua identidade pessoal e social nas interações que estabelecem com diversos cenários sociais, durante as quais elas estão inseridas, aprendem a se expressar por meio de múltiplas linguagens, como exemplo as artes visuais, danças, música e teatro. Desde cedo é importante que os bebês e crianças tenham oportunidade de conviver com diferentes manifestações artísticas culturais, científicas, pois a partir dessas experiências diversificadas participam e criam um universo de experiências práticas e conceitos singulares. Ao contato com diversos recursos e materiais tecnológicos, audiovisuais, multimídia, as crianças realizam suas produções culturais, exercitando a autoria coletiva e individual, com os gestos, sons, traços, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, constituindo senso estético e crítico. Desenvolvem a sensibilidade crítica a expressão pessoal, apropriando-se dos recursos, permanentemente potencializadora de suas singularidades, amplia repertórios, experiências e vivência artística. (BNCC,2017 pág 76),

No que se refere aprendizagem significativa e desenvolvimento psico social da criança de forma a ser observada nas diferentes linguagens, também ampliar suas habilidades de imaginação, percepção e sensibilidade, ressaltando a importância do conhecimento da arte como cultura, área do conhecimento e visão de mundo.

“Só a arte permite a realização de tudo o que na realidade a vida recusa ao homem.” (Johann Wolfgang Von Goethe) “Se eu pinto meu cachorro exatamente como é, naturalmente terei dois cachorros, mas não uma obra de arte.” (Johann Wolfgang Von Goethe) “Enquanto a ciência tranquiliza, a Arte perturba.”

HISTÓRIA DA ARTE

A arte sempre fez parte da vidas dos homens, desde a arte rupestre, Grécia antiga, até os dias de hoje. Nem sempre teve seu reconhecimento como disciplina na educação brasileira, a arte esteve presente em diversos momentos até ser definida como disciplina. Começou em 1816 com o Brasil império onde foi fundada a Academia de Belas Artes por Dom João VI, após a proclamação da república passou a ser chamada de Escola de Belas Artes onde se valorizava apenas o desenho de cópias fiéis de alguns modelos europeus. Por volta de 1950 surge o modelo da escola nova e a arte passou ser valorizada como livre expressão, visando a criatividade dos alunos, mas esta prática livre não correspondia a produção profissional, para minimizar o problema em 1971 foi agregada ao curriculum escolar a lei nº5.692/71 a disciplina de Educação Artística para os cursos de 1º e 2º grau. Era representada como disciplina no século XX até meados dos anos 1960 como arte doméstica ou industrial. Com propósito artesanal, as meninas aprendiam bordado, o tricô para roupas de bebês, aulas de etiqueta, enquanto os meninos, desenvolviam habilidades para trabalhar com a madeira, manusear o serrote, martelo para confeccionar objetos utilitários. A arte como atividade.

Esta lei 5692/71 que instituiu a reforma educacional no ensino de 1º e 2º grau, tornando

obrigatório o ensino profissionalizante. bem como os anos que antecedem e sucedem ao que remete aos “anos de chumbo” da Ditadura Civil-militar no Brasil, com intuito de analisar os antecedentes da criação de uma legislação autoritária para o campo educacional, numa dada época que pressupõe censura às produções artísticas. Em meados de 1980 a arte estava relacionado às festas comemorações cívicas, folclóricas e típicas da região.

Em 1988 a Constituição Federal reconheceu a Educação Infantil como direito fundamental da criança .E em 1996 a LDB (nº 9.394) estabeleceu em seu artigo 26 paragrafo 2º, o ensino obrigatório da Arte para todos os níveis de educação básica. Este direito adquirido nos mostra a importância de se apresentar a arte e suas diferentes linguagens,principalmente na educação infantil favorecendo o aprendizado das crianças, desenvolvendo habilidades e competências nas mais diversas área do conhecimento, nas quais soma como bagagem cultural e artística ao longo de sua vida.Em 1996 a LDB passou a considerar o ensino da Arte como disciplina obrigatória da Educação Básica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais definem que ela é composta de quatro linguagens: artes visuais, dança, música e teatro.

O QUE SÃO ARTES VISUAIS ?

Artes visuais são um conjunto de manifestações artísticas como:comunicação, pintura,dança, escultura, desenho, arquitetura, artesanato, fotografia, cinema, teatro,design, arte urbana, entre outras.

A principio este conceito estava relacionado ao ato de visualizar - “ver” - por isso, integra as artes em que a fruição, ou seja, a apreciação, acontece por meio da visão. Também esta associada a uma manifestação humana essencial na comunicação e esteve sempre presente desde a antiguidade, como a arte rupestre.

Atualmente entendemos que este conceito vai além das temáticas, a arte visual contempla não somente a visão como também outros sentidos como o tato, o movimento corporal, a comunicação , a estética, os sons, a criação, imaginação e a produção de culturas, também pode ser considerada com uma ferramentas tecnológicas onde podemos citar as artes gráficas, criadas por meio de programas de computador (softwares) denominada de web art.

Este conjunto de manifestações artísticas, passou a ser desenvolvida como eixo curricular essencial para formação do individuo sociocultural e construção da identidade, através da observação, fruição e produção, ampliando suas habilidades e visão de mundo, desde a mais tenra idade.

Aprender a sentir o belo não somente pela visão, mas também com o coração,com o tato, paladar e audição, além de expressar emoções através de desenhos, formas, cores,traços, linhas e pontos.Aguçando a criticidade, sensibilidade e criação.

“As imagens visuais são constituídas por formas,cores,linhas,pontos, percebidos pela visão, mas dependem da luz e da nossa experiência.”
(Teberosky/Coll.1999. pg.11)

QUAL A IMPORTÂNCIA DA ARTE VISUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL ?

Como saber a diferença entre uma borboleta de verdade, o desenho de uma borboleta e de sua foto? Qual a semelhança? porque observar? Vemos diversas coisas todos os dias, e em cada imagem a uma informação, através da visão podemos percebê-las e compreendê-las melhor o mundo a nossa volta, a criança consegue observar melhor pela sua ingenuidade, inocência e simplicidade, pois a sua mente ainda não tem tantas informações e nem tanta poluição visual, por isso é importante estimulá-las em quanto a sua infância, pois nesta idade a criança consegue perceber a diferença entre o real que podemos tocar, e o desenho na qual reproduzimos a imagem utilizando papel e a captura de luz e alguns materiais especiais para produzir a fotografia.

Mas quando falamos em artes visuais não estamos falando simplesmente das imagens, mas também dos elementos da linguagem de comunicação visual que nos permite ter, fazer, conhecer e produzir culturas em formas de desenhos, pinturas, gravuras, esculturas e artesanato. Expressamos nossos sentimentos e anseios em forma de desenhos e código de comunicação.

A arte é responsável por iniciar a formação cultural e a construção de aspectos intelectuais, sociais, emocionais, perceptivos, físicos, estéticos e criativos. Ela representa uma ferramenta para expressar o mundo, influencia a leitura e releitura que as pessoas fazem da sociedade e de si mesmas. Dessa forma, é possível distinguir os próprios sentimentos e descobrir como expressá-los. A arte proporciona um olhar mais crítico a respeito dos elementos e das situações que nos cercam, pois fornece mais conhecimento sobre a vida em sociedade. Com isso, é possível enxergar o mundo com diferentes perspectivas, sensações e questionamentos. Sendo assim, o ensino de artes deve incluir técnicas e conceitos relacionados à faixa etária de cada turma, além de experiências sensoriais, corporais e expressivas. Assim, os docentes terão capacidade para desenvolver todas as competências e habilidades.

“A arte atribui-se significado à coisa observada; e pelo o julgamento especula-se acerca de seu valor. Sua proposta segue sempre o método comparativo análise crítica de obras de arte” (Barbosa, 1994; 49-50).

Sabemos que todo ser humano é um sujeito social e histórico, que faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade com um determinado contexto social e cultural, nestas sociedades elas constroem o conhecimento à partir das relações que estabelecem entre si mesmas, com as outras pessoas e com o meio em que vivem. Estas relações de convivência em sociedade, ocorrem já desde muito cedo; e a escola como um espaço transformador, garantem o protagonismo dos bebês e crianças, nas interações e brincadeiras, Pensando neste primeiro momento, ao se depararem com um “novo”. A sensação de desconforto causado pelo desconhecido, gera insegurança em qualquer idade, e na educação infantil esse processo é ainda mais intenso. A arte inicialmente manifestada pelas professoras através da música, dança, gestos e brincadeiras trazem conforto e curiosidade infantil. Além das vivências cotidianas que trará todo um contexto pedagógico na execução da rotina, certamente fortalecerão os vínculos de confiança e respeito mútuo, aumentando suas conquistas tanto nos territórios do brincar como na construção de sua identidade. Sabendo que a criança é um corpo brincante e visto que é por

meio das brincadeiras e das interações que o aprender a arte de viver e a escola cumpre seu papel nas mais variadas linguagens artísticas que oportunizam aprendizagens significativas.

Por acreditar que as aprendizagens acontecem de forma planejada e intencional, através das observações e escuta das crianças das interações e brincadeiras, com propostas que estimulam e ampliam as aprendizagens de forma integral, lúdica e harmoniosa que contemplem todos os aspectos: Cognitivo, afetivo, social e motor, o professor media as relações, organiza espaços e materiais para inserção dos bebês e criança desde cedo nas múltiplas linguagens e de experimentação com respeito ao meio ambiente e aos seus recursos, com utilização de diferentes ambientes e materiais como sucatas, texturas, cores, caixas, elementos da natureza, terra, areias, água, pedras, jogos, desenhos e pinturas, pesquisas, leituras, brincadeiras de faz de contas, contação de história, construção da sua identidade com ganhos expressivos em todo seu desenvolvimento de forma integral. Segundo a BNCC (BRASIL, 2017 pag. 70) afirma que. “Crianças e bebês são criativos e sensíveis, expressa-se com diferentes linguagens, sensações corporais, necessidades, opiniões, sentimentos e desejos, narrativas, registros de conhecimentos elaborados a partir de diferentes experiências, envolvendo tanto a produção de linguagens quanto a fruição das artes em toda sua manifestação”

A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL - BNCC

Segundo a BNCC traz orientações sobre o ensino da arte na educação infantil, contemplando a sua pluralidade e diferentes manifestações culturais visuais de diferentes regiões. Com isso, é importante que na escola os bebês e crianças ampliem a sua compreensão da comunicação visual, corporal e artísticas, através das interações e brincadeiras produzindo, conhecimento de mundo e culturas infantis.

Dança

É importante para desenvolver a expressão pelo movimento corporal. No documento, é definido que essa manifestação artística tem o papel de articular processos cognitivos e experiências sensíveis. Nesse sentido, o papel do professor é estimular a compreensão do próprio corpo e suas relações com o ambiente. As crianças pequenas adoram se movimentar. Elas vivem suas emoções e demonstram seus sentimentos com o corpo inteiro: Se estão alegres, pulam, correm e brincam. Se estão tristes, ficam apáticas e quietas e sua expressão corporal revela o que sentem. “Para Wallon (1956/1975b), o ato motor é responsável pelos deslocamentos do corpo e por seu equilíbrio. No início, os movimentos são sincréticos e, posteriormente, tornam-se controlados e ajustados às situações apresentadas pelo meio. Com o aperfeiçoamento dos movimentos, a criança vai percebendo as relações entre cada parte de seu corpo e entre os objetos que a circundam. O movimento apresenta três formas: passivo ou exógeno, ativo ou autógeno e movimento das reações posturais. Todas as três têm sua importância na evolução do psiquismo infantil e condicionam-se mutuamente, podendo combinar-se de diferentes formas e com diferentes graduações, variando de pessoa para pessoa. O movimento passivo ou exógeno refere-se aos deslocamentos que possibilitam ao corpo atingir seu equilíbrio, enquanto o movi-

mento ativo ou autógeno refere-se aos deslocamentos intencionais do corpo, ou de partes dele, no tempo e no espaço. Já o movimento das reações posturais caracteriza-se por mímicas ou expressões corporais e faciais. Esse tipo de movimento tem origem na variação das emoções, e seus deslocamentos.” Ele nos lembra que a criança pequena utiliza seus gestos e movimentos para apoiar seu pensamento, como se este se projetasse em suas posturas. O movimento é uma linguagem, que comunica estados, sensações e idéias: “O corpo fala”. Na Educação Infantil, o corpo expressa o tempo todo, não somente características biológicas e físicas, mas também nas vivências e situações cotidianas que relacionadas com a etnia-raça, gênero, classe e identidade social e cultural, por meio propostas e atividades em que as crianças possam conhecer e valorizar as possibilidades expressivas do próprio corpo, através do olhar, tato, paladar, audição, olfato, visão e todas as sensações, gestos e movimentos.

As crianças brincam o tempo todo com o corpo, se expressam através da dança, identificam seus limites e potencialidade ao mesmo tempo, desenvolvem a consciência entre o que é risco e o que é seguro.

Música

De acordo com a BNCC, a música relaciona aspectos culturais da humanidade por meio da sensibilidade sonora. Dessa maneira, os alunos podem vivenciar a música na escola por meio de apreciação, manipulação e criação, além da aprendizagem teórica.

A musicalização na educação infantil é um assunto de grande importância para o desenvolvimento das crianças. A música tem o poder de proporcionar experiências, histórias e memórias únicas. Ao apresentar a música aos alunos, eles desenvolvem habilidades cognitivas, emocionais e sociais bem como suas habilidades musicais que visa promover o interesse e o desenvolvimento de competências musicais. O objetivo é mostrar que a musicalização é um importante instrumento pedagógico e que ensinar música às crianças pode ser estimulador e divertido. Mostrando a curiosidade e o interesse, desenvolvendo sua criatividade, seus sentimentos e suas memórias.

Poderão ser abordados conceitos básicos, jogos, técnicas de ensino e recursos didáticos para que possam desenvolver habilidades musicais. Também terão a oportunidade de aprender sobre a história da música, bem como sobre os diferentes ritmos e estilos musicais, além de praticar habilidades de escuta e improvisação.

O objetivo é proporcionar oportunidades para desenvolver habilidades musicais, tais como ouvir, cantar e improvisar, os diferentes ritmos e estilos musicais, de forma lúdica e prazerosa.

Teatro

Essa arte possibilita explorar jogos dramáticos, improvisações, atuações e peças de construção coletiva. Ele é um importante recurso para o desenvolvimento da percepção corporal, da memória, da imaginação e da reflexão.

Artes Integradas

A última unidade temática da BNCC é a de Artes Integradas, que contempla recursos das

demais áreas destacadas — artes visuais, dança, música e teatro — de maneira associada. A ideia é que os alunos possam aproveitar elementos artísticos das diferentes categorias ao mesmo tempo. Para isso, pode também se valer das novas tecnologias.

As atividades de artes precisa envolver as seguintes dimensões do desenvolvimento:

- criação;
- expressão;
- crítica; e reflexão.

Dessa forma, não basta conhecer as produções artísticas, sendo importante que os bebês e crianças também tenham a oportunidade de experimentar a prática e ser protagonistas.

Podendo todos participar da criação com instrumentos ou brinquedos com material reciclado. Também podem ser feitas atividades lúdicas que combinem as artes, como uma peça de teatro musical com dança em que as crianças participem da elaboração do cenário.

É essencial que os professores conheçam a BNCC para artes e se guiem a partir do documento para definirem os objetivos em seus planos de ensino. Com isso, podem construir planos de aula que desenvolvam habilidades importantes dos alunos para cada etapa da educação. ”

A utilização da imagem como referencia para a arte é ,criticada pelos adeptos da livre expressão é grandemente defendida pela DBAE por acreditar trata-se de um processo natural e inevitável para aprendizagem das crianças.

“Se as crianças já se baseiam nos desenhos de outras mais velhas, nas historias em quadrinhos e nos desenhos animados da TV para a construção de seu imaginário,então porque não fazer uso de imagens de melhor qualidade” (Osinski, 2001 : 111)

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada através de:

- Livros didáticos pesquisas - A arte como experiencia,Ensino de Arte,Educação no olhar ensino das Artes.
- Aulas na universidade .Adaptação de aulas presenciais/material de apoio.
- Pesquisas na Web.http.Wikipedia.gov.br.
- Apostila de Estudos.unisa -mod.IX
- Referencial Curricular Nacional para Ed.Infantil -Brasilia,1998b.
- LDBEN - Lei 9.394/96.
- BNCC (BRASIL,2017

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procuramos apresentar a arte em suas diferentes linguagens para educação infantil favorecendo o aprendizado ,desenvolvendo habilidade e competência para as áreas do conhecimento,na qual somará como bagagem artística e visão de mundo, percebendo o quanto a arte nos influenciam e nos consolidam para uma base forte e construção da identidade.

Observamos, analisamos, criamos e reproduzimos sentimentos e emoções. Além de trazer uma grande reflexão sobre o papel da arte e a formação dos bebês e crianças como protagonistas e sujeitos de direitos. Dando à arte um papel de destaque na educação infantil, ela é a base, o alicerce para uma vida adulta, social e crítica, ela alavanca nossas habilidades, nos prepara para o futuro e nos remete a uma profunda reflexão de como nos tornarmos cidadãos melhores, conscientes e responsáveis.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa foi enfatizar a importância da arte na educação infantil, em concordância com várias áreas do conhecimento favorecendo a aprendizagem e o desenvolvimento significativo. Preparando nossos bebês e crianças para a vida adulta com sensibilidade, criatividade e imaginação, habilidades indispensáveis para um futuro próspero e pleno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arte - Estudo e ensino 2. Arte - História 1. Título. II. Séri
BNCC (BRASIL, 2017, p.70,76). Arte- Psicologia 2. Percepção visual I. Grado, Vicente di. II.
Sooma Emiko. III.

Título

1999 César Coll/Ana Teberosky/TEC.AM

Conde de Salvatierra, 5 Ent. 2ª - 08006 Barcelona, Espanha.

Equipe Brasileira

Editora: Miriam Goldfeder.

Edição de Texto: Claudemir D. de Andrade, Emilio Satoshi Hamaya e

Marcia Camargo. (2004)

Arnheim, Rudolf, 1904

Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora: nova Versão/

Rodolf Arnheim, tradução de Ivone Terezinha de Faria. -- São Paulo: pioneira

Thompsom Learning, 2002.

Título original: Art an visual percepcion.

14.reimp.da 1. ed.de 2002

ISBN 85-221-0148-5

Osinski, Dulce Regina Baggio

Arte, História e Ensino: uma trajetória/Dulce Regina Baggio Osinki - São Paulo,

Cortez, 2001 - (Coleção questões da nossa época; v.79 Bibliografia

ISBN 85-249-0775-4

(Johann Wolfgang Von Goethe) Conceitos, Reflexões E Citações Sobre Arte. - Curso de Redação - Priscila Germosgeschi (cursoderedacao.net)